
Jerry Bridges
DEUS
ESTÁ MESMO NO
CONTROLE?
Confiando em Deus
nas adversidades e
angústias da vida
VIDA NOVA


Jerry Bridges
DEUS
ESTÁ MESMO NO
CONTROLE?
Confiando em Deus
nas adversidades e
angústias da vida
VIDA NOVA

DEUS
ESTÁ MESMO NO CONTROLE?


CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bridges, Jerry

Deus está mesmo no controle : confiando em Deus nas adversidades e angústias da vida / Jerry Bridges ; tradução de Jurandy Bravo. — São Paulo : Vida Nova, 2018.

160 p.

ISBN 978-85-275-0854-4

Título original: Is God really in control? Trusting God in a world of hurt

1. Sofrimento – Aspectos religiosos - Cristianismo 2. Confiança em Deus I. Título II. Bravo, Jurandy

18-0926 CDD 248.86

Índices para catálogo sistemático:

1. Sofrimento – Aspectos religiosos: Deus

Jerry Bridges

DEUS ESTÁ MESMO NO CONTROLE?

Confiando em Deus nas adversidades e angústias da vida

Tradução
Jurandy Bravo

VIDA NOVA

©2006, de Jerry Bridges

Título do original: Is God really in control? Trusting God in a world of hurt, edição publicada pela NAVPRESS (Colorado Springs, Colorado, EUA), em coedição com TYNDALE HOUSE PUBLISHERS (Carol Stream, Illinois, EUA)

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA

Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020

vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.a edição: 2018

Proibida a reprodução por quaisquer meios,

salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram extraídas da Almeida Século 21. As citações com indicação da versão in loco foram traduzidas diretamente da

New International Version (NIV).

DIREÇÃO EXECUTIVA

Kenneth Lee Davis

GERÊNCIA EDITORIAL

Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO

Cristina Ignacio

Caio Medeiros

PREPARAÇÃO DE TEXTO

Victória Cardoso

Guilherme Lorenzetti

REVISÃO DE PROVAS

Ubevaldo G. Sampaio

GERÊNCIA DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO

Sandra Reis Oliveira

CAPA

OM Designers Gráficos

Para

Tom e Sue Lutz

e para a congregação da igreja

Edgewood Baptist Church.

SUMÁRIO

Prefácio

UM. Você pode confiar em Deus?

DOIS. Deus está mesmo no controle?

TRÊS. A soberania de Deus sobre as pessoas

QUATRO. O poder de Deus sobre a natureza

CINCO. A soberania de Deus e a nossa responsabilidade

SEIS. A sabedoria de Deus

SETE. Experimentando o amor de Deus

OITO. Crescendo em meio à adversidade

NOVE. Escolhendo confiar em Deus

DEZ. Sempre dando graças

PREFÁCIO

Na manhã do dia 29 de agosto de 2005, uma segunda-feira, grande parte da barragem de contenção situada na rua 17, em New Orleans, cedeu à elevação anormal do nível de água, elevação provocada pelo furacão Katrina. Em poucas horas, mais duas barragens se romperiam, inundando 80% da cidade. Embora os prejuízos do desastre ainda estejam sendo calculados enquanto escrevo estas palavras,[1] a devastação já é considerada o pior desastre natural a atingir os Estados Unidos desde o terremoto de São Francisco em 1906, responsável pela morte de seis mil pessoas.

Gravado em nossa memória também está o dia depois do Natal de 2004, quando um terremoto de mais de mil quilômetros de extensão sob o oceano Índico criou um tsunami que causou a morte de mais de duzentas mil pessoas e desalojou outros milhões no sudeste asiático.

Ainda há outros tipos de tragédias que assombram nossa época. Em 7 de julho de 2005, quatro explosões poderosas sacudiram o sistema de transporte de Londres, matando mais de cinquenta pessoas e ferindo ao menos setecentas. Foi o pior ataque terrorista na Grã-Bretanha desde a Segunda Guerra Mundial. Um incidente similar, porém ainda mais mortal, ocorreu em Madri, em março de 2004. E ainda mais devastadores do que estes para a vida humana e a propriedade foram os terríveis ataques terroristas do 11 de Setembro na cidade de Nova York e em Washington, D.C.

Na boca de muita gente surge a indagação: “Onde está Deus em tudo isso?”. E talvez com ainda mais insistência: “Onde está ele em relação às adversidades em minha vida pessoal?”. Em meio a essas perguntas, pareceu-me o momento de reexaminar uma mensagem que escrevi no final da década de 1980 — período anterior a muitas das tragédias mencionadas aqui — e propor outra vez a

seguinte pergunta para as Escrituras: Deus está mesmo no controle?

Meu livro anterior, Trusting God [Confiando em Deus],[2] foi fruto de longo estudo da Bíblia sobre o tema da soberania de Deus nos acontecimentos que envolvem seu povo. Ao longo dos quatro anos de estudo, encontrei muita gente lutando contra as mesmas questões que eu: Deus controla de fato as circunstâncias da nossa vida, ou coisas "ruins" simplesmente nos acontecem porque vivemos em um mundo amaldiçoado pelo pecado? Se Deus controla mesmo as circunstâncias da nossa vida, por que permitiu que meu amigo fosse acometido por um câncer? Posso confiar em Deus, de fato, quando tudo se complica em diferentes áreas da minha vida?

Desde a publicação de Trusting God, muita coisa mudou no aspecto geral do nosso mundo. Mesmo assim, estou convencido de que a mensagem que Deus nos faria ouvir hoje não mudou. Este novo livro, portanto, resume minha luta contínua com essa questão teológica bastante difícil, mas, no fim, reconfortante. Ele nasceu das necessidades enfrentadas em minha vida e da constatação de que muitos outros crentes têm questionamentos e dúvidas semelhantes. Foi escrito da perspectiva de um irmão e companheiro de todos aqueles que se sentem tentados a perguntar de vez em quando: "Posso mesmo confiar em Deus?".

Como falei desse assunto ao longo dos últimos quinze anos, tornei-me muito mais consciente das amplas e frequentes ocorrências de adversidades ao meu redor. Eu não percebia — com a perspicácia de agora — a natureza difusa do sofrimento e da angústia, em especial entre os que seguem a Cristo. Em consequência dessa minha percepção mais apurada em relação ao sofrimento à minha volta, descobri-me perguntando com frequência: "Creio de verdade no que estou escrevendo?".

Outra dificuldade para mim tem sido a constatação de que muitos dos meus amigos experimentaram adversidade muito maior do que eu experimentei. Quem sou eu para buscar escrever-lhes palavras de instrução e encorajamento, quando

não provei medida de dor como a deles? Minha resposta é a constatação de que a verdade da Palavra de Deus e o encorajamento que ela se destina a dar não dependem da minha experiência. Não escrevi este livro sobre minhas experiências, que não são particularmente incomuns. Escrevi-o como um estudo bíblico sobre Deus e sua soberania, amor e sabedoria, conforme a relevância que tudo isso tem em relação às adversidades que todos encontramos.

Deus está mesmo no controle? foi escrito para a pessoa comum que não vivenciou necessariamente grande catástrofe, mas que enfrenta, com frequência, as adversidades e angústias típicas da vida: a gravidez interrompida contra a vontade, a perda do emprego, o acidente de carro, o filho ou filha rebelde, o professor injusto da faculdade. Esses acontecimentos não constituem notícias de "primeira página"; na verdade, costumam permanecer escondidos em um coração partido ou confuso.

Espero com toda a sinceridade que nenhuma das declarações feitas por mim nos próximos capítulos se mostre como resposta superficial e fácil para problemas difíceis de adversidade e sofrimento. Não existem respostas fáceis. A adversidade é difícil, mesmo quando sabemos que Deus está no controle das nossas circunstâncias. Na verdade, esse conhecimento às vezes tende a exacerbar a dor. "Se Deus está no controle", perguntamos, "por que permitiu que isso acontecesse?"

A maior parte do conteúdo deste novo livro foi publicada no anterior, Trusting God. Ao criar esta nova obra, tenho dois propósitos em mente: primeiro, desejo que uma nova geração de leitores glorifique a Deus reconhecendo sua soberania e bondade. Segundo, desejo incentivar o povo de Deus em um mundo pós-11 de Setembro, demonstrando pelas Escrituras que Deus está no controle de suas vidas, que de fato os ama e que opera todas as circunstâncias da vida para seu bem maior.

O leitor observará uma abundância de citações de outros escritores. No entanto,

este livro não é mera síntese do ponto de vista de outras pessoas. As convicções básicas declaradas nestes capítulos são o resultado do meu estudo bíblico pessoal, realizado no decorrer de um longo período de tempo. Reconheço, contudo, minha dívida para com outros autores na confirmação e, em algumas circunstâncias, no esclarecimento da minha compreensão de algumas dessas verdades.

Você verá que me reporto com frequência aos puritanos ingleses (e seus herdeiros teológicos mais recentes), bem como ao teólogo holandês G. C. Berkouwer. Os puritanos dos séculos 16 e 17 travaram uma grande luta com a questão da soberania de Deus, em parte por causa da perseguição em virtude de sua fé. Creio que suas vozes (bem como as de quem escreve segundo sua tradição) podem continuar a nos instruir em nosso tempo de incertezas. O professor Berkouwer, todavia, viveu de 1903 a 1996. Sua vida abrangeu as duas guerras mundiais e as tremendas mudanças forjadas pelo século 20. Dizem que esse século foi o mais brutal, especialmente no que diz respeito a seus horrores genocidas. O dr. Berkouwer teve muito que ponderar em relação ao governo soberano de Deus. Ele conquistou o respeito de amplo espectro de cristãos da sua época e, por isso, sinto que seu pensamento é útil para uma nova geração.

Por fim, quero prestar homenagem à minha primeira esposa, Eleanor, hoje com o Senhor, a qual experimentou grande adversidade quando eu ainda escrevia meu livro anterior, por seu amor e pelos sacrifícios que fez para permitir-me o tempo para estudar e escrever.

[1] A primeira edição do livro foi publicada em 2006. (N. do E.)

[2] Colorado Springs: NavPress, 1988 [edição em português: Confiando em Deus: mesmo quando a vida nos golpeia, aflige e fere (São Bernardo do Campo: NUTRA, 2013)].



UM

VOCÊ PODE CONFIAR EM DEUS?

Invoca-me no dia da angústia;

eu te livrarei, e tu me glorificarás.

SALMOS 50.15

Acontecimentos trágicos revelam nossas dúvidas mais profundas e pessoais acerca de Deus. Muitos observaram, por exemplo, que a assiduidade das pessoas a igrejas nos Estados Unidos aumentou depois dos ataques terroristas de 11 de Setembro. As pessoas estavam buscando por respostas. Se a dificuldade é grande ou pequena, se nos atinge pessoalmente ou se apenas assistimos a ela pela TV, temos a tendência, em tempos de adversidade, de procurar respostas para nossos questionamentos mais profundos.

É claro, algumas pessoas menosprezam a Deus e chegam até a expressar raiva dele. Logo depois do tsunami no sul da Ásia, em 26 de dezembro de 2004, um colunista do The Herald, de Glasgow, na Escócia, escreveu:

Deus, se é que existe um, deveria ter vergonha de si próprio. A absoluta monstruosidade do desastre do tsunami asiático, a morte, a destruição e o caos que provocou e a escala da miséria que causou com certeza devem testar a fé até do crente mais convicto. […] Espero ter razão quando afirmo que não existe Deus algum. Porque, se existisse, então ele teria de assumir a culpa. Na minha conta, ele seria tão culpado quanto o pecado, e eu não iria querer saber dele.[1]

Uma pesquisa online disponível por vários meses depois do tsunami no website

Beliefnet perguntava: “Deus tem algo a ver com desastres naturais como o tsunami?”. Os resultados demonstraram, de forma consistente, que quase metade de quem se manifestou concordava com a seguinte afirmação: “Embora eu acredite em Deus, o sobrenatural não teve nada a ver com essa tragédia”.[2]

Mas, assim como manchetes suscitam dúvidas sobre o envolvimento de Deus, o mesmo vale para a tragédia pessoal; talvez até mais, pois muitas vezes sofremos sozinhos com nossas dúvidas e ansiedades. Enquanto escrevia este livro, sete amigos meus lutavam contra o câncer. Um dia, durante o almoço, um empresário, e também amigo, confidenciou-me que sua empresa se aproximava da falência. Outro amigo estava angustiado por causa de um adolescente rebelde em relação às coisas espirituais. A verdade é que todos nós enfrentamos a adversidade de várias formas e em diferentes momentos. Um dos livros mais vendidos nos últimos anos, escrito por um psiquiatra, apresenta muito bem o problema com uma simples declaração de abertura: “A vida é difícil”. Na verdade, às vezes a vida é mesmo bem dolorosa.

A adversidade, com a dor emocional que a acompanha, apresenta-se de diversas formas. Pode ser a angústia de um casamento infeliz, a decepção de uma gravidez interrompida ou a dor por causa de um filho espiritualmente indiferente ou rebelde. Existe a ansiedade de quem responde pelo ganha-pão da família e acaba de perder o emprego, e o desespero da mãe jovem que se descobriu portadora de uma doença terminal.

Outros vivenciam a frustração de esperanças desfeitas e dos sonhos não realizados: um negócio que deu errado ou uma carreira profissional que nunca decolou. Outros ainda experimentam o ferrão da injustiça, a angústia monótona da solidão e a dor penetrante do luto inesperado. Existe a humilhação da rejeição por parte de outros, a ferida que arde com o preconceito racial, a dor e confusão do rebaixamento de cargo no trabalho e, às vezes, o pior de tudo: a angústia do fracasso por culpa própria. Enfim, há o desespero de constatar que algumas circunstâncias difíceis — uma enfermidade física nossa ou talvez um filho com uma séria deficiência — jamais mudarão.

Todas essas circunstâncias e fatos contribuem ainda mais para a ansiedade e a dor emocional que todos nós experimentamos em diversos momentos e em níveis variados. Algumas dores são repentinas, traumáticas e devastadoras. Outras adversidades são crônicas, persistentes e parecem ter sido projetadas para desgastar nosso espírito ao longo do tempo.

Somando-se às nossas próprias dores emocionais, costumamos ser chamados para ajudar a suportar a dor alheia, seja de amigos ou de familiares. Nenhum dos exemplos que usei nos parágrafos anteriores é só imaginário. Eu poderia pôr nomes de pessoas ao lado de cada exemplo. A maioria está na minha lista de oração pessoal. Quando amigos e entes queridos sofrem, nós sofremos.

Nos dias em que somos atingidos pela adversidade pessoal — ou quando crises enormes surgem na tela da nossa televisão —, até o cristão se sente tentado a perguntar: “Onde Deus está? Ele não se importa com os milhares que passam fome no leste da África, ou com os civis inocentes sendo brutalmente assassinados em muitos países pelo mundo que estão devastados pela guerra? Ele não se importa comigo?”.

Em uma escala bem menor, quem está livre de grande dor ainda assim experimenta os frequentes acontecimentos da vida cotidiana que frustram ou causam ansiedade, os quais se apoderam da nossa atenção a qualquer momento e nos roubam a paz de espírito. Férias planejadas há muito tempo têm de ser canceladas por causa de uma doença, a máquina de lavar quebra no dia em que chegam visitas, suas anotações de aula se perdem ou são roubadas um dia antes de uma prova importante, seu vestido favorito rasga a caminho da igreja e assim por diante. Exemplos dessa magnitude são numerosos. A vida está repleta deles.

É verdade que ocorrências assim banais são apenas temporárias e são rebaixadas a nível de insignificância ao lado dos eventos de fato trágicos da vida. Contudo,

para a maioria de nós, a vida é cheia desses pequenos acontecimentos, pequenas frustrações, pequenas ansiedades e pequenos desapontamentos que nos provocam — tentando nos afligir, enfurecer e preocupar. Mas mesmo em meio a essas pequenas adversidades, somos tentados a perguntar: “Posso confiar em Deus?”.

Mesmo quando a vida parece acontecer do jeito que desejamos, e nosso caminho diário se mostra tranquilo e agradável, não sabemos o que o futuro reserva. Como disse o rei Salomão: “… não sabes o que ele [o dia de amanhã] trará” (Pv 27.1). Alguém descreveu a vida como ter uma cortina grossa pendurada de um lado ao outro do caminho que trilhamos, uma cortina que recua enquanto avançamos, mas só passo a passo. Nenhum de nós pode dizer o que há para além da cortina; nenhum de nós sabe que acontecimentos um único dia ou hora pode trazer para nossa vida. De vez em quando a cortina, ao recuar, revela eventos muito parecidos com o que esperávamos, mas com frequência revela eventos bastante inesperados, e muitas vezes os mais indesejados. Tais eventos, desenrolando-se na direção contrária de nossos desejos e expectativas, costumam encher nosso coração de ansiedade, frustração, angústia e dor.

Quem segue a Cristo não está imune a essas dores. Na verdade, muitas vezes parece que sua dor é mais severa, mais frequente, mais inexplicável e sentida com mais profundidade do que a do descrente. O problema da dor é tão antigo quanto a história do homem, e igualmente universal. A própria criação, revela Paulo, geme e sofre como em trabalho de parto (veja Rm 8.20-22).

Portanto, a pergunta surge com naturalidade: “Onde está Deus em tudo isso?”. Você pode mesmo confiar em Deus quando a adversidade o atinge e enche sua vida de dor? Ele de fato vem em resgate daqueles que o buscam? Ele livra quem o invoca no dia da angústia, como o texto no início deste capítulo afirma? O amor infalível do Senhor cerca a pessoa que nele confia? (veja Sl 32.10).

Deus está mesmo no controle? É digno de confiança? Ele vai ajudar? Até o

apóstolo Paulo implorou a Deus três vezes para retirar o espinho de sua carne antes de, afinal, descobrir que a graça divina era suficiente (2Co 12.7-10). José implorou ao copeiro do faraó: “… tira-me deste cárcere” (Gn 40.14). E o escritor de Hebreus declara com grande sinceridade: “Nenhuma disciplina parece no momento motivo de alegria, mas de tristeza…” (Hb 12.11). No tempo em que trabalhei neste livro, vivenciei um desses períodos de adversidade em que achei difícil confiar em Deus. O meu período de adversidade aconteceu na forma de uma enfermidade física que potencializou uma debilidade que tive a vida inteira. Ela surgiu em um momento muito inconveniente, e por várias semanas não reagi a nenhum tratamento médico.

Durante essas semanas, orando continuamente a Deus por alívio, fui lembrado das palavras de Salomão: “Considera as obras de Deus: Quem poderá endireitar o que ele fez torto?” (Ec 7.13). Deus trouxera um incidente “torto” a minha vida, e me tornei perfeitamente ciente de que só ele seria capaz de endireitá-lo. Eu poderia confiar em Deus quer ele “endireitasse” minha situação e aliviasse minha aflição, quer não? Acreditava de fato que um Deus que me amava e que conhecia o que era melhor para mim estava no controle da situação? Poderia confiar nele, mesmo sem o compreender?

Mais ainda, eu poderia encorajar outros a confiar nele em meio a dores do sofrimento emocional? Toda ideia de confiar em Deus na adversidade não passa de um lugar-comum cristão que não se sustenta face às dificuldades da vida? Você pode realmente confiar em Deus? Pode reconhecer que ele está no controle da sua situação particular? Ele se importa?

Passei boa parte da minha vida adulta incentivando pessoas a buscar a santidade e a obedecer a Deus. No entanto, reconheço que muitas vezes parece mais difícil confiar do que obedecer a ele. A vontade moral de Deus transmitida para nós na Bíblia é racional e razoável. As circunstâncias em que devemos confiar em Deus costumam parecer irracionais e inexplicáveis. Reconhecemos de pronto que a lei de Deus é boa para nós, mesmo quando não desejamos obedecer a ela. Contudo, as circunstâncias da nossa vida muitas vezes parecem terríveis e implacáveis, ou

talvez até calamitosas e trágicas. A obediência a Deus se desenvolve dentro dos limites bem definidos da vontade revelada dele. Mas a confiança nele se exercita em uma arena que não tem fronteiras. Desconhecemos o alcance, a duração ou a frequência das circunstâncias dolorosas e adversas em que a todo instante precisamos confiar em Deus. Estamos sempre lidando com o desconhecido.

Todavia, é tão importante confiar em Deus quanto obedecer-lhe. Quando desobedecemos a Deus, desafiamos sua autoridade e desprezamos sua santidade. Mas quando deixamos de confiar em Deus, duvidamos de sua soberania e questionamos sua bondade. Em ambos os casos denegrimos sua majestade e caráter. Deus vê nossa falta de confiança nele com a mesma seriedade com que vê nossa desobediência. Quando o povo de Israel tinha fome, criticava o Senhor dizendo: “pode Deus preparar uma mesa no deserto? […] dará carne ao seu povo?” (Sl 78.19). Os próximos dois versículos nos dizem: “Quando o SENHOR os ouviu, indignou-se […] porque não creram em Deus nem confiaram na sua salvação” (Sl 78.21,22).

Eis um ponto importante: para confiarmos em Deus, devemos sempre ver nossas circunstâncias adversas com os olhos da fé, e não com os dos sentidos. E como a fé para a salvação vem pelo ouvir a mensagem do evangelho (veja Rm 10.17), assim também a fé para confiar em Deus na adversidade vem apenas pela Palavra de Deus. Só nas Escrituras encontramos uma visão adequada do relacionamento e do envolvimento de Deus com nossas circunstâncias dolorosas. É apenas das Escrituras, aplicadas a nosso coração pelo Espírito Santo, que recebemos a graça de confiar em Deus na adversidade.

Na arena da adversidade, as Escrituras nos ensinam três verdades essenciais acerca de Deus — verdades em que devemos crer, se pretendermos confiar nele na tribulação. São elas:

•Deus é absolutamente soberano;

•Deus é infinito em sabedoria;

•Deus é perfeito em amor.

Alguém expressou do seguinte modo essas três verdades em relação a nós: “Deus, em seu amor, sempre deseja o que é melhor para nós. Em sua sabedoria, sempre sabe o que é melhor, e em sua soberania, tem o poder de concretizá-lo”.

A soberania de Deus é assegurada, explícita ou implicitamente, em quase todas as páginas da Bíblia. Na minha pesquisa bíblica para este livro, nunca senti que concluí de verdade a compilação da lista de versículos sobre a soberania de Deus. Novas referências continuavam a aparecer quase toda vez que eu abria minha Bíblia. Examinaremos muitas dessas passagens nos capítulos subsequentes, mas por ora, considere apenas uma:

Quem poderia mandar e fazer acontecer as coisas,

Sem que o SENHOR não o tenha ordenado?

Não é o Altíssimo que envia tanto o mal como o bem?

(Lm 3.37,38)

Essa passagem das Escrituras escandaliza muita gente. As pessoas têm dificuldade para aceitar que tanto as desgraças quanto as bênçãos provêm de Deus. Muitas vezes indagam: “Se ele é um Deus de amor, como pôde permitir uma desgraça como essa?”. Mas o próprio Jesus confirmou a soberania de Deus

na desgraça quando Pilatos lhe disse: “Não sabes que tenho autoridade tanto para te soltar como para te crucificar?”. Jesus respondeu: “… Nenhuma autoridade terias sobre mim, se do alto não te fosse dada…” (Jo 19.10,11). Jesus reconheceu o controle soberano de Deus sobre sua vida.

Como Deus sacrificou o próprio Filho por nossos pecados, e isso é um ato tão maravilhoso de amor para conosco, temos a tendência de ignorar que essa foi para Jesus uma experiência dolorosa, muito além de tudo que podemos imaginar. Para ele, em sua humanidade, foi uma desgraça suficiente para levá-lo a orar “Meu Pai, se possível, afasta de mim este cálice” (Mt 26.39), mas ele não vacilou em sua confirmação do controle soberano de Deus.

Em vez de se escandalizar com a declaração bíblica da soberania de Deus tanto na bênção quanto na desgraça, os crentes deveriam ser confortados por ela. Qualquer que seja nossa desgraça ou adversidade particular, podemos estar certos que nosso Pai tem um propósito de amor nessa situação. Como disse o rei Ezequias: “Passei por grande sofrimento para o meu próprio bem” (Is 38.17). Deus não exerce sua soberania por capricho, mas apenas do modo que seu amor infinito considera melhor para nós. Jeremias escreveu: “Embora entristeça a alguém, terá compaixão segundo a grandeza da sua misericórdia. Porque não lhe agrada afligir nem entristecer os filhos dos homens” (Lm 3.32,33).

A soberania de Deus também é exercida em sabedoria infinita, muito além de nossa capacidade de compreensão. Após examinar as tratativas soberanas, mas inescrutáveis de Deus com seu próprio povo, os judeus, o apóstolo Paulo se curva diante do mistério dos atos divinos com estas palavras:

Ó profundidade da riqueza, da sabedoria e do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! (Rm 11.33)

Paulo reconheceu o que também precisamos reconhecer se pretendemos confiar em Deus. O plano de Deus e seu modo de implementá-lo costumam estar além da nossa capacidade de decifrá-los e compreendê-los. Precisamos aprender a confiar quando não entendemos.

Nos capítulos subsequentes exploraremos essas três verdades — a soberania, o amor e a sabedoria de Deus — mais detalhadamente. Porém, o propósito principal deste livro não é explorar essas verdades maravilhosas, mas, sim, que nos convençamos tanto delas a ponto de nos apropriarmos de todas as três — de torná-las nossas — em nossas circunstâncias diárias; que aprendamos a confiar em Deus em meio à dor, qualquer que seja a forma que ela assuma. Não importa se nossa dor é banal ou traumática, temporária ou interminável. A despeito da natureza das circunstâncias, temos de aprender a confiar em Deus se quisermos glorificá-lo em meio a elas.

Mas há uma consideração final antes de começarmos a explorar a soberania, o amor e a sabedoria de Deus. A fim de confiar em Deus, devemos conhecê-lo de modo íntimo e pessoal. Davi disse no salmo 9: “Os que conhecem teu nome confiam em ti; porque tu, SENHOR, não decepcionas os que te buscam” (v.10). Conhecer o nome de Deus é conhecê-lo de modo íntimo e pessoal. É mais do que apenas saber fatos acerca de Deus. É estabelecer um relacionamento mais profundo e pessoal com ele como resultado da busca por ele em meio ao nosso sofrimento pessoal, e é descobri-lo digno de confiança. Só quando conhecemos a Deus dessa maneira, passamos a confiar nele. Ao ler os próximos capítulos, e ao relacionar o que está aprendendo sobre Deus à sua própria situação, ore para que o Espírito Santo de Deus o capacite a ir além de apenas fatos acerca de Deus, de modo que você venha a conhecê-lo melhor e assim ser capaz de confiar nele mais plenamente.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. Que circunstâncias tentam você a questionar se de fato pode confiar em Deus?

2. Considere as três afirmações abaixo. Acerca de qual delas (se for o caso) você se sente menos convencido? Por quê?

•Deus, em seu amor, sempre deseja o melhor para nós.

•Em sua sabedoria, ele sempre sabe o que é melhor.

•Em sua soberania, ele tem o poder para ocasioná-lo.

3. Por que é tão importante aprender a confiar em Deus e não apenas obedecer-lhe? Você pode consultar Salmos 32.10, Provérbios 3.5-8, Hebreus 11.6 ou outras passagens das Escrituras mencionadas neste capítulo.

4. Considere a possibilidade de manter um diário enquanto estiver lendo este livro. Registre todas as circunstâncias em que vir o controle e a orientação de Deus em sua vida. Peça a Deus para abrir seus olhos e ouvidos para perceber esses momentos. (Você anotará só as circunstâncias agradáveis?) Começar esse registro agora o ajudará a enxergar provas concretas das verdades abordadas nos próximos capítulos.

[1] Allan Laing, “Wave that beggared my belief”, The Herald, January 4, 2005, p. 14.

[2] Beliefnet.com, extraído de uma pesquisa disponível durante o ano de 2005.

DOIS

DEUS ESTÁ MESMO NO CONTROLE?

… [Deus] o bem-aventurado e único soberano,

Rei dos reis e Senhor dos senhores.

1 TIMÓTEO 6.15

Desde sua publicação em 1981, o aclamado livro do rabino Harold Kushner, intitulado When bad things happen to good people, foi lido por milhões de pessoas. O livro tenta encontrar sentido em uma enorme tragédia ocorrida na família do autor. O rabino Kushner conclui que o autor do livro de Jó, quando "forçado a escolher entre um Deus bom que não é totalmente poderoso e um Deus poderoso que não é totalmente bom […], opta por crer na bondade de Deus".[1] Na visão do rabino Kushner sobre o ensino de Jó, "Deus quer que o justo tenha uma vida feliz e de paz, mas, às vezes, nem ele consegue proporcionar isso. É difícil demais até para Deus impedir que a crueldade e o caos reivindiquem suas vítimas inocentes".[2]

Claro, o rabino Kushner não está sozinho em sua negação do controle soberano de Deus sobre os acontecimentos da nossa vida. Cristãos, assim como não cristãos, falam o tempo todo de contratempos e acidentes, de circunstâncias além do nosso controle (e presume-se que do controle divino também) e de coisas que acontecem apenas por acaso. Ao longo dos séculos, enfermidade, sofrimento e pesar sempre suscitaram dúvidas sobre o controle e o cuidado de Deus em relação a sua criação.

A alegação natural — e até lógica, ao menos na superfície — que passa pela mente de muitos é: se Deus é poderoso e bom, por que há tanto sofrimento, tanta dor e tanta tristeza no mundo? Deus ou é bom e não é todo-poderoso, ou é

poderoso e não totalmente bom. Não se pode ter as duas coisas.

A PROVIDÊNCIA DE DEUS

A Bíblia, no entanto, nos ensina que temos, sim, as duas coisas. Deus é soberano (todo-poderoso) e bom. O ensino bíblico sobre o assunto está categorizado sob uma disciplina que os teólogos chamam de Providência de Deus.

A providência de Deus é uma expressão que às vezes usamos de modo informal para reconhecer a intervenção aparentemente periódica de Deus em nossos assuntos. Historicamente, no entanto, a igreja sempre entendeu que "providência de Deus" se refere a seu cuidado e governança sobre toda a criação, em todos os momentos. O conhecido teólogo J. I. Packer define providência como "a atividade ininterrupta do Criador por meio da qual, em transbordante generosidade e benevolência, sustenta suas criaturas em existência ordenada, guia e governa todos os acontecimentos, circunstâncias e atos livres de anjos e de homens e dirige tudo para seu objetivo predeterminado, sua glória".[3] Observe os termos absolutos utilizados por Packer: "atividade ininterrupta", "todos os acontecimentos […], todos os atos", "dirige tudo". É bem claro que não há nessa definição nenhum conceito de governança ocasional ou de meio-período da parte de Deus.

Desenvolvi para uso próprio uma definição um pouco mais curta, que consigo lembrar com mais facilidade: providência de Deus é seu cuidado constante por toda a criação e seu governo absoluto sobre ela, para sua própria glória e para o bem do seu povo. De novo, observe os termos absolutos: cuidado constante, governo absoluto, toda criação. Nada, nem mesmo o menor vírus, escapa ao seu cuidado e controle.

Mas observe também o objetivo duplo da providência de Deus: sua glória e o

bem do seu povo. Esses dois objetivos nunca trabalham um contra o outro; estão sempre em harmonia. Deus nunca busca a própria glória às custas do bem do seu povo, nem jamais busca nosso bem às custas de sua glória. Ele desenhou seu propósito eterno de modo que sua glória e nosso bem estejam indissociavelmente vinculados. Que consolo e estímulo isso deveria ser para nós! Se vamos aprender a confiar em Deus na adversidade, devemos acreditar que, tão certo como não permitir que nada subverta sua glória, Deus também não permitirá que nada estrague o bem que está operando em nós e para nós.

Em resposta à nossa pergunta do capítulo 1 — "Você pode confiar em Deus?" —, a doutrina histórica da providência divina afirma com clareza que podemos de fato confiar em Deus. Ele realmente se importa conosco, e o tempo todo — não de vez em quando apenas — governa todos os assuntos da nossa vida. Contudo, como veremos em um capítulo posterior, o governo absoluto de Deus não significa que sejamos marionetes sem liberdade de escolha e ação.

Mas, por ora, cavemos um pouco mais fundo no ensino bíblico sobre a providência divina. Precisamos considerar um aspecto específico dessa doutrina: a ação sustentadora de Deus ao manter e preservar sua criação.

DEUS SUSTENTA

A Bíblia ensina que Deus não apenas criou o Universo, mas também que o mantém e sustenta dia após dia, hora após hora. Segundo as Escrituras, o Filho está "sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder" (Hb 1.3), e "nele tudo subsiste" (Cl 1.17).

Em outras palavras, todas as coisas devem a própria existência à contínua ação sustentadora de Deus, exercida por meio do seu Filho, Jesus Cristo. As ditas leis da natureza nada mais são do que a expressão física da vontade inabalável de

Cristo. A lei da gravidade opera com exatidão ininterrupta porque Cristo deseja continuamente que assim seja. As estrelas seguem seu curso porque ele as mantém onde estão. Dizem as Escrituras: "… aquele que faz sair o exército delas segundo o seu número; ele chama a todas pelo nome. Por ser ele grande em força e forte em poder, nenhuma delas faltará" (Is 40.26).

A ação sustentadora de Deus em Cristo vai além da criação inanimada. A Bíblia diz que ele dá vida a tudo (veja Ne 9.6). "Ele é quem […] prepara a chuva para a terra e faz crescer a vegetação sobre os montes, dá alimento aos animais e aos filhos dos corvos, quando clamam" (Sl 147.8,9). Deus não simplesmente criou algo e depois foi embora. Ele sustenta de maneira constante o que criou.

Mais ainda, a Bíblia ensina que Deus sustenta a sua vida e a minha. "Pois é ele mesmo quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas. […] pois nele vivemos, nos movemos e existimos" (At 17.25-28). Ele supre nosso alimento diário (veja 2Co 9.10). Nosso tempo está em suas mãos (veja Sl 31.15). Cada fôlego que tomamos é um dom de Deus; cada bocado de comida que ingerimos nos é dado da mão dele; cada dia que vivemos é determinado por ele. Por acaso em algum momento ele nos deixa à mercê de nossos próprios planos e recursos, dos caprichos da natureza ou dos atos maldosos de alguém? Nunca! Ele constantemente nos sustenta, provê e cuida a cada instante de cada dia. Seu carro quebrou quando você menos tinha condições de arcar com o conserto? Você perdeu uma reunião importante porque o avião em que deveria embarcar apresentou problemas mecânicos? O Deus que mantém as estrelas no curso delas também controla detalhes e tudo mais em seu carro e no avião em que você deveria embarcar.

Quando criança, tive uma infecção grave de sarampo. Aparentemente o vírus se instalou em meus olhos e na minha orelha direita, deixando-me com visão monocular e surdez nesse lado. Deus estava no controle do vírus ou fui uma simples vítima de uma doença infantil casual? A sustentação por parte do Deus do Universo e de tudo que ele contém não me deixa escolha senão aceitar que o vírus de fato estava sob o controle de suas mãos. Deus não estava olhando para o

outro lado quando aquele vírus se instalou nos terminais nervosos da minha orelha e nos músculos dos meus olhos. Se vamos confiar em Deus, temos de aprender a ver que ele trabalha continuamente em cada aspecto e a cada momento da nossa vida.

DEUS GOVERNA

A Bíblia também ensina que Deus governa o Universo, não só a criação inanimada, mas também os atos de todas as criaturas, tanto homens quanto animais. Ele é chamado de aquele que domina sobre tudo (veja 1Cr 29.12), o bem-aventurado e único soberano (veja 1Tm 6.15). Sem seu consentimento, sequer passarinho pode cair no chão (veja Mt 10.29). Jeremias pergunta: “Quem poderia mandar e fazer acontecer as coisas, sem que o Senhor o tenha ordenado? (Lm 3.37). “… Ele age no exército do céu e entre os moradores da terra segundo a sua vontade; ninguém pode deter a sua mão, nem lhe dizer: Que fazes?” (Dn 4.35). “… o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens, e o dá a quem quer” (Dn 4.17).

Ninguém pode agir fora da vontade soberana de Deus ou contra ela. Séculos atrás, santo Agostinho disse: “Nada, portanto, acontece a menos que o Onipotente deseje que aconteça: ou ele permite o evento, ou ele mesmo o ocasiona”.[4] Observe como essa declaração é ampla: “Nada acontece sem que Deus permita ou ordene que aconteça”.

De tempos em tempos, até escritores piedosos tiram Deus de seu trono. É comum conjecturar que Deus se limitou voluntariamente às ações dos seres humanos a fim de lhes conceder liberdade. Por exemplo, Andrew Murray escreveu: “Ao criar o homem com livre-arbítrio e fazer dele um parceiro no domínio da Terra, Deus se limitou. Tornou a si próprio dependente do que o homem faria. O homem, por meio de sua oração, deteria a medida do que Deus poderia fazer em bênção” (grifo do autor).[5] Mais recentemente, Gregory Boyd

escreveu:

Deus simplesmente não pode desconsiderar o livre-arbítrio sempre que entra em conflito com sua vontade. Por ter decidido criar esse tipo de mundo, Deus não pode assegurar que sua vontade seja feita em toda situação. Ele deve tolerar e agir com sabedoria em torno da irrevogável liberdade dos agentes humanos e espirituais.[6]

A visão do dr. Boyd é de um Deus reativo que deve "trabalhar em torno" dos caprichos da sua criação, incapaz de assegurar que sua vontade seja feita. Esse não é o Deus da "atividade ininterrupta" que "dirige tudo", descrito pelo dr. Packer. Mais uma vez, a providência de Deus não é uma operação eventual, como se ele assistisse à sua criação a certa distância, o tempo todo se surpreendendo com os acidentes, correndo para intervir de vez em quando, para consertar as coisas depois do fato consumado, sempre frustrado com sua criação ingovernável e fora de controle.

A confiança na soberania de Deus em tudo que nos influencia é crucial para confiarmos nele. Se houver um único evento em todo o Universo que possa ocorrer fora do controle soberano de Deus, então não podemos confiar nele. Seu amor pode ser infinito, mas, se seu poder for limitado e se seu propósito puder ser contrariado, não podemos confiar nele.

O apóstolo Paulo disse que podemos confiar nosso bem mais valioso ao Senhor. Em 2Timóteo 1.12 ele disse: "Por essa razão sofro também essas coisas, mas não me envergonho; porque eu sei em quem tenho crido e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu tesouro até aquele dia" (grifo do autor). "Mas Paulo está se referindo à vida eterna", alguém diria. "Sem dúvida, podemos confiar nosso destino eterno a Deus, mas e quanto aos nossos problemas desta vida? Eles me fazem questionar a soberania de Deus".

A soberania de Deus não se inicia na morte. Sua direção soberana em nossa vida precede até nosso nascimento. Escreveu o rei Davi: “Pois tu formaste o meu interior, tu me teceste no ventre da minha mãe. […] e no teu livro os dias foram escritos, sim, todos os dias que me foram ordenados, quando nem um deles ainda havia” (Sl 139.13,16). Deus governa a Terra tanto quanto governa o céu. Por razões conhecidas só pelo próprio Deus, ele permite às pessoas agirem contrariando e desafiando sua vontade revelada na Bíblia. Contudo, nunca lhes permite agir contrariando sua vontade soberana, que permanece incompreensível para nós.

Para sustentar essa declaração — de que Deus nunca permite que seu povo aja contrariando sua vontade soberana — considere as seguintes passagens das Escrituras:

O coração do homem planeja seu caminho,

mas o SENHOR lhe dirige os passos (Pv 16.9).

Há muitos planos no coração do homem,

mas o propósito do SENHOR prevalecerá (Pv 19.21).

Considere as obras de Deus:

Quem poderá endireitar

o que ele fez torto? (Ec 7.13)

Quem poderia mandar e fazer acontecer as coisas,

sem que o Senhor o tenha ordenado? (Lm 3.37)

… devíeis dizer: Se o Senhor quiser, viveremos

e faremos isto ou aquilo (Tg 4.15).

Traçamos planos, mas eles só podem ser bem-sucedidos quando condizentes com o propósito de Deus. Não há como nenhum deles ser bem-sucedido contrariando o Senhor. Ninguém pode endireitar o que ele faz torto, ou entortar o que ele fez direito. Nenhum imperador, rei, supervisor, professor ou treinador pode falar e fazer acontecer sem que primeiro Deus decrete, concretize ou permita que aconteça. Ninguém pode dizer "Farei isso ou aquilo" e fazer acontecer se tal coisa não for parte da vontade soberana de Deus.

Mas quando ocorrem eventos preocupantes ou catastróficos, sempre machucam. Não podemos descartá-los com a expressão fácil "Deus está no controle". Sim, está no controle, mas nesse controle ele permite que experimentemos a dor. Uma dor muito real. Afligimo-nos; sofremos. Todavia, em meio ao nosso sofrimento, conseguimos descansar no conhecimento de que ele é soberano.

A escritora Margaret Clarkson escreveu isso brilhantemente:

A soberania de Deus é a única rocha inexpugnável à qual o coração humano sofredor deve se agarrar. As circunstâncias em torno da nossa vida não são acidentais: podem ser obra do mal, mas esse mal é mantido com firmeza dentro da mão poderosa do nosso Deus soberano. […] Todo mal lhe está sujeito, e o mal não pode tocar em seus filhos, a menos que ele o permita. Deus é o Senhor da história humana e da história pessoal de cada membro de sua família redimida.[7]

Por acaso um motorista atravessou o sinal vermelho, bateu no seu carro e te mandou para o hospital com múltiplas fraturas? Um médico não conseguiu detectar seu câncer no estágio inicial, quando teria sido possível tratá-lo? Você se viu com um professor incompetente em um curso muito importante da faculdade ou com um supervisor inepto que atrapalhou sua carreira em gestão de negócios? Todas essas circunstâncias estão debaixo da mão controladora do nosso Deus soberano, que as opera em nossa vida para o nosso bem.

O governador romano Félix deixou Paulo na prisão por mais de dois anos. Félix cometeu um ato muito injusto, querendo prestar um favor aos judeus (veja At 24.27). José ficou dois anos na prisão porque o mordomo do faraó se esqueceu dele (veja Gn 40.14,23; 41.1). Esses dois homens piedosos foram abandonados para mofar na prisão — um por causa de injustiça deliberada, o outro por um esquecimento indesculpável — mas os apuros dos dois estavam debaixo do controle soberano de um Deus infinitamente sábio e amoroso.

O poderoso Império Romano não poderia crucificar Jesus Cristo a menos que Deus lhe conferisse esse poder (veja Mt 10.29; Jo 19.10,11). E o que vale para Jesus vale para você e para mim. Nenhum detalhe da nossa vida é insignificante demais para receber a atenção do nosso Pai celestial, e nenhuma circunstância é tão grande que ele não seja capaz de controlá-la.

DEUS OU ACASO?

Essa, então, é a providência divina: Deus sustentando e governando seu Universo, levando todos os acontecimentos ao fim estabelecido. No entanto, essa doutrina quase não é aceita hoje entre as pessoas. Quem não crê em Deus, na maioria das vezes, já descartou tanto o ato divino da criação quanto sua providência contínua. Para muitos, todos os acontecimentos estão nas mãos do

destino, do acaso ou de um “acidente glorioso”.[8]

Em seu livro When bad things happen to good people [Quando coisas ruins acontecem às pessoas boas], o rabino Kushner pergunta: “Você consegue aceitar a ideia de que algumas coisas acontecem sem motivo algum e de que existe aleatoriedade no Universo?”. Discorrendo sobre a direção tomada por um incêndio na floresta, ele pergunta: “Mas existe uma explicação sensata para a combinação de vento e clima, de modo a produzir um incêndio na floresta em determinado dia, na direção de certas casas e não de outras, pegando algumas pessoas na armadilha e poupando outras? Ou é só uma questão de pura sorte?”.[9]

Em outra parte, o rabino Kushner nos lembra que as companhias seguradoras se referem a terremotos, furacões, tornados e vários outros desastres naturais como “atos divinos”. Então ele diz: “Considero isso um caso em que se toma o nome de Deus em vão. Não acredito que um terremoto que mata milhares de vítimas inocentes sem razão seja um ato divino. É um ato da natureza. A natureza é moralmente cega, desprovida de valores. Segue seu curso sem se importar com quem ou o que entra no caminho”.[10]

Aleatoriedade, sorte, acaso, destino. Essa é nossa resposta moderna à antiga questão: “Por quê?”. Claro, se alguém rejeita totalmente a ideia de Deus, como é o caso de muitos, então não há alternativa. Outros, se não a rejeitam, inventaram um deus segundo as próprias conjecturas. O “deísmo” do século 17 construiu um deus que criou um Universo e depois foi embora, deixando-o funcionar de acordo com as leis naturais desse Universo e os artifícios do homem. Muitos de nós hoje — inclusive alguns seguidores de Cristo —, na prática, somos “deístas”.

Em sua declaração bastante conhecida a respeito dos passarinhos, Jesus disse: “Não se vendem dois passarinhos por uma pequena moeda? Mas nenhum deles cairá no chão se não for da vontade de vosso Pai. […] Portanto, não temais; valeis mais do que muitos passarinhos” (Mt 10.29-31). De acordo com Jesus,

Deus exerce sua soberania em eventos bastante triviais, incluindo a vida e a morte de um passarinho. E a ideia defendida por Jesus é: se Deus exerce sua soberania em relação a passarinhos, com toda certeza a exercerá em relação a seus filhos.

A SOBERANIA DE DEUS NEM SEMPRE É APARENTE

Um dos nossos problemas com a soberania divina é que muitas vezes Deus não parece estar no controle das circunstâncias da nossa vida. Vemos pessoas injustas ou indiferentes, e mesmo abertamente más, fazendo coisas que nos afetam de maneira desfavorável. Experimentamos as consequências das falhas e dos erros alheios. Nós mesmos chegamos a fazer coisas tolas e pecaminosas, e sofremos com o fruto muitas vezes amargo dos nossos atos.

Mas é a capacidade divina de dispor de tal forma vários atos humanos para cumprir seu propósito que torna sua soberania maravilhosa e, no entanto, misteriosa. Temos pouca dificuldade para crer que Deus pode operar e tem operado milagres, os quais são exemplos de sua soberania, mas também de sua intervenção direta nos assuntos das pessoas. Sem levar em consideração nossa posição teológica no que diz respeito à ocorrência de milagres hoje, a maioria de nós aceita sem questionar a validade dos milagres registrados nas Escrituras. Mas crer na soberania de Deus quando não vemos sua intervenção direta — quando ele, por assim dizer, opera só nos bastidores por intermédio de circunstâncias ordinárias e atos comuns das pessoas — é ainda mais importante, pois essa é, em geral, a maneira pela qual Deus trabalha.

Um escritor do século 19, Alexander Carson, em seu livro Confidence in God in times of danger [Confiança em Deus em tempos de perigo], diz: “Pois a sabedoria do homem não consegue enxergar como a providência de Deus é capaz de dispor as ações humanas de modo que cumpram seu propósito sem nenhum milagre”.[11] Nenhum de nós sabe quantas vezes temos sido poupados,

sem saber, da adversidade ou da tragédia pela mão invisível e soberana de Deus; talvez tenha sido algumas centenas de vezes. Como disse o salmista: “Ele não permitirá que teus pés vacilem; aquele que te guarda não se descuida. É certo que o guarda de Israel não se descuidará nem dormirá” (Sl 121.3,4).

Philip Hughes escreve: “Subordinadas a Deus, no entanto, todas as coisas, sem exceção, são completamente controladas — apesar de todas as aparências do contrário”.[12] Nada é grande ou pequeno demais para escapar à mão governante de Deus. A aranha que constrói sua teia no canto da parede e Napoleão fazendo marchar seu exército através da Europa estão, ambos, debaixo do controle de Deus.

Como o governo de Deus é invencível, assim também é incompreensível. Permanece misterioso. Seus caminhos são mais altos do que os nossos (veja Is 55.9). Seus juízos são insondáveis, e seus caminhos, inescrutáveis (veja Rm 11.33). A soberania de Deus costuma ser questionada porque o homem não entende o que Deus está fazendo. E, por ele não agir como achamos que deveria, concluímos que Deus não pode agir para o nosso bem maior.

BOM MAS NÃO SOBERANO?

Em meio a uma dor aflitiva, nossa desconfiança, sempre à espreita, é de que Deus não está por perto. Quando Jesus esperou três dias para viajar a Betânia depois que seu amigo Lázaro morreu, Marta, irmã do falecido, recebeu Jesus com as seguintes palavras: “Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido” (Jo 11.21). Mas Jesus tinha plena consciência da situação. Tinha um propósito mais profundo e glorioso em mente: nesse caso, a ressurreição.

Ao refletirmos sobre a aparente ausência de Deus, podemos imaginar que ele é surpreendido por acontecimentos fortuitos, ou mesmo frustrado por suas

aparentes limitações. Como citado no começo deste capítulo, o rabino Kushner escreveu que às vezes “é difícil demais até para Deus impedir a crueldade e o caos de reivindicarem suas vítimas inocentes”.[13] Isso significaria que Deus é bom, mas não soberano.

Para encurralar nossa ansiosa especulação sobre Deus em tempos de sofrimento, temos de moldar a visão que temos dele pela Bíblia, e não por nossas experiências. A Bíblia não nos deixa dúvida alguma: Deus jamais se frustra. “ninguém pode deter a sua mão, nem lhe dizer: Que fazes?” (Dn 4.35). É verdade que Deus está envolvido em uma guerra invisível com Satanás, e que a vida de seu povo muitas vezes é um campo de batalha, como vimos na vida de Jó. Mas mesmo nesse caso, Satanás precisa receber permissão para tocar no povo de Deus. (Veja Jó 1.12; 2.6 e Lc 22.31,32.) Até nessa guerra invisível, Deus ainda é soberano.

Margaret Clarkson, que sofreu a vida inteira, escreveu: “Que Deus de fato é bom e poderoso é uma das doutrinas básicas da fé cristã”.[14] Reconhecemos que muitas vezes somos incapazes de conciliar a soberania e a bondade de Deus diante da tragédia ou da adversidade pessoal tão difusa, mas cremos que, embora muitas vezes não compreendamos os caminhos de Deus, ele está operando soberanamente em todas as nossas circunstâncias.

G. C. Berkouwer, o respeitado teólogo do século 20 e que ensinou na Universidade Livre de Amsterdã, reconhecia que não é fácil crer na doutrina da providência de Deus. Em seu livro The providence of God [A providência de Deus], Berkouwer escreveu:

A dura realidade ataca essa confissão reconfortante e otimista. Poderiam os horrores catastróficos do nosso século, com os sofrimentos desproporcionais impingidos sobre indivíduos, famílias e povos, ser um reflexo da orientação de Deus? A pura honestidade por acaso não nos obriga a parar de buscar fugir para um mundo escondido, supersensível e harmonioso? A sinceridade por acaso não

manda que nos limitemos de maneira realista ao que está diante dos nossos olhos e, sem ilusões, enfrentemos a ordem do dia?[15]

Todas as pessoas — tanto crentes em Deus quanto incrédulas — experimentam ansiedade, frustração, angústia e desapontamento. Alguns sofrem intensa dor física e tragédias catastróficas. Mas o que deveria distinguir o sofrimento de crentes do de descrentes é a confiança de que nosso sofrimento está sob o controle de um Deus todo-poderoso e amoroso; nosso sofrimento tem sentido e propósito no plano eterno de Deus, e ele traz à nossa vida, ou permite que nela entre, só aquilo que é para sua glória e nosso bem.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. O que é a providência de Deus? Em que sentido a descrição da providência apresentada neste capítulo é igual ou diferente do que você já tinha ouvido?

2. Você abraça esse entendimento da providência? Justifique sua resposta.

3. Releia Lamentações 3.37,38. Como você reage a essa ideia?

4. Os objetivos de Deus são: sua própria glória e o bem maior de cada pessoa, incluindo você. Que evidência você encontra neste capítulo de que Deus se importa com seu bem e não só com a própria glória?

5. O que há de errado em ver Deus como alguém bom, mas não soberano? (Se sua resposta for “Nada”, explique-a).

6. Como este capítulo o ajudou ou não o ajudou a confiar em Deus?

▪

[1] Harold S. Kushner, When bad things happen to good people (New York: Avon Books, 1983), p. 42-3 [edição em português: Quando coisas ruins acontecem às pessoas boas, tradução de Francisco de Castro Azevedo (São Paulo: Nobel, 2003)].

[2] Kushner, p. 43.

[3] Do verbete de J. I. Packer sobre "Providência" publicado em The new Bible dictionary (London: The InterVarsity Fellowship, 1962), p. 1050-1.

[4] Citado por John Blanchard, Gathered gold (Welwyn, Hertfordshire: Evangelical Press, 1984), p. 332 [edição em português: Pérolas para a vida, tradução de Adiel Almeida de Oliveira (São Paulo: Vida Nova, 1993)].

[5] Andrew Murray, Every day with Andrew Murray, citado em Christianity Today, March 6, 1987, p. 41.

[6] Gregory A. Boyd, Is God to blame? (Downers Grove: InterVarsity, 2003), p. 125.

[7] Margaret Clarkson, Grace grows best in winter (Grand Rapids: Eerdmans,

1984), p. 40-1.

[8] Wym Kayzer, A glorious accident (New York: W. H. Freeman and Company, 1997).

[9] Kushner, p. 46-8.

[10] Kushner, p. 59.

[11] Alexander Carson, Confidence in God in times of danger (Swengel: Reiner, 1975), p. 25.

[12] Philip E. Hughes, Hope for a despairing world (Grand Rapids: Baker, 1977), p. 40-1.

[13] Kushner, p. 43.

[14] Margaret Clarkson, Destined for glory (Grand Rapids: Eerdmans, 1983), p. 6.

[15] G. C. Berkouwer, The providence of God (Grand Rapids: Eerdmans, 1983), p. 23.

TRÊS

A SOBERANIA DE DEUS SOBRE AS PESSOAS

O coração do rei é como a corrente de águas nas

mãos do SENHOR: ele o dirige para onde quer.

PROVÉRBIOS 21.1

Imagine-se na seguinte situação: você trabalha a vida inteira para alguém, seu chefe é cruel ao extremo, seu salário o mantém abaixo da linha de pobreza e você se sente muito humilhado e oprimido. Em termos práticos, você nada mais é que um escravo. Mas, de repente, você se vê liberto dessa situação quase insuportável. Está livre para partir para outro lugar e recomeçar a vida. Só tem um problema: você não dispõe de recursos financeiros, não tem como fazer a viagem, não tem fundos para começar de novo em outro lugar e não tem como aproveitar essa oportunidade incrível.

Então, você procura seu chefe e lhe pede dinheiro para a viagem e para recomeçar quando chegar a sua nova localização. Por improvável que possa parecer, ele lhe dá o dinheiro. Não um pouco de dinheiro, mas muito; na verdade, tanto que ele próprio fica pobre.

Soa a um faz de conta, não? Como uma história infantil terminando em “e foram felizes para sempre”, do tipo que nunca acontece na vida real. Só que essa história aconteceu de verdade — não com os detalhes exatos que citei, mas em essência. Ela está registrada na Bíblia, no livro do Êxodo. Você a conhece: os israelitas eram o povo cruelmente oprimido, obrigado a “fazer tijolos sem palha”. De repente Deus intervém na vida deles e o faraó esbraveja: “Saiam daqui!”. Mas os israelitas não tinham recursos para fazer a viagem e recomeçar; eram pobres ao extremo. Deus, no entanto, anteviu o problema e traçou planos

para superá-lo. Disse ele a Moisés:

E favorecerei este povo aos olhos dos egípcios, de modo que, quando sairdes, não saireis de mãos vazias. Porque cada mulher pedirá à sua vizinha, e àquela a quem estiver hospedando, joias de prata e de ouro, e também roupas, que colocareis sobre vossos filhos e sobre vossas filhas. Assim despojareis os egípcios (Êx 3.21,22).

O que Deus prometeu de fato se concretizou. Êxodo 12.35,36 diz:

Os israelitas fizeram conforme a palavra de Moisés e pediram aos egípcios joias de prata e de ouro e roupas. E o SENHOR fez com que os egípcios fossem bons para o povo, de modo que lhe davam o que pediam. Assim eles despojaram os egípcios.

DEUS IMPULSIONA AS PESSOAS

Os egípcios fizeram algo absolutamente contrário ao comportamento humano normal. Por livre e espontânea vontade, deram aos escravos até então humilhados o que lhes pediram, a ponto de o relato afirmar que os israelitas “despojaram” os egípcios. O significado usual de despojar é roubar ou se apoderar ou tomar pela força; no entanto, os egípcios na verdade despojaram a si próprios porque Deus os tornara “bons para o povo” de Israel.

Como Deus fez isso? Não sabemos. Só sabemos o que o texto nos conta. É evidente que os egípcios agiram livre e voluntariamente, por vontade própria. Deus, de alguma forma misteriosa, moveu o coração deles a fim de que, por livre e espontânea vontade, fizessem com exatidão o que ele planejara.

Às vezes, todos nós nos encontramos numa situação em que nossa vida e nosso futuro aparentemente estão nas mãos de outras pessoas. As decisões que elas tomam ou seus atos determinam se recebemos uma nota boa ou ruim, se vamos ser promovidos ou demitidos ou se nossa carreira profissional floresce ou acaba. Claro, não podemos subestimar nossa própria responsabilidade nessas situações. Mas todos nós sabemos que, mesmo quando damos o melhor de nós, ainda dependemos da decisão, favorável ou não, daquele professor, chefe ou oficial comandante.

Às vezes as decisões ou ações desses responsáveis são favoráveis e boas. Em outras, más ou indiferentes. De um jeito ou de outro, elas vão nos afetar, e na maioria das vezes de forma bem significativa. Como reagimos ao nos descobrirmos aparentemente nas mãos de outra pessoa quando precisamos desesperadamente de uma decisão ou de uma ação favorável da parte dessa pessoa? Podemos confiar em Deus e no fato de que ele pode e vai trabalhar no coração desse indivíduo a fim de concretizar seu plano para nós?

Ou considere o caso de alguém determinado a nos fazer mal — a arruinar nossa reputação, a comprometer nossa carreira, a nos lesar por meio do roubo da identidade ou mesmo a nos destruir em um ataque terrorista: podemos confiar que Deus intervirá no coração dessa pessoa a fim de que ela não concretize seu intento maligno? De acordo com a Bíblia, a resposta é sim para cada um dos exemplos. Podemos confiar em Deus. Ele intervém soberanamente no coração das pessoas a fim de que tomem decisões e implementem ações que concretizem o propósito divino para nossas vidas. No entanto, Deus faz isso de modo tal que essas pessoas tomam decisões e executam seus planos por uma escolha própria, livre e voluntária.

Reconheço que uma declaração tão ousada que afirma que a soberania de Deus age dentro da mente das pessoas me coloca em uma areia movediça teológica. Hesitamos diante da ideia da soberania de Deus sobre as decisões e ações das pessoas. Esse conceito de soberania divina parece destruir o livre-arbítrio do

homem e convertê-lo em uma mera marionete sobre o palco divino. Para encontrar a saída dessa areia movediça, é importante retornarmos à verdadeira fonte da nossa teologia: a Bíblia.

Talvez a declaração bíblica mais clara de que Deus de fato influencia soberanamente as decisões das pessoas se encontra em Provérbios 21.1: “O coração do rei é como a corrente de águas nas mãos do SENHOR: ele o dirige para onde quer”. Charles Bridges, em sua exposição de Provérbios, afirma: “A verdade corrente [da soberania de Deus sobre o coração de todas as pessoas] é ensinada por meio da mais forte das ilustrações: sua influência incontrolável sobre a mais absoluta de todas as vontades — o coração do rei”.[1]

A vontade obstinada do mais poderoso governante da Terra é dirigida por Deus com a facilidade com que o agricultor direciona o fluxo da água em seus canais de irrigação. O argumento, portanto, é do maior para o menor: se Deus controla o coração do rei, certamente controla o de todas as outras pessoas. Tudo tem de se mover ante sua influência soberana.

Já vimos isso demonstrado nas ações dos egípcios para com os israelitas. Vemos isso também no relato de Ciro, rei da Pérsia, quando ele emitiu uma proclamação para permitir o retorno dos judeus a Jerusalém, a fim de reconstruírem o templo. Esdras 1.1 diz:

No primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia, para que se cumprisse a palavra do SENHOR anunciada pela boca de Jeremias, o SENHOR despertou o espírito de Ciro, rei da Pérsia, para que ele proclamasse o seguinte decreto por todo o seu reino e também o divulgasse por escrito (grifo do autor).

O texto afirma com clareza que o rei Ciro emitiu o decreto apenas porque Deus despertou o seu espírito. O destino do povo de Deus, humanamente falando,

estava nas mãos do monarca mais poderoso da época. Mas na realidade, seu destino estava inteiramente nas mãos de Deus, porque ele tinha a capacidade de controlar de forma soberana as decisões do monarca.

Deus, falando por intermédio do profeta Isaías, dá-nos outro insight relevante a respeito de sua operação no coração de Ciro:

Por amor do meu servo Jacó, e de Israel, meu escolhido, eu te chamo pelo nome e te concedo título de honra, embora não me conheças. […] Eu te capacito para a batalha, embora não me conheças (Is 45.4,5, grifo do autor).

Não é necessário que uma pessoa reconheça o controle soberano de Deus em seu coração, ou mesmo que reconheça a existência de Deus. Nem os egípcios, nem Ciro pretendiam obedecer a qualquer vontade revelada de Deus. Apenas agiram de acordo com o direcionamento do próprio coração. Acontece que seus corações foram dirigidos por Deus.

Vemos no Novo Testamento também que Deus se move soberanamente na vida das pessoas. Paulo disse de Tito, seu colaborador: “Mas, graças a Deus, que pôs no coração de Tito a mesma dedicação por vós; pois não somente aceitou a nossa solicitação, mas, sendo muito dedicado, partiu de livre vontade e foi visitar-vos” (2Co 8.16,17). Os gestos de Tito são atribuídos por Paulo tanto a Deus, que pôs uma preocupação pelos coríntios no coração desse colaborador, quanto ao próprio Tito, que agiu com entusiasmo por iniciativa própria. Tito agiu com total liberdade, mas sob o misterioso impulso soberano de Deus.

DEUS REFREIA AS PESSOAS

Portanto, vimos que Deus toca no coração das pessoas a fim de nos demonstrar favor quando esse favor cumpre seu propósito. Mas ele também refreia as pessoas, afastando-as de decisões e ações que nos prejudicariam. Um incidente da vida de Abraão ilustra essa ideia.

Temendo pela própria vida, Abraão mentiu sobre a esposa, Sara, dizendo tratar-se de sua irmã. Em consequência disso, o rei Abimeleque avançou para tomar Sara como esposa. Deus, no entanto, o impediu de que fosse até o fim nesse intento. Disse ele ao rei: "… eu te impedi de pecar contra mim; por isso não te permiti tocá-la" (Gn 20.6). Deus não refreou Abimeleque física ou circunstancialmente. Ele o refreou pela mente.

Soberano, Deus interveio e protegeu a pureza moral de Sara, que viria a ser mãe do filho prometido de Abraão. Esse incidente é ainda mais impressionante quando levamos em conta que Abraão colocou Sara nessa situação difícil por sua própria descrença e pecado. Deus não desconsiderou o pecado de Abraão, mas não deixou que isso o impedisse de intervir na mente de Abimeleque a fim de impedir as consequências graves do próprio pecado.

Contudo, é possível ler esses relatos como meras histórias bíblicas, sem relacioná-los à nossa vida e às situações que enfrentamos. Paulo, no entanto, disse: "Porque tudo o que foi escrito no passado foi escrito para nossa instrução, para que tenhamos esperança por meio da perseverança e do ânimo que provêm das Escrituras" (Rm 15.4). Essas histórias têm o intuito de nos encorajar e nos ensinar que Deus é soberano sobre as pessoas e que ele exerce sua soberania para o nosso bem.

DEUS DIRIGE OS GOVERNANTES

Vimos como Deus direciona o coração até mesmo do governante mais poderoso,

no caso, o rei Ciro. Ao investigarmos a soberania de Deus na Bíblia, uma das referências mais frequentes a ela diz respeito a sua soberania sobre governantes e governos. Embora esse assunto seja amplo demais para o tratarmos plenamente neste livro, precisamos observar que Deus estabelece governantes e guia suas decisões, vitórias e derrotas militares.

Deus estabelece os governos para o bem de todo o povo — tanto crente quanto descrente. O apóstolo Paulo escreveu: "… não há autoridade que não venha de Deus, e as que existem foram ordenadas por ele. […] Porque ela é serva de Deus para o teu bem…" (Rm 13.1,4). É verdade que a declaração "ela [a autoridade] é serva de Deus para o teu bem" parece difícil quando vemos corrupção, abuso de poder e até a perseguição de nossos irmãos e irmãs em Cristo ao redor do mundo. Precisamos nos lembrar de novo que Deus, em sua infinita sabedoria e soberania — e por razões conhecidas só por ele — permite que as autoridades ajam de maneira contrária à sua vontade revelada.

Nossa confiança deve estar ancorada em Deus, e não no poderio militar ou no aparato de segurança de nossa nação em particular. Como diz Salmos 20.7: "Alguns confiam em carros e outros em cavalos, mas nós invocaremos o nome do SENHOR, nosso Deus". Outro salmo diz: "Um rei não se salva pelo poderio do seu exército; nem o valente se livra pela muita força. O cavalo é falsa esperança de vitória; não pode livrar ninguém com sua grande força" (Sl 33.16,17).

Isso não significa dizer que nosso país deveria exonerar todos os militares e desativar navios e tanques. Significa que não deveríamos confiar neles. Isso se aplica não só a civis, mas também aos que trajam fardas. Nas trincheiras e torres de tiro das guerras da nossa nação, grande parte do pessoal em serviço encontra coragem e base para a oração em Salmos. Por exemplo, "diz ao SENHOR: Meu refúgio e minha fortaleza, meu Deus, em quem confio. […] Não temerás os terrores da noite, nem a flecha lançada de dia" (Sl 91.2,5). Enquanto nossa nação busca se defender contra o holocausto nuclear e os ataques terroristas, temos de olhar em oração e confiança para o Deus que determina soberanamente nosso

bem-estar.

DEUS PERMITE O MAL?

Deus nem sempre refreia os atos perversos e danosos dos outros. Vemos isso quase todos os dias nas manchetes ou nas páginas internas dos jornais, tanto em nossa localidade quanto pelo mundo afora. Na bíblia, vemos isso até no relato da reconstrução do Templo. Houve um período de talvez dez anos em que esse projeto foi interrompido em razão da oposição dos inimigos dos judeus (veja Ed 4.6-24). Não sabemos por que Deus permitiu que esses inimigos do seu povo prevalecessem em determinado momento e os refreou em outro. Basta saber que ele pode refrear e de fato refreia os atos perversos das pessoas para conosco quando é essa sua vontade soberana. Além disso, Deus, em sua infinita sabedoria e amor, tem a intenção, em última instância, de que o bem venha desses atos danosos.

A história clássica de José, citada com tanta frequência, ilustra essa verdade muito bem. Quando os irmãos de José resolveram vendê-lo como escravo, Deus não os refreou. Nem deteve a mulher de Potifar quando ela, mal-intencionada e injustamente, o acusou. Mas no seu tempo, Deus provocou uma reviravolta nessas circunstâncias. Ele estava orquestrando os atos maldosos das pessoas da maneira exata como planejara, a fim de realizar seu propósito por intermédio de José. No fim, José pôde olhar para trás, para todos os acontecimentos difíceis, e dizer a seus irmãos: “Certamente planejastes o mal contra mim. Porém Deus o transformou em bem, para fazer o que se vê neste dia, ou seja, conservar muita gente com vida” (Gn 50.20).

Você depende do seu chefe (ou oficial comandante) para progredir em sua carreira? Deus moverá o coração dele de um jeito ou de outro, dependendo do plano de Deus para você. “Porque a exaltação não vem do oriente, nem do ocidente, nem do deserto. Mas Deus é quem julga; ele abate um e exalta outro”

(Sl 75.6,7). Você pode confiar em Deus em todas as áreas da sua vida em que depende da decisão de outra pessoa. Deus moverá o coração dessa pessoa para concretizar a vontade dele para você.

O PROBLEMA DA SOBERANIA DE DEUS

Deus é um ser infinito e o é também seus caminhos. Nossa mente finita não consegue compreender um ser infinito além do que ele nos revelou expressamente. Por isso, algumas coisas a respeito de Deus permanecerão um eterno mistério para nós. A relação da vontade soberana de Deus com a liberdade e a responsabilidade moral das pessoas é um desses mistérios.

Basil Manly, um dos pais fundadores da Convenção Batista do Sul, ao comentar sobre esse assunto difícil em um de seus sermões, disse: “As Escrituras não se comprometem a elucidar mistérios. Elas os deixam inexplicados. Há uma diferença entre dificuldades e mistérios: dificuldades podem ser removidas; os mistérios, sem uma nova revelação ou a concessão de um superior, não”.[2]

Eis a nossa pedra de tropeço: em Salmos 50.21, o Senhor diz: “… pensavas que eu era como tu…”. Temos a tendência de presumir que Deus pensa como nós. De achar que ele só é capaz de agir na mente humana do mesmo jeito que nós. Podemos discutir, persuadir ou mesmo coagir, mas não somos capazes de mudar a vontade de uma pessoa. No entanto, as Escrituras ensinam que Deus muda sim a vontade das pessoas, porém de maneira tal que elas ajam livre e voluntariamente.

A Bíblia retrata as pessoas de maneira consistente, fazendo escolhas reais por vontade própria. Nunca há qualquer sugestão nas Escrituras de alguém sendo uma marionete irracional, movimentada por cordões divinos. Além disso, as escolhas que as pessoas fazem são escolhas morais; ou seja, elas têm de prestar

contas a Deus pelas opções que fazem. Os atos de Judas, Herodes e Pilatos foram perversos, embora realizados sob o desígnio soberano de Deus.

A Bíblia com a mesma ênfase ensina tanto a soberania de Deus quanto as livres escolhas morais dos homens. Richard Fuller, o terceiro presidente da Convenção Batista do Sul, disse: “É impossível para nós rejeitar qualquer uma dessas grandes verdades, e igualmente impossível para nossa mente conciliá-las”.[3]

Outra verdade que precisamos ter em mente é que Deus nunca é o autor do pecado. Embora as intenções e os atos pecaminosos das pessoas sirvam ao propósito soberano de Deus, nunca devemos concluir que ele induziu alguém a pecar. “Quando tentado, ninguém deve dizer: Sou tentado por Deus, pois Deus não pode ser tentado pelo mal e a ninguém tenta. Mas cada um é tentado quando atraído e seduzido por seu próprio desejo” (Tg 1.13,14). As Escrituras afirmam muitas vezes que Deus usa atos pecaminosos dos homens para alcançar seus propósitos. (Veja, por exemplo, Gn 50.20; At 4.27,28; Ap 17.17.) Mas o fato de as intenções e atos pecaminosos das pessoas servirem ao propósito soberano de Deus não faz dele o autor do pecado por elas cometido, tampouco as torna menos responsáveis por suas ações.

Contudo, se não devemos interpretar erroneamente a soberania de Deus de modo a fazer das pessoas meras marionetes, também não devemos forçar a interpretação da liberdade do homem a ponto de limitar a soberania de Deus. O professor Berkouwer nos ajuda quando diz:

À luz das Escrituras, é decisivo que essa liberdade da criatura humana não represente nenhuma ameaça ou limitação ao projeto divino soberano e todo-poderoso. […] Somos forçados a nos voltar para a revelação divina que nos mostra a atividade onipotente de Deus e, ao mesmo tempo, ensina a responsabilidade humana. […] Quem não leva a sério esse governo divino e essa responsabilidade humana jamais pode compreender corretamente a história.[4]

NOSSA RESPOSTA

Como devemos reagir ao fato de que Deus é capaz de mover mente e coração das pessoas — e que de fato o faz — a fim de realizar sua vontade? Nossa primeira reação deveria ser de confiança. Nossa carreira profissional e nosso destino estão em suas mãos; não nas mãos de chefes, oficiais comandantes, professores, treinadores ou qualquer outra pessoa que, humanamente falando, seja capaz de afetar nosso futuro por causa da posição que ocupa. Ninguém pode lhe fazer mal ou pôr em risco o seu futuro, se Deus não o permitir. Além do mais, Deus é capaz de conceder-lhe o favor aos olhos de quem está em posição de lhe fazer o bem. E de fato ele faz isso.

Portanto, devemos nos voltar para Deus em oração em todas as situações em que algum aspecto do nosso futuro está nas mãos de outro indivíduo. Como disse Alexander Carson: “Se necessitamos da proteção de homens, tratemos de pedi-la primeiro a Deus. Se tivermos êxito com ele, o poder do mais forte e do mais perverso deve servir para o nosso alívio”.[5]

Na história do Antigo Testamento, quando a rainha Ester estava prestes a comparecer perante o rei Xerxes sem ter sido convocada — ato que normalmente resultaria em sua morte —, ela pediu a Mardoqueu que reunisse todos os judeus para jejuarem (e orarem também, pelo que se presume) para que o rei lhe concedesse seu favor. Ela não presumiu saber a vontade de Deus — ela disse: “Se for preciso morrer, morrerei” (Et 4.16) —, mas sabia que Deus controlava o coração do rei.

Deus nunca permite que as pessoas tomem decisões a nosso respeito que sabotem o plano dele para nós. Ele é por nós; somos seus filhos; ele se alegra em nós (veja Sf 3.17). E as Escrituras dizem: “Se Deus é por nós, quem será contra

nós?” (Rm 8.31). Podemos estabelecer isto como uma verdade fundamental: Deus jamais permitirá qualquer ato contra você que não esteja de acordo com a vontade dele para sua vida.

PALAVRAS DE CAUTELA

Existem alguns cuidados importantes que precisamos levar em conta de modo a não usarmos erroneamente a doutrina da soberania de Deus sobre as pessoas.

Primeiro, nunca devemos usar essa doutrina como desculpa para os nossos defeitos. Se você falhou em obter a promoção que esperava, ou, pior ainda, se foi demitido do emprego ou fracassou em uma prova importante, precisa primeiro examinar sua vida para ver se a razão disso não está em seu desempenho. Embora tenha resgatado Abraão e Sara da insensatez do pecado de Abraão, Deus não tinha a obrigação de fazê-lo. Ele não prometeu trabalhar no coração dos outros para compensar nossos erros.

Segundo, não devemos permitir que a doutrina da soberania de Deus nos leve a reagir passivamente às ações das outras pessoas que nos afetam. Precisamos dar todos os passos razoáveis dentro da vontade de Deus para proteger e melhorar nossa situação. Digo dentro da vontade de Deus, pois pode haver outras razões, por causa do reino de Deus, pelas quais não deveríamos dar esses passos. Mas a doutrina da soberania de Deus, considerada por si só, jamais deveria ser usada para promover a passividade.

Terceiro, nunca devemos usar a doutrina da soberania de Deus para justificar nossos atos ou decisões pecaminosos que firam outras pessoas. Nunca devemos dizer: “Bem, cometi um equívoco, mas tudo bem porque Deus é soberano”. Deus é mesmo soberano na vida dessa outra pessoa, e pode optar por usar nossos atos pecaminosos para realizar sua vontade. Mas ainda nos responsabilizará por

nossas decisões negativas e atos pecaminosos.

Uma passagem das Escrituras que pode nos ajudar a manter a doutrina da soberania de Deus em perspectiva é Deuteronômio 29.29: “As coisas encobertas pertencem ao SENHOR, nosso Deus, mas as reveladas pertencem a nós e a nossos filhos para sempre, para que obedeçamos a todas as palavras desta lei”. Não sabemos qual é a vontade soberana de Deus. Não sabemos como ele operará no coração do outro indivíduo: se favorável ou desfavoravelmente, a nosso ponto de vista. Isso pertence ao campo das “coisas encobertas” que não nos são reveladas. Mas sabemos que ele agirá de modo a realizar seu propósito, que em última análise é para sua glória e o nosso bem.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. Como Deus opera no coração de crentes e descrentes nas seguintes passagens? Observe as palavras-chave usadas para descrever o que ele faz.

Josué 11.19,20

Daniel 1.8-10

2Coríntios 8.16,17

2. Leia Êxodo 4.21 e 8.15. Observe quem é responsável pelo coração endurecido de faraó em cada versículo. De que forma esses versículos, considerados lado a lado, retratam a relação entre a liberdade humana e a obra de Deus em nosso

coração?

3. Como os atos pecaminosos dos seres humanos afetam os propósitos de Deus? Considere Gênesis 50.20, Atos 4.27,28 e outras passagens mencionadas neste capítulo.

4. Como você acha que o trabalho soberano de Deus nos corações humanos deveria afetar a maneira que você

ora?

se sente?

age?

5. E se Deus permite que alguém seja injusto com você? E se ele não lhe concede seu favor junto a alguém importante, como aconteceu com Daniel? Como você reage?

[1] Charles Bridges, An exposition of the Book of Proverbs (Evansville: The Sovereign Grace Book Club, 1959), p. 364.

[2] Basil Manly, pai, Southern Baptist sermons on sovereignty and responsibility

(Harrisonburg: Sprinkle Publications, 1984), p. 15-6. Manly era pastor e educador. Foi presidente da Universidade do Alabama de 1838 a 1855 e também um dos pais fundadores da Convenção Batista do Sul.

[3] Richard Fuller, Southern Baptist sermons on sovereignty and responsibility, p. 112.

[4] G. C. Berkouwer, The providence of God (Grand Rapids: Eerdmans, 1983), p. 140-1.

[5] Alexander Carson, Confidence in God in times of danger (Swengel: Reiner Publications, 1975), p. 55.

QUATRO

O PODER DE DEUS SOBRE A NATUREZA

Por acaso existe entre os deuses falsos das nações algum
que faça chover? Ou podem os céus por si mesmos
produzir chuva? Não é somente tu, ó SENHOR,
nosso Deus? Portanto, esperamos em ti; pois
tens feito todas essas coisas.

JEREMIAS 14.22

Em setembro de 1985, um terremoto atingiu a Cidade do México, matando perto de seis mil pessoas e deixando mais cem mil desabrigadas. Um amigo meu quis usar o acontecimento para ensinar aos filhos jovens uma lição simples de ciência, de modo que lhes perguntou:

— Vocês sabem o que provocou o terremoto?

Planejava responder à própria pergunta com uma explanação básica sobre falhas geológicas e deslocamento de rochas na crosta terrestre.

Sua lição de sismologia, no entanto, logo se converteu em discussão teológica quando a filha de oito anos retrucou:

— Eu sei. Deus estava julgando aquelas pessoas.

Embora a filha do meu amigo tivesse se precipitado a tirar conclusão infundada acerca do juízo de Deus, ela estava teologicamente correta em um sentido: Deus tinha o controle daquele terremoto. Por que permitira que acontecesse não podemos responder (nem deveríamos tentar), mas podemos dizer, pelo testemunho das Escrituras, que Deus de fato o permitiu ou o provocou.

DEUS CONTROLA O CLIMA

Todos somos afetados pelo clima e pelas forças da natureza em vários momentos, de uma forma ou de outra. Na maior parte do tempo, as condições meteorológicas apenas nos são inconvenientes: um voo atrasado, um piquenique de feriado cancelado ou alguma coisa desse tipo. Com frequência, algumas pessoas em algum lugar são afetadas drasticamente pelo clima ou pelas forças mais violentas da natureza. Uma seca prolongada destrói a plantação do agricultor, ou uma chuva de granizo a aniquila em apenas uma hora. Um tornado no Texas deixa centenas de desabrigados, e um tufão em Bangladesh devasta aldeias inteiras.

Sempre que somos afetados pelas condições do tempo — seja por uma simples inconveniência, seja por um desastre maior —, temos a tendência de considerá-las a expressão impessoal de certas leis fixas meteorológicas ou geológicas, e nada mais que isso. Um sistema de baixa pressão se instala sobre minha cidade natal, trazendo enorme nevasca e fechando nosso aeroporto no dia em que preciso partir para um compromisso em que serei palestrante. Forças no interior da Terra vergam-lhe a crosta o tempo todo até que um dia ela se quebra causando um grande terremoto, como foi o caso da fissura de mais de mil quilômetros sob o oceano Índico que deu origem ao desastroso tsunami de 2004, no sul da Ásia. Triviais ou traumáticas, temos a tendência de pensar nas manifestações da natureza como algo que “simplesmente acontece”, e de pensar em nós como

vítimas “desafortunadas” do que quer que a natureza produza. Na prática, até os cristãos tendem a viver e pensar como os “deístas” que mencionei em capítulo anterior, os quais concebiam deus como aquele que criou o Universo e depois foi embora, deixando-o a funcionar de acordo com as leis naturais que lhe são próprias.

Mas Deus não abandonou o controle diário de sua criação. Com certeza estabeleceu leis físicas pelas quais governa as forças da natureza, mas essas leis operam continuamente, de acordo com sua vontade soberana. Um meteorologista chegou à conclusão de que há na Bíblia mais de 1.400 referências a terminologia climática.[1] Muitas delas atribuem as decorrências do clima diretamente à mão de Deus. A maior parte dessas passagens fala do controle divino sobre o clima com um todo, e não apenas de sua intervenção divina em ocasiões específicas.

Observe os seguintes trechos das Escrituras:

Ele solta os seus relâmpagos por baixo de toda a extensão do céu e os manda para os confins da terra. […]

Ele diz à neve: “Caia sobre a terra, e à chuva: Seja um forte aguaceiro”. […]

O sopro de Deus produz gelo, e as vastas águas se congelam.

Também carrega de umidade as nuvens, e entre elas espalha os seus relâmpagos.

Ele as faz girar, circulando sobre a superfície de toda a terra, para fazerem tudo o que ele lhes ordenar.

Ele traz as nuvens, ora para castigar os homens, ora para regar a sua terra e lhes mostrar o seu amor. (Jó 37.3,6,10-13 NIV)

Ele cobre o céu de nuvens, concede chuvas à terra e faz crescer a relva nas colinas. […]

Ele envia sua ordem à terra, e sua palavra corre veloz.

Faz cair a neve como lã, e espalha a geada como cinza.

Faz cair o gelo como se fosse pedra. Quem pode suportar o seu frio?

Ele envia a sua palavra, e o gelo derrete; envia o seu sopro, e as águas tornam a correr (Sl 147.8,15-18, NIV).

Além disso, retive a vossa chuva quando ainda faltavam três meses para a colheita; e fiz com que chovesse sobre uma cidade e não chovesse sobre outra; choveu sobre um campo, mas o outro, sobre o qual não choveu, secou (Am 4.7).

Tenha em vista que todas essas passagens atribuem as manifestações climáticas — boas ou ruins — à mão controladora de Deus. As companhias de seguro se referem a grandes desastres naturais como “atos divinos”. A verdade é que todas

as manifestações da natureza, todas as ocorrências climáticas, seja um tornado devastador, seja uma chuva mansa em um dia de primavera, são atos divinos. A Bíblia ensina que Deus controla todas as forças da natureza, as destrutivas e as produtivas, em uma base contínua, instante a instante.

Esteja o tempo bom ou ruim, nunca somos vítimas ou mesmo beneficiários dos poderes impessoais da natureza. Nosso Pai celestial e amoroso é soberano sobre o clima, e exerce essa soberania a cada momento. Como G. C. Berkouwer declarou: “O crente nunca é vítima dos poderes da natureza ou do destino. O acaso está eliminado”.[2]

RECLAMAR OU DAR GRAÇAS

Reclamar do clima parece ser um passatempo favorito nos Estados Unidos. Mas quando fazemos isso, na verdade estamos reclamando de Deus, que nos enviou nosso clima. Estamos, na verdade, pecando contra Deus (veja Nm 11.1).

Não só pecamos contra Deus, como também nos privamos da paz que vem de reconhecer que nosso Pai celestial está no controle do clima. Alexander Carson disse: “Na descrição das Escrituras, todas as leis físicas causam seus efeitos a partir da influência imediata do Todo-Poderoso. […] Os próprios cristãos, embora reconheçam a doutrina [da providência divina], estão propensos a desconsiderá-la na prática e, por conseguinte, a ser privados, em grande medida, da vantagem que uma noção constante e profunda dessa verdade deve ter”.[3] Se o clima apenas atrapalha meus planos ou destrói minha casa, preciso aprender a enxergar a mão soberana e amorosa de Deus a controlá-lo.

O fato é que, para a maioria de nós, o clima e os efeitos da natureza costumam ser favoráveis. O tornado, a seca e até a nevasca que atrasa nosso voo são a exceção, não a regra. Temos a tendência de nos lembrar do tempo “ruim” e de

dar como certo o bom. Contudo, quando Jesus falou do tempo, referiu-se à bondade de Deus: “ele faz nascer o sol sobre maus e bons e faz chover sobre justos e injustos” (Mt 5.45).

Embora de vez em quando Deus use o clima e outras manifestações da natureza como instrumento de juízo (veja Am 4.7-9), na maior parte das vezes ele os utiliza como expressão de sua provisão graciosa para a criação. Santos e pecadores se beneficiam igualmente da provisão graciosa do clima concedida por Deus. E, de acordo com Jesus, essa provisão não é mero resultado de determinadas leis fixas e inexoráveis da física. Deus as controla. Ele faz nascer o sol; ele envia a chuva.

Deus de fato estabeleceu determinadas leis da física para a operação do seu Universo; no entanto, minuto a minuto, elas funcionam de acordo com sua vontade direta. Mais uma vez, Alexander Carson colocou isso muito bem quando disse: “O sol e a chuva contribuem para a alimentação e o conforto do justo e do injusto na mesma medida, não por exigência de leis gerais, mas pela providência imediata daquele que, no governo do mundo, deseja esse resultado”.[4]

Pode parecer natural reclamar do clima, mas deveríamos aprender a dar graças por ele. Deus, nosso Pai celestial, envia-nos a cada dia o que considera melhor para todo o conjunto da sua criação.

DESASTRES NATURAIS

E quanto aos desastres naturais que acontecem com frequência em vários lugares do mundo? Muitos cristãos com sensibilidade lutam contra a multidão de desastres naturais em larga escala ao redor do mundo: terremoto em um lugar, fome no outro, tufões e enchentes em alguma outra parte. Milhares de pessoas

são mortas, e de outras a fome rouba a vida paulatinamente. Regiões inteiras são devastadas, colheitas arruinadas, moradias destruídas. “Por que Deus permite tudo isso?”, podemos perguntar. “Por que ele permite que todas aquelas crianças inocentes morram de fome?”.

Não é errado lutar contra essas questões, desde que o façamos em atitude reverente e submissa para com Deus. Na verdade, deixar de lutar com o problema da tragédia em larga escala pode indicar falta de compaixão da nossa parte para com as pessoas. Todavia, devemos ter o cuidado de, em nossa mente, não tirarmos Deus do seu trono de soberania absoluta, nem colocá-lo no banco dos réus para ser submetido ao nosso julgamento.

Uma noite, enquanto trabalhava neste capítulo, assisti ao noticiário da televisão. Uma das manchetes principais era sobre diversos tornados poderosos que varreram o centro do Mississippi, matando sete pessoas, ferindo pelo menos outras 145 e deixando quase quinhentas famílias desabrigadas. Vendo as cenas das pessoas revirando os destroços do que fora a casa delas, meu coração se condoeu. Pensei: “Não há a menor dúvida de que algumas delas seguem a Cristo. O que eu lhes diria a respeito da soberania de Deus sobre a natureza? Acredito mesmo nisso em tempos como este? Não seria mais fácil apenas aceitar a declaração do rabino Kushner, de que se trata de um simples ato da natureza — uma natureza moralmente cega que age segundo as próprias leis? Por que colocar Deus dentro do caos e de um sofrimento como aquele?”.

Entretanto, o próprio Deus se coloca dentro desses acontecimentos. Em Isaías 45.7 ele disse: “Eu formo a luz e crio as trevas; eu promovo a paz e causo a desgraça; eu, o SENHOR, faço todas essas coisas (NVI)”. Ele mesmo aceita a responsabilidade, por assim dizer, pelos desastres. Aliás, faz mais do que aceitar responsabilidades; ele reivindica os desastres para si. Na verdade, Deus diz: “Eu, e só eu, tenho o poder e a autoridade para produzir tanto a prosperidade quanto o desastre, tanto a alegria quanto a tristeza, tanto o bem quanto o mal”.

Essa é uma verdade difícil de aceitar quando se vê gente revirando o entulho da própria casa ou — mais direto ainda — quando se é uma das pessoas revirando o entulho da própria casa. Mas, como o dr. Edward. J. Young comentou sobre Isaías 45.7: “Não ganhamos nada procurando minimizar a força do presente versículo”.[5] Temos de permitir à Bíblia dizer o que diz, e não o que achamos que ela deveria dizer.

Obviamente, não compreendemos por que Deus causa um desastre ou porque o leva para uma cidade e não para a outra. Reconhecemos também que, como Deus manda o sol e a chuva tanto sobre o justo quanto sobre o injusto, ele igualmente manda o tornado, o furacão ou o terremoto sobre ambos. Tenho amigos missionários que estavam no meio do terremoto de 1985 na Cidade do México. A soberania de Deus sobre a natureza não significa que os cristãos nunca enfrentam tragédias naturais. Experiência e observação ensinam o contrário com muita clareza.

A soberania de Deus sobre a natureza significa sim que, não importa o que experimentemos nas mãos do clima ou de outras forças da natureza (como pragas de plantas ou infestações de insetos em nossa lavoura), todas as circunstâncias estão debaixo do olho vigilante e do controle soberano do nosso Deus.

AFLIÇÕES FÍSICAS

Enfermidade e aflição física constituem outra área em que nos esforçamos para confiar em Deus. Bebês nascem com defeitos congênitos graves. O câncer atinge pessoas que aparentemente fizeram todo o possível para se resguardar dele. Outros sofrem dor contínua durante anos sem qualquer alívio médico. Até os saudáveis e fortes muitas vezes enfrentam a doença nos momentos mais inoportunos. Deus está no controle das doenças e das enfermidades físicas que nos afetam?

Quando Deus chamou Moisés a fim de conduzir os israelitas para fora do Egito, ele protestou alegando ser o homem menos adequado para o papel, inclusive pelo fato de ser lento para falar. A resposta de Deus a Moisés é muito instrutiva para nós nessa área da aflição física, pois ele disse: “Quem faz a boca do homem? Ou quem faz o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou eu, o SENHOR?” (Ex 4.11). Nessa passagem, Deus imputa à própria obra as aflições físicas da surdez, da mudez da cegueira. Essas aflições não são meros produtos de genes defeituosos ou de acidentes de parto: eles até podem ser sua causa imediata, mas por trás deles há o propósito soberano de Deus. O dr. Donald Grey Barnhouse, um dos grandes mestres da Bíblia de meados do século 20, certa vez disse: “Ninguém neste mundo jamais foi cego sem que Deus planejasse sua cegueira; ninguém foi surdo neste mundo que Deus não tenha planejado sua surdez. […] Se não acredita nisso, você tem um Deus alheio, senhor de um Universo que saiu dos trilhos e incapaz de controlá-lo”.[6]

Quando Jesus encontrou um homem cego de nascença, seus discípulos lhe perguntaram: “Rabi, quem pecou para que ele nascesse cego: ele ou seus pais?” (Jo 9.2). Jesus respondeu: “Nem ele pecou nem seus pais; mas isso aconteceu para que nele se manifestem as obras de Deus” (v. 3). Jesus não disse que a cegueira daquele homem era resultado de um defeito de nascença. Em vez disso, ela aconteceu dentro do plano de Deus a fim de que Deus pudesse ser glorificado. Ele estava no controle da cegueira daquele homem.

Esse Deus que é o Deus da surdez, da mudez e da cegueira, é também o Deus do câncer, da artrite, da síndrome de Down e de todas as outras aflições que acometem a nós ou aos nossos amados. Nenhuma delas “simplesmente acontece”. Estão todas dentro da vontade soberana de Deus. Essa declaração nos transporta na mesma hora para o problema da dor e do sofrimento. Por que um Deus soberano que nos ama permite tamanha dor e tristeza?

A resposta está além do alcance deste livro. Em rápidas palavras, sabemos que toda criação foi submetida à “frustração” (NIV) por causa do pecado de Adão

(veja Rm 8.20). Por isso, pode-se dizer que a causa definitiva de toda dor e sofrimento remonta à Queda. A “alegria e a tristeza” de Deus não são arbitrárias ou fruto de um capricho, mas resposta resoluta ao pecado do homem. O Deus soberano que submeteu a criação à frustração ainda governa sobre ela, com dor e tudo. As leis da genética e da enfermidade estão sob o seu controle tanto quanto as leis da meteorologia. Meu propósito não é tratar o problema da dor sob uma perspectiva teológica, mas ajudar-nos a lidar com ela no nível da fé, da confiança em Deus. A primeira coisa que temos de fazer, a fim de confiar em Deus, é determinar se ele está no controle, se é soberano sobre a esfera física da nossa vida. Se não é esse o caso — se a enfermidade e as aflições “simplesmente acontecem” — então, claro, não há nenhuma base para se confiar em Deus. Mas se Deus é soberano nessa esfera, então podemos confiar nele sem entender todas as questões teológicas envolvidas no problema da dor.

INFERTILIDADE

Outra área que frequentemente coloca nossa confiança em Deus à prova encontra-se no campo da infertilidade. Muitos casais oram durante anos sem quaisquer resultados para que nasçam filhos de seu casamento. Aqui, no entanto, mais uma vez a Bíblia afirma sistematicamente que Deus está no controle. Dizia-se a respeito de Ana que “o SENHOR [a deixou] estéril” (1Sm 1.5), ao passo que o ventre de Leia ele tornou fértil (veja Gn 29.31). Sara, mulher de Abraão, disse: “O SENHOR me tem impedido de ter filhos” (Gn 16.2). O anjo do Senhor disse à mãe de Sansão, antes que ele nascesse: “És estéril e nunca deste à luz. Mas engravidarás e terás um filho” (Jz 13.3). O anjo do Senhor também anunciou a Zacarias: “a tua oração foi ouvida, e Isabel, tua mulher, te dará à luz um filho” (Lc 1.13).

Todas essas passagens das Escrituras nos ensinam que Deus controla a concepção dos filhos. Na verdade, Salmos 139.13 vai um passo adiante e diz: “… tu [Deus] me teceste no ventre de minha mãe”. Deus não só controla a concepção como até coordena a formação daquele pequeno ser no ventre da mãe. Ele exerce de fato um controle soberano e amoroso sobre todas as obras da

sua criação, incluindo aquilo que acontece com nosso corpo físico.

Como então podemos confiar nele em meio à dor da aflição, da enfermidade, da angústia pela esterilidade ou em meio à dor por um filho nascido com um grave defeito congênito? Se Deus está no controle, por que permite que essas coisas aconteçam? No capítulo 1, eu disse que, a fim de confiar em Deus na adversidade, devemos acreditar que ele é completamente soberano, perfeito em amor e infinito em sabedoria. Ainda não estudamos o amor e a sabedoria de Deus, mas, por ora, considere apenas uma passagem das Escrituras.

Pois o Senhor não rejeitará para sempre.

Embora entristeça a alguém, terá compaixão segundo a grandeza da sua misericórdia.

Porque não lhe agrada afligir nem entristecer os filhos dos homens (Lm 3.31-33).

Deus não traz aflição ou dor de bom grado sobre nós. Não se deleita em fazer com que experimentemos dor ou aflição. Ele sempre tem um propósito para a dor que ele traz ou permite em nossa vida. Na maior parte das vezes não sabemos que propósito é esse, mas basta saber que sua sabedoria infinita e seu perfeito amor determinaram que uma dor em particular é melhor para nós. Deus nunca desperdiça a dor. Ele sempre a utiliza para realizar seu propósito. E seu propósito é para sua glória e para o nosso bem. Portanto, podemos confiar nele quando nosso coração dói ou nosso corpo é atormentado pelo sofrimento.

Confiar em Deus em meio a nossa dor e aflição significa que as aceitamos dele.

Existe uma enorme diferença entre aceitação e resignação ou submissão. Podemos nos resignar a uma situação difícil, pelo simples fato de não vermos alternativa. Muita gente faz isso o tempo todo. Ou podemos nos submeter à soberania de Deus em nossas circunstâncias com certa relutância. Mas aceitar de verdade nossa dor e aflição tem a conotação de boa vontade. Uma atitude de aceitação diz que confiamos em Deus, que ele nos ama e sabe o que é melhor para nós.

Aceitação não significa que não oramos por cura física ou pela concepção e nascimento de um bebê, fruto do nosso casamento. Devemos de fato orar por essas coisas, mas de maneira confiante. Precisamos entender que, embora Deus possa todas as coisas, por razões infinitamente sábias e amorosas ele talvez não faça o que lhe pedimos. Como saber por quanto tempo orar? Desde que oremos com confiança, com uma atitude de aceitação da sua vontade, deveríamos orar pelo tempo que o desejo persistir.

Há centenas de anos atrás, o profeta Habacuque se debateu com a questão de "Onde Deus está?" por conta de todo o mal que ele via a sua volta. Por fim, concluiu que, apesar de não compreender o que Deus estava fazendo, confiaria nele. Sua afirmação de confiança, expressa na linguagem de um mundo que se desmorona ao seu dor, seria um exemplo apropriado para seguirmos ao lutarmos com a soberania de Deus sobre a natureza. Disse Habacuque:

Ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto nas videiras; ainda que o produto da oliveira falhe, e os campos não produzam mantimento; ainda que o rebanho seja exterminado do estábulo e não haja gado nos currais. Mesmo assim, eu me alegrarei no SENHOR, exultarei no Deus da minha salvação (Hb 3.17,18).

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. Qual é sua atitude usual em relação ao clima? Você tende a reclamar dele? A agradecer a Deus por ele? Acha que Deus não está envolvido nele diariamente?

2. a. Pelo que Deus se responsabiliza em Êxodo 4.11 e Isaías 45.7?

b. Quais são algumas das respostas possíveis a esses versículos?

c. Qual resposta você escolhe? Por quê?

3. A ideia de que Deus reivindica a responsabilidade por terremotos mortais, secas, cegueira e infertilidade instiga pessoas sensíveis a fazerem perguntas. Existem limites para os tipos de perguntas que deveríamos fazer para Deus? Se sim, quais são eles? Se não, por quê?

4. Quais são algumas razões possíveis pelas quais Deus deixa muitas das nossas perguntas sem resposta?

5. A Queda dos seres humanos em pecado sujeitou toda a criação à frustração e pôs em movimento as forças que levam a secas e deficiências. No entanto, Deus tem o poder de impedir qualquer tragédia específica; portanto, quando não o faz, ele é o responsável. Isso te impede de confiar nele? Justifique sua resposta.

6. Qual a sua interpretação de Habacuque 3.17-19? Até que ponto você é capaz de adotar essa atitude em relação às suas circunstâncias?

[1] Mike Nichols, “How’s the weather?”, Christian Herald (July-August 1984), p. 33.

[2] G. C. Berkouwer, The providence of God (Grand Rapids: Eerdmans, 1983), p. 85.

[3] Alexander Carson, The history of providence (Grand Rapids: Baker, s.d.), p. v.

[4] Alexander Carson, Confidence in God in times of danger (Swengel: Reiner Publications, 1975), p. 4-5.

[5] Edward J. Young, The book of Isaiah (Grand Rapids, Eerdmans, 1984), vol. 3, p. 201.

[6] Citado da cópia impressa da mensagem “The sovereignty of God”, pregada pelo dr. Donald G. Barnhouse, s.d., p. 2.

CINCO

A SOBERANIA DE DEUS E A NOSSA RESPONSABILIDADE

Nós, porém, oramos ao nosso Deus, e colocamos

guardas para proteger-nos deles de dia e de noite.

NEEMIAS 4.9

Conta-se uma velha história sobre um homem que levou a doutrina da soberania de Deus a um ponto tão extremo que descambou para uma espécie de fatalismo divino. Um dia, descendo um lance de escadas, ele se descuidou, tropeçou e caiu de cabeça até o pé da escada. Levantando-se, conferiu seus hematomas com cuidado e pensou: “Bem, fico feliz porque essa já acabou”.

Se não formos cuidadosos, você e eu podemos, como o homem tolo dessa história, deixar-nos levar por uma atitude fatalista em relação à soberania de Deus. O aluno que falha em uma prova importante tenta se desculpar dizendo: “Bem, Deus é soberano e determinou que eu deveria falhar nesse exame”. Um motorista pode causar um acidente de carro e, mentalmente, esquivar-se de seu descuido atribuindo o ocorrido à soberania de Deus. É evidente que as duas atitudes são tolas e antibíblicas, mas podemos cometê-las com facilidade.

SOBERANIA E ORAÇÃO

No último capítulo, analisamos o controle soberano de Deus sobre o clima e outras forças da natureza. Como viajo de avião com frequência, tenho sido afetado muitas vezes pelo clima impróprio para voar. Uma tarde, voltando para casa de carro debaixo de uma nevasca, estava pensando sobre o fato de nosso

aeroporto estar fechado por causa da tempestade e de que estava planejado que eu embarcasse na manhã seguinte para falar em uma conferência de fim de semana. Então disse a mim mesmo e a Deus: “Deus, sei que tu estás no controle dessa tempestade, e também da conferência em que vou falar. Se queres que eu esteja presente na conferência amanhã à noite, tu afastarás essa tempestade de modo que nosso aeroporto possa reabrir amanhã de manhã. Não vou ficar ansioso por causa disso”.

Veja bem, preciso admitir que uma atitude dessas, de recusa a ficar ansioso, era um progresso para mim no modo de lidar com o clima adverso para voar. Chegando à nossa casa, anunciei para minha esposa a decisão de não ficar ansioso quanto a se conseguiria partir como programado na manhã seguinte. Ela olhou para mim com um sorriso e disse: “Não fique ansioso, mas ore sobre o assunto”.

Pensei: “Como fui tolo”. Concentrara-me tanto na soberania de Deus sobre o clima que negligenciei por completo sua ordem expressa de fazer um pedido específico. Ele de fato nos diz “Não andei ansiosos por coisa alguma…”, mas logo em seguida complementa com “… pelo contrário, sejam os vossos pedidos plenamente conhecidos diante de Deus por meio de oração e súplica com ações de graças” (Fp 4.6).

Deus com certeza estava no controle soberano da nevasca que fechara nosso aeroporto. Mas o conhecimento de sua soberania pretende ser um incentivo à oração, não uma desculpa para decair para uma espécie de fatalismo piedoso.

O quarto capítulo de Atos nos fala de Pedro e João sendo ameaçados pelo Sinédrio judaico e proibidos de falar ou ensinar o que quer que fosse em nome de Jesus. Ao relatarem esse fato para os outros crentes, todos juntos levantaram a voz em oração:

Ó Soberano, tu fizeste os céus, a terra, o mar e tudo o que neles há! […] Fizeram [Herodes, Pôncio Pilatos, os gentios e os judeus] o que o teu poder e a tua vontade haviam decidido de antemão que acontecesse. Agora, Senhor, considera as ameaças deles e capacita os teus servos para anunciarem a tua palavra corajosamente (At 4.24,28,29, NIV).

Os discípulos acreditavam na soberania de Deus. Mas isso significava para eles uma razão e um incentivo para orarem. Acreditavam que por Deus ser soberano, era capaz de atender suas orações. Reconheciam o propósito soberano de Deus em eventos passados (por exemplo, a crucificação), mas não presumiam conhecer o decreto divino sobre eventos futuros. Só sabiam que Cristo lhes ordenara que fossem suas testemunhas em Jerusalém e em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da Terra. Por isso oravam, confiantes de que o Deus soberano, que lhes mandara ser testemunhas, era capaz de remover os obstáculos à obediência que lhe deviam.

A oração presume a soberania de Deus. Se Deus não for soberano, não temos nenhuma garantia de que ele seja capaz de responder a nossas orações. Nossas orações se tornariam nada mais que desejos. Mas enquanto a soberania de Deus, bem como sua sabedoria e amor, forem a base da nossa confiança nele, a oração será a expressão dessa confiança.

O pregador puritano Thomas Lye, em um sermão intitulado “Como viveremos pela fé na providência divina?”, disse: “Considerando que a oração sem fé é como esbofetear o vento, também a confiança sem oração [não passa de] bravata arrogante. Aquele que promete dar, e nos manda confiar em suas promessas, ordena que oremos e espera obediência a seu mandamento. Ele dará, mas não sem que peçamos”.[1]

O apóstolo Paulo, quando aprisionado em Roma, escreveu para o amigo Filemom: “Ao mesmo tempo, prepara-me também hospedagem, pois espero que pelas vossas orações serei levado de volta a vós” (Fm 22). Ele não supunha

conhecer a vontade secreta de Deus. Esperava ser restituído. Não disse “Serei restituído”. Mas sabia que Deus, em sua soberania, era bem capaz de efetivar sua soltura, por isso pediu a Filemom que orasse. A oração era a expressão de sua confiança na soberania de Deus.

John Flavel, outro pregador puritano, foi um escritor prolífico (seis volumes de obras reunidas). É autor de um tratado clássico intitulado The mystery of providence [O mistério da providência], lançado em 1678.[2] É instrutivo notar que Flavel começa o tratado sobre a providência soberana de Deus com uma dissertação sobre Salmos 57.2: “Clamarei ao Deus Altíssimo, ao Deus que tudo executa por mim”. Ou seja, Flavel nos explica que, pelo fato de Deus ser soberano, devemos orar. A soberania de Deus não anula nossa responsabilidade de orar, mas possibilita orarmos com confiança.

SOBERANIA E PRUDÊNCIA

Assim como a soberania de Deus não afasta nossa responsabilidade de orar, tampouco nega nossa responsabilidade de agir com prudência. Nesse contexto, agir com prudência significa usar todos os meios legítimos e bíblicos à nossa disposição para evitarmos causar danos a nós mesmos e aos outros e para ocasionar o que acreditamos ser o curso certo dos acontecimentos.

Uma ilustração do uso de todos os meios adequados para evitar danos encontra-se na vida de Davi, que o tempo todo se esquivava de Saul. Este, por sua vez, estava decidido a matá-lo. Davi já fora ungido para suceder a Saul como rei (veja 1Sm 16.13). E como acabamos de ver no salmo 57, Davi estava confiante de que Deus cumpriria seu propósito para ele. Mesmo assim, tomou todas as precauções possíveis para evitar ser morto por Saul. Não foi atrevido, baseado na soberania de Deus, mas em vez disso agiu com prudência, na dependência de Deus para abençoar seus esforços.

Vemos na vida de Paulo uma ilustração de ação prudente para ocasionar o curso certo dos acontecimentos. A história diz respeito à viagem do apóstolo a Roma e ao naufrágio ocorrido na ilha de Malta, registrados em Atos 27. Após vários dias sendo açoitado por uma tempestade com força de furacão, quando todo mundo havia perdido qualquer esperança de ser salvo, Paulo se colocou diante deles e disse:

Agora vos aconselho que não vos desanimeis, pois não se perderá vida alguma entre vós, mas somente o navio. Porque esta noite me apareceu um anjo do Deus a quem pertenço e sirvo, dizendo: Paulo, não temas! É necessário que compareças perante César, e Deus te deu a vida de todos os que navegam contigo. Portanto, senhores, tende coragem! Pois creio em Deus que acontecerá assim como me foi falado. Contudo, é necessário que sejamos lançados em alguma ilha (At 27.22-26).

Paulo não apenas confiava na soberania de Deus, como teve uma revelação expressa do céu de que vida alguma se perderia no naufrágio. Contudo, algum tempo depois, quando ele viu os marinheiros tentando fugir do navio com um salva-vidas, disse para o centurião romano: “Se estes homens não ficarem no navio, não podereis salvar-vos” (At 27.31). Ao que parece, Paulo entendia que a presença dos marinheiros habilidosos seria necessária para a segurança dos passageiros, mesmo na situação em que se encontravam. Logo, agiu com prudência, trazendo a efeito aquilo que Deus, por divina revelação, prometera que aconteceria com certeza. Ele não confundiu a soberania de Deus com sua responsabilidade de agir com prudência.

Paulo não considerava o propósito soberano de Deus uma razão para negligenciar seu dever, embora, no caso, o propósito de Deus lhe tivesse sido revelado por um anjo do céu. Hoje, em nossas circunstâncias atuais, não sabemos qual é o propósito soberano de Deus em uma situação específica. Deveríamos estar ainda mais conscientes para não usar a soberania de Deus como desculpa a fim de nos esquivarmos das obrigações por ele ordenadas nas

Escrituras. Deus geralmente trabalha através de meios, e pretende que utilizemos os meios que ele tem colocado à nossa disposição.

Quando Neemias estava reconstruindo o muro ao redor de Jerusalém, ele e seu povo enfrentaram a ameaça de um ataque armado dos inimigos (veja Ne 4.7,8). Sua reação foi orar e postar um guarda — oração e prudência (veja v. 9). Além disso, o texto diz: “Desde aquele dia, metade dos meus homens trabalhava na obra e metade empunhava as lanças, os escudos, os arcos e as couraças” (v. 16). Não só isso, mas: “Tantos os que reconstruíam o muro quanto os carregadores que transportavam as cargas faziam o seu trabalho com uma das mãos e com a outra seguravam a sua arma” (v. 17).

Neemias confiava na soberania de Deus. Ele disse: “… O nosso Deus lutará por nós” (v. 20). Mas também usou todos os meios disponíveis, crendo que Deus, em sua soberania, os abençoaria.

Um dos meios de prudência mais básicos que Deus nos deu é a oração. Devemos não apenas orar para que sua providência prevaleça em nossa vida, como fez Davi (veja Sl 57.2), mas também por sabedoria, a fim de compreendermos corretamente nossas circunstâncias e utilizar os meios que Deus nos concedeu. Quando os gibeonitas tentaram enganar Josué e os homens de Israel, eles se aproximaram com roupas gastas e pão velho, fingindo vir de muito longe. Dizem as Escrituras: “Então os homens de Israel avaliaram a provisão deles, e não pediram conselho ao SENHOR” (Js 9.14). Em consequência, foram enganados pelos gibeonitas e firmaram um tratado com eles, quando deveriam destruí-los. Não foram prudentes, porque não oraram pedindo a Deus sabedoria e discernimento para compreender a situação.

Outro meio de prudência que Deus nos deu é a oportunidade de buscar conselho sábio e piedoso. Em Provérbios 15.22 está escrito: “Onde não há conselho, os projetos se frustram, mas com muitos conselheiros eles se estabelecem”. Entretanto, Provérbios 16.9 nos diz que os planos de uma pessoa só são bem-

sucedidos dentro da vontade soberana de Deus. Todo conselho sábio do mundo não é capaz de fazer com que nossos planos sejam bem-sucedidos se contrariam a vontade soberana de Deus. Mas Deus usa o conselho sábio de terceiros para alinhar nossos planos à sua vontade soberana. Mais uma vez, não devemos confundir o dever — neste caso, buscar conselho sábio — com a vontade soberana de Deus.

ORAÇÃO E PRUDÊNCIA

Fiz breve referência anteriormente ao uso que Neemias fez da oração e da prudência: “Nós, porém, oramos ao nosso Deus, e colocamos guardas para proteger-nos deles de dia e de noite” (Ne 4.9). A oração é o reconhecimento da soberania de Deus e da nossa dependência de que ele aja em nosso favor. A prudência é o reconhecimento da responsabilidade que temos de usar todos os meios legítimos. Não devemos separar as duas coisas. Há uma linda ilustração a esse respeito na seguinte passagem das Escrituras:

Os rubenitas, os gaditas e a meia-tribo de Manassés tinham quarenta e quatro mil setecentos e sessenta guerreiros que saíam para lutar. Eles levavam escudo e espada, atiravam com o arco e eram hábeis na guerra. Lutaram contra os hagarenos, e também contra Jetur, Nafis e Nodabe. Foram ajudados contra os hagarenos, os quais foram entregues em suas mãos com todos que estavam com eles, porque clamaram a Deus em plena batalha, e ele os atendeu, porque confiaram nele (1Cr 5.18-20).

Os guerreiros descritos nesta passagem eram vigorosos e bem treinados. Foram prudentes; tinham tomado todas as precauções para se tornar capazes de guerrear quando fosse necessário. Mas não confiaram na própria habilidade e treinamento. Clamaram a Deus, que lhes respondeu à oração porque confiaram nele. Deus interveio soberanamente. Entregou-lhes seus inimigos porque oraram.

Todos os nossos planos, todos os nossos esforços e toda a nossa prudência não valem nada, a menos que Deus faça prosperar esses meios. Salmos 127.1 diz: “Se o SENHOR não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam; se o SENHOR não proteger a cidade, em vão vigia a sentinela”. Nessa passagem está o conceito dos esforços ofensivo e defensivo — tanto de edificação para o progresso quanto de vigilância contra a destruição. Em certo sentido, o versículo resume todas as nossas responsabilidades na vida. Seja no campo físico, mental ou espiritual, deveríamos estar sempre edificando e vigiando. E o salmo 127 ensina que nenhum desses esforços prosperará a menos que Deus intervenha.

Observe a veemência com que o salmista descreveu a necessidade da intervenção de Deus em nossos esforços. Ele não diz: “A menos que Deus abençoe ou ajude os que edificam e a sentinela, seus esforços serão em vão”. Pelo contrário, ele fala a respeito de o próprio Deus edificar a casa e vigiar a cidade. Ao mesmo tempo, não existe, claro, nenhuma sugestão no texto de que Deus substitua edificadores e sentinelas. O significado óbvio é que em todos os aspectos dependemos de Deus para nos capacitar e fazer prosperar nossos esforços.

Devemos depender de Deus para fazer por nós o que não podemos fazer por nós mesmos. De igual modo, temos de depender dele para nos capacitar a fazer o que precisa ser feito por nós mesmos. O agricultor precisa usar todas as suas habilidades, recursos e experiência para produzir uma colheita. No entanto, ele é totalmente dependente de forças que lhe são exteriores. Essas forças da natureza — umidade, insetos, sol — estão, como já vimos, debaixo do controle soberano direto de Deus. O agricultor depende de que Deus controle a natureza de modo que sua plantação cresça. Mas ele é igualmente dependente de Deus para capacitá-lo a arar, adubar e cultivar da maneira adequada. De onde ele tira suas habilidades, sua aptidão para aprender com a experiência e os recursos financeiros para comprar o equipamento e o adubo que utiliza? De onde vem até sua força física para executar as tarefas? Todas essas coisas não vêm da mão de Deus, que “dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas” (At 17.25)? Em todos os aspectos, somos absolutamente dependentes de Deus.

Há ocasiões em que não podemos fazer nada, e ocasiões em que devemos trabalhar. Nos dois casos somos igualmente dependentes de Deus. Quando os israelitas percorriam o deserto, tinham consciência de que dependiam de Deus para receber comida e água. Moisés lhes disse: “Sim, ele te humilhou, te deixou ter fome e te sustentou com o maná […] para que entendesses que o homem não vive só de pão, mas de tudo o que sai da boca do SENHOR” (Dt 8.3). Aquele povo precisou aprender que não podia simplesmente devorar os suprimentos de comida sempre que quisesse. Deus o reduziu a uma dependência consciente de sua provisão diária.

Haveria de chegar a ocasião, no entanto, em que eles ocupariam uma “terra onde comerá o pão com fartura e nada te faltará” (Dt 8.9). Quando isso acontecesse, Moisés os avisou, eles não deveriam confiar na própria habilidade como agricultores, pensando: “A minha força e a fortaleza da minha mão adquiriram para mim estas riquezas”. Em vez disso, ele os advertiu: “… tu te lembrarás do SENHOR, teu Deus, porque ele é quem te dá força para adquirires riqueza…” (Dt 8.17,18).

Às vezes, Deus nos reduz a uma dependência completa e consciente dele. Um ente querido ficou desesperadamente enfermo, e sua situação está além da perícia e da habilidade dos médicos. O desemprego tem persistido a ponto de o armário estar vazio e também de não haver perspectiva de contratação. Em ocasiões assim, reconhecemos de imediato nossa dependência e clamamos a Deus por sua intervenção. Mas também somos dependentes dele quando o médico diagnostica uma doença comum e prescreve um remédio que dá certo. Somos igualmente dependentes quando o pagamento cai com regularidade e todas as nossas necessidades materiais são supridas.

Ao mesmo tempo, somos responsáveis. A Bíblia jamais nos permite usar nossa total dependência de Deus como desculpa para a indolência. Eclesiastes 10.18 diz: “O teto desmorona por causa da preguiça; a casa tem goteiras por causa da lerdeza das mãos” . E de novo: “O preguiçoso não cultiva no outono, por isso,

durante a colheita, mendigará e nada receberá” (Pv 20.4). Somos absolutamente dependentes de Deus, mas, ao mesmo tempo, somos responsáveis por usar com diligência quaisquer meios apropriados para a ocasião.

O homem na nossa história do início do capítulo deveria ser mais cuidadoso ao descer as escadas. Deveria ter prestado atenção ao aviso “favor utilizar o corrimão”. Ele não pode culpar um fatalismo divino pela queda sofrida. Nem pode a estudante que fracassa na prova, nem o trabalhador que perde o emprego por falta de dedicação, nem a pessoa que adoece por falta de higiene. Nosso dever se encontra na vontade revelada de Deus nas Escrituras. Nossa confiança deve ser depositada na vontade soberana de Deus, à medida que ele opera nas circunstâncias cotidianas da vida para o nosso bem e para a sua glória.

Não existe conflito entre confiar em Deus e aceitar nossa responsabilidade. Thomas Lye, o pregador puritano já citado aqui, disse: “A confiança […] [se serve] dos meios prescritos por Deus para produzir o fim por ele ordenado. […] Os meios de Deus devem ser empregados tanto quanto suas bênçãos devem ser esperadas”.[3]

E Alexander Carson fez observação semelhante ao afirmar: “Aprendamos […] que quando Deus promete nos proteger e prover por nós, é por meio de sua ordenação, vigilância, prudência e diligência que havemos de procurar por essas bênçãos”.[4]

NOSSAS FALHAS E A SOBERANIA DE DEUS

Vimos que a soberania de Deus não elimina nosso dever de agir com responsabilidade e prudência em todas as ocasiões. Mas e quanto ao outro lado da questão? O fracasso da nossa parte em agir com prudência frustra o plano soberano de Deus? As Escrituras nunca sugerem que Deus se frustra de alguma

forma quando falhamos, deixando de agir como deveríamos. Em sua sabedoria infinita, o plano soberano de Deus inclui nossos fracassos e até nossos pecados.

Quando Mardoqueu pediu à rainha Ester para interceder junto ao rei Xerxes em favor dos judeus, ela argumentou explicando que só podia entrar na presença do rei sem ter sido chamada correndo risco de morte (Et 4.10,11). Todavia, Mardoqueu lhe respondeu: “se te calares agora, socorro e livramento surgirão de outra parte para os judeus, mas tu e a tua família sereis eliminados. Quem sabe se não foi para este momento que foste conduzida à realeza?” (Et 4.14). A chave na resposta de Mardoqueu é: “socorro e livramento surgirão de outra parte para os judeus”.

Em sua infinita sabedoria e recursos, Deus não estava limitado à reação de Ester. As opções disponíveis para que ele proporcionasse livramento aos judeus eram tão infinitas quanto sua sabedoria e poder. Literalmente, ele não precisava da colaboração de Ester. Mas, nesse caso, optou por usá-la. O argumento de Mardoqueu para encerrar a conversa — “Quem sabe se não foi para um momento como este que você chegou à posição de rainha?” — presume que Deus usa pessoas e meios para concretizar seu propósito soberano.

Como provaram os acontecimentos subsequentes, Deus de fato levantara Ester para realizar seu propósito. Mas ele podia com a mesma facilidade ter levantado outra pessoa, ou usado meios completamente diversos. Em geral, ele opera por meio de ocorrências comuns (em vez de milagres) e de atos voluntários das pessoas, mas sempre provê os meios necessários e as conduz com sua mão invisível. Deus é soberano e não pode ser frustrado por nosso fracasso em agir ou por nossas ações pecaminosas em si mesmas. Devemos sempre nos lembrar, no entanto, que Deus ainda nos responsabilizará pelos mesmos pecados que usa para cumprir seu propósito.

Ao concluirmos os estudos sobre a soberania de Deus e voltarmos a atenção para sua sabedoria e amor, precisamos entender mais uma vez que na Bíblia não

existe conflito entre a soberania dele e a nossa responsabilidade. Ambos os conceitos são ensinados com igual vigor e nunca com uma tentativa de “conciliá-los”. Apeguemo-nos em igual medida a ambos, cumprindo nosso dever conforme revelado a nós nas Escrituras e confiando em Deus para operar soberanamente seu propósito em nós e por nosso intermédio.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. Leia Atos 27.13-44. Que relação essa história mostra entre a soberania de Deus e a nossa responsabilidade?

2. Leia Salmo 127.1. De que forma o Senhor está envolvido em algo que você está edificando (como um negócio, uma casa, um relacionamento ou uma família)?

3. Em Neemias 4.6-9, que relação há entre oração e prudência?

4. Quando confiamos em Deus e temos uma paz que só vem dele, nossas orações diferem daquelas que brotam da ansiedade. Em que elas são diferentes?

5. a. Se Deus está no controle e é inevitável que seu propósito prevaleça, por que precisamos orar?

b. Por que precisamos fazer todos os esforços para agir com sabedoria?

6. Escolha uma situação difícil pela qual você vem orando no momento. Redija uma oração para a situação a partir de uma disposição mental de confiança. (Caso você se reúna com um grupo, todos poderiam orar uns pelos outros acerca dessas situações.)

[1]Puritan sermons 1659-1689, coletânea de sermões de 76 pregadores puritanos, originalmente publicada a intervalos irregulares entre 1660 e 1691, em Londres (Wheaton: Richard Owen Roberts, editor, 1981), vol. 1, p. 374.

[2] John Flavel, The works of John Flavel (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1982), vol. 4, p. 336-497.

[3]Puritan sermons 1659-1689, vol. 1, p. 374.

[4] Alexander Carson, Confidence in God in times of danger (Swengel: Reiner Publications, 1975), p. 55.

SEIS

A SABEDORIA DE DEUS

Ó profundidade da riqueza, da sabedoria

e do conhecimento de Deus! Quão insondáveis

são os seus juízos, e quão inescrutáveis,

os seus caminhos!

ROMANOS 11.33

Às 9h15, logo depois de as crianças se acomodarem para a primeira lição da manhã de 21 de outubro de 1966, a água acumulada dos rejeitos de uma mina de carvão no sul do País de Gales deslizou para dentro da tranquila comunidade de mineradores de Aberfan. De todas as tragédias angustiantes daquele dia, nenhuma foi pior que o destino da escola de ensino fundamental da vila. O lodo negro escorreu pela encosta, fabricada pelo homem, e foi se arrastando para o interior das salas de aula. Incapazes de fugir, cinco professores e 109 crianças morreram.

“Um sacerdote, ao ser entrevistado pelo repórter da BBC na época da tragédia, em resposta à inevitável pergunta sobre Deus, disse: ‘Bem, […] imagino que tenhamos de admitir que essa é uma daquelas ocasiões em que o Todo-Poderoso cometeu um engano’.”[1]

Em tempo de desastre, mesmo o mais consagrado entre nós se sente tentado a deixar escapar alguma blasfêmia. Quando algum tipo de calamidade se abate sobre nós, tentamos imaginar se Deus não cometeu um erro. Lembro-me de outra declaração — não irreverente, mas profunda — feita por um cristão

sincero ao ver uma criança lutar contra o câncer: “Com certeza espero que Deus saiba o que está fazendo nesse caso”. É provável que qualquer um que tenha lidado intensamente com o infortúnio consiga se identificar com as dúvidas com que essa pessoa lutava.

Quando paramos para pensar a respeito, sabemos no fundo do coração que Deus não comete quaisquer erros em nossa vida ou nas aldeias do sul do País de Gales ou em qualquer outro lugar. Ele sabe o que faz. É infinito em sabedoria. Sempre sabe o que é melhor para nós e qual a melhor maneira de produzir esse resultado determinado.

A sabedoria costuma ser definida como bom julgamento, ou a capacidade de desenvolver o melhor procedimento, ou a melhor resposta a uma situação. Todos nós reconhecemos que a sabedoria humana é falível, na melhor das hipóteses. Os homens ou mulheres mais sábios não dispõem de todos os fatos de determinada situação, nem são capazes de prever com segurança os resultados de determinado curso de ação. Todos nós, de tempos em tempos, angustiamo-nos diante de algumas decisões importantes, tentando determinar o melhor caminho a seguir.

Mas Deus nunca tem de se angustiar diante de uma decisão. Ele nem sequer precisa deliberar consigo próprio ou consultar outros fora de si mesmo. Sua sabedoria é intuitiva, infinita e infalível: “… não há limite para seu entendimento!” (Sl 147.5).

O teólogo do século 19, J. L. Dagg, descreveu a sabedoria da seguinte forma: “Consiste na seleção do melhor fim da ação e a adoção do melhor meio para a concretização desse fim”. Ele então disse: “Deus é infinitamente sábio, pois seleciona o melhor fim possível para a ação […] [e] porque adota o melhor meio possível para a concretização do fim que tem em vista”.[2]

O melhor fim possível de todos os atos de Deus é, no fim das contas, sua glória. Ou seja, tudo que Deus faz ou permite em toda a sua criação, em última análise, servirá para sua glória. Como diz John Piper no livro Desiring God [Desejando Deus]: “O principal fim de Deus é glorificar a Deus e dele desfrutar para sempre”.[3] Basta folhear o Novo Testamento em busca de passagens com a palavra glória para concordar com John Piper que propósito final, de Deus é a própria glória. (De início, consulte Jo 15.8; Rm 1.21; 11.36; 1Co 10.31; Ef 1.12,14; Ap 4.11; 5.13; 15.4).

BELEZA QUE VEM DAS CINZAS

Conforme observamos o desenrolar de acontecimentos trágicos, ou, para ser mais específico, conforme nós mesmos experimentamos a adversidade, com frequência nos sentimos propensos a perguntar para Deus: “Por quê?”. O motivo do nosso questionamento é que não enxergamos nenhum bem possível para nós ou glória para Deus que possa advir das circunstâncias adversas particulares que se abateram sobre nós ou sobre nossos entes queridos. Mas a sabedoria de Deus — portanto, a glória de Deus — não é demonstrada de forma mais contundente ao produzir o bem que vem de uma calamidade do que de uma bênção?

Não há dúvida de que o povo de Deus vive em um mundo hostil. Temos um inimigo, o Diabo, que “anda em derredor, rugindo como leão que procura a quem possa devorar” (1Pe 5.8). Ele quer peneirar-nos feito trigo como fez com Pedro (veja Lc 22.31), ou levar-nos a maldizer a Deus como tentou levar Jó a fazer. Deus não nos poupa da desolação da enfermidade, da angústia e da decepção desse mundo amaldiçoado pelo pecado. Mas ele é capaz de pegar todos esses elementos — tanto o mau quanto o bom — e fazer pleno uso de tudo e de todos.

Como alguém disse anos atrás:

Uma sabedoria menor do que a divina se sentiria compelida a proibir, a contornar ou a resistir à decorrência desses planos diabólicos. É fato que o povo de Deus muitas vezes tenta fazer isso por si mesmo, ou clama incessantemente ao Senhor para que ele o faça. De modo que essas orações, com frequência, parecem ficar sem respostas. Porque estamos sendo tratados por uma sabedoria perfeita, capaz de alcançar o que [pretende] apoderando-se de coisas e pessoas feitas para o mal e fazendo-as cooperarem para o bem.[4]

A sabedoria infinita de Deus, portanto, é demonstrada ao produzir o bem que surge do mal, a beleza que vem das cinzas. Ela é demonstrada convertendo todas as forças do mal que se enfurecem contra seus filhos para o bem deles. Mas o bem que Deus produz costuma ser diferente do bem que nós imaginamos.

SANTIDADE QUE VEM DA ADVERSIDADE

Romanos 8.28 é citado com frequência: “Sabemos que Deus faz com que todas as coisas concorram para o bem daqueles que o amam, dos que são chamados segundo o seu propósito”. Mas muitas vezes deixamos de notar que o versículo seguinte nos ajuda a compreender o que é o “bem” de que fala o versículo 28. O versículo 29 começa com a palavra pois, indicando tratar-se de uma continuação e amplificação do pensamento do versículo 28. Diz ele: “Pois os que conheceu por antecipação, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos”.

O bem para o qual Deus opera em nossa vida é a conformidade à imagem do seu Filho. Portanto, esse bem não é necessariamente nosso conforto ou felicidade presentes, mas, sim, a conformidade a Cristo em medida sempre crescente para a eternidade.

Vemos essa mesma ideia em Hebreus 12.10: “Pois eles [nossos pais] nos disciplinaram durante pouco tempo, como bem lhes parecia, mas Deus nos disciplina para o nosso bem, para sermos participantes da sua santidade”. Compartilhar da santidade divina é expressão equivalente a ser conformado à semelhança de Cristo. Deus sabe com exatidão o que pretende que nos tornemos e sabe com exatidão que circunstâncias, boas e ruins, são necessárias para produzir esse resultado em nossa vida.

Observe o contraste que o autor de Hebreus traça entre a sabedoria finita e falível dos pais humanos e a sabedoria infinita e infalível de Deus. Diz ele: “[nossos pais] nos disciplinaram durante pouco tempo, como bem lhes parecia…”. Como pai, consigo me identificar de pronto com a frase “como bem lhes parecia”. Às vezes, ao criarmos nossos filhos, discutíamos com preocupação a escolha da disciplina apropriada, tanto na forma quanto na quantidade. E mesmo quando pensávamos que sabíamos o que era melhor, houve muitas vezes em que erramos.

Mas o autor de Hebreus afirma sem restrições que Deus nos disciplina para o nosso bem. Não há angústia da parte de Deus; ele não fica esperando que tenha tomado a decisão certa, nem fica imaginando o que de fato é melhor para nós. Deus não comete erros. Ele sabe, sem possibilidade de falhar e com infinita sabedoria, qual combinação de circunstâncias boas e ruins nos levará mais e mais a compartilharmos sua santidade. Ele nunca põe o “sal” da adversidade além da conta na receita da nossa vida. Sua mistura de adversidade e bênção é sempre a quantidade certa para nós.

O autor de Hebreus reconhece de forma explícita que disciplina é algo doloroso (12.11). Mas também nos assegura que é lucrativa. Ela “produz um fruto pacífico de justiça”. O propósito da disciplina de Deus não é nos castigar, mas transformar. Ele já nos infligiu castigo em Jesus no Calvário: “O castigo que nos traz a paz estava sobre ele” (Is 53.5). Mas precisamos ser transformados mais e mais à semelhança de Cristo. Esse é o propósito da disciplina.

O salmista disse: “Foi bom eu ter sido castigado, para que aprendesse teus decretos” (Sl 119.71). Ele fala de aprendizado experiencial. Podemos aprender a vontade de Deus para nosso caráter com o intelecto, por meio da leitura e do estudo das Escrituras — e devemos fazê-lo. É aí que começa a mudança, à medida que nossa mente é renovada. Mas a verdadeira transformação — no profundo da nossa alma — é produzida à medida que as doutrinas das Escrituras são exercitadas na vida real. Isso costuma incluir a adversidade. Podemos admirar e até desejar o traço de caráter da paciência, mas jamais aprenderemos a ter paciência até sermos tratados com injustiça e experimentarmos o que significa “sofrer muito tempo” (o significado de paciência) debaixo daquele que nos trata de maneira injusta.

Se parar e pensar no assunto, você perceberá que a maioria dos traços de caráter piedosos só pode ser desenvolvida por meio da adversidade. Deus, em sua infinita sabedoria, sabe exatamente de que adversidade necessitamos para crescer mais e mais à semelhança do seu Filho.

DEUS NÃO DÁ EXPLICAÇÕES

Deus nos explica o que está fazendo na adversidade? Não há nenhuma indicação de que ele tenha alguma vez explicado a Jó as razões de todos os seus sofrimentos terríveis. Como leitores, somos conduzidos aos bastidores para observar o combate espiritual entre Deus e Satanás, mas até onde podemos saber pelas Escrituras, Deus nunca falou a Jó a esse respeito.

O fato é que na realidade ele nunca nos contou, mesmo nas Escrituras, por que permitiu que Satanás afligisse tanto Jó. Com base na verdade de Romanos 8.28 (tão válida para Jó quanto para nós), temos de concluir que Deus tinha um propósito muito mais elevado ao permitir os ataques violentos de Satanás contra Jó do que apenas usar esse servo como peão em uma “aposta” entre ele, Deus, e Satanás. A história termina com uma conversa entre Deus e Jó em que este

reconhece que, por meio das suas provações, estabeleceu um novo e mais profundo relacionamento com Deus. Disse ele: “Com os ouvidos eu tinha ouvido falar a teu respeito; mas agora os meus olhos te veem” (Jó 42.5).

Às vezes, depois do acontecido, conseguimos ver alguns dos resultados benéficos da adversidade em nossa vida, mas raramente somos capazes de enxergá-los durante o tempo do nosso infortúnio. Claro que José conseguiu identificar, depois de se tornar primeiro-ministro do Egito, alguns resultados da aflição que Deus permitira em sua vida, mas com certeza não tinha como vê-los enquanto a atravessava. Para ele, o doloroso processo como um todo devia parecer destituído de qualquer significado e contrário a suas expectativas de futuro, conforme lhe tinham sido reveladas em sonhos.

Mas se enxergamos ou não resultados benéficos nesta vida, ainda assim somos chamados a confiar que Deus, em seu amor, deseja o melhor para nós e, em sua sabedoria, sabe como produzir esse melhor.

Desse modo, nunca deveríamos perguntar “Por quê?”, no sentido de exigir que Deus explique ou justifique seus atos ou o que ele permite em nossa vida. Margaret Clarkson disse: “Não podemos exigir de um Criador soberano que se explique para suas criaturas. […] Deus tinha razões boas e suficientes para seus atos; confiamos em sua sabedoria soberana e em seu amor”.[5]

Quando afirmo que nunca deveríamos perguntar “Por quê?”, não me refiro ao espontâneo grito de angústia em reação à calamidade que acontece conosco ou com alguém que amamos. Em vez disso, estou falando do “Por quê?” persistente e reivindicativo, em tom acusatório contra Deus. O primeiro é uma reação humana natural; o último, uma reação humana pecaminosa. Três salmos começam com uma pergunta: Por que o senhor se mantém à distância? Por que me desamparaste? Por que nos rejeitaste para sempre? (Sl 10, 22, 74). Mas cada um deles termina em tom de confiança em Deus. Os salmistas não permitiam que suas dúvidas se arrastassem muito. Não deixavam que criassem raízes e

crescessem como acusações contra Deus. Seus questionamentos eram na verdade gritos de angústia, uma reação natural à dor.

OS CAMINHOS DE DEUS SÃO INCOMPREENSÍVEIS

Às vezes chegamos a um ponto em que não exigimos de Deus explicação, mas tentamos determinar ou compreender por nós mesmos o que ele está fazendo. Relutamos em viver sem ter uma explicação para o que nos acontece ou àqueles a quem amamos. Somos quase insaciáveis em nossa busca pelo "O porquê" da adversidade que se abateu sobre nós. Mas isso é inútil, além de ser um gesto de desconfiança. Os caminhos de Deus, sendo os caminhos da sabedoria infinita, não podem ser compreendidos por nossa mente finita.

O próprio Deus disse por intermédio de Isaías: "Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos são os meus caminhos, diz o SENHOR. Porque, assim como o céu é mais alto do que a terra, os meus caminhos são mais altos que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos que os vossos pensamentos" (Is 55.8,9). Em seu comentário sobre Isaías, Edward J. Young faz a seguinte menção sobre essa passagem: "A inferência é que como os céus estão muito acima da Terra, a ponto de sua altura não poder ser mensurada pelos padrões humanos, assim também os caminhos e pensamentos de Deus estão muito acima dos do homem, e este não consegue compreendê-los em sua plenitude. Em outras palavras, os caminhos e os pensamentos de Deus são incompreensíveis para o homem".[6]

O apóstolo Paulo declara a mesma verdade em sua doxologia no fim de Romanos 11, ao exclamar com assombro: "Ó profundidade da riqueza, da sabedoria e do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!" (v. 33).

A sabedoria de Deus é impenetrável; suas decisões, insondáveis; seus métodos, misteriosos e inescrutáveis. Ninguém jamais compreendeu-lhe a mente, menos ainda o aconselhou sobre o curso de ação apropriado. Quão inútil e até arrogante da nossa parte procurar determinar o que Deus está fazendo em dado acontecimento ou circunstância. Simplesmente não temos como explorar os motivos por trás de suas decisões ou rastrear os caminhos pelos quais ele traz essas decisões à sua concretização.

Se pretendemos experimentar paz na alma em tempos de adversidade, devemos chegar a um ponto em que cremos de verdade que os caminhos de Deus estão além do nosso entendimento e parar de lhe perguntar os motivos, ou até de tentar determiná-los por nós mesmos. Isso pode parecer um pretexto intelectual, uma recusa em lidar com as questões realmente duras da vida. Na verdade, é justamente o contrário. Trata-se de uma rendição à verdade acerca de Deus e de nossas circunstâncias, conforme reveladas a nós pelo próprio Deus em sua Palavra inspirada.

C. H. Spurgeon, mais uma vez em seu sermão sobre a providência divina, afirma:

A providência é maravilhosamente complexa. Ah! Você sempre quer enxergar através da providência, não é? Nunca o fará, lhe asseguro. Não tem olhos bons o suficiente. Se quer ver até que ponto aquela aflição foi boa para você; precisa acreditar. Se quer ver como ela pode fazer o bem para a alma; você pode ser capacitado em pouco tempo; mas não pode enxergar agora; tem de crer. Honre a Deus confiando nele.[7]

Na resposta final de Jó a Deus, ele reconhece humildemente os caminhos insondáveis do Senhor. Ele diz:

Quem é este que sem conhecimento obscurece o conselho? De fato falei do que não entendia, coisas que me eram maravilhosas demais e eu não compreendia (Jó 42.3).

Os caminhos de Deus, disse Jó, eram maravilhosos demais para que ele os conhecesse ou compreendesse. Quando viu Deus em sua grande majestade e soberania, arrependeu-se das indagações arrogantes “no pó e na cinza” (42.6). Parou então de perguntar e confiou apenas.

NÃO INTERPRETE, MAS APRENDA!

Pelo fato de ser a sabedoria de Deus infinita e seus caminhos inescrutáveis para nós, também deveríamos ser muito cautelosos em buscar interpretar os caminhos de Deus em sua providência, especialmente em acontecimentos determinados. Além disso, precisamos tomar cuidado com quem se oferece como intérprete da razão e propósito para tudo que está se passando. Atenção aos que dizem: “Deus deixou isso acontecer a fim de que você pudesse aprender tal e tal lição”. A verdade é que não sabemos o que Deus está fazendo por meio de um conjunto determinado de circunstâncias ou eventos.

Isso não significa que não deveríamos buscar aprender da providência de Deus, bem como de sua vontade revelada nas Escrituras. Muito pelo contrário. Conforme observamos anteriormente neste capítulo, o salmista aprendeu por experiência própria os decretos de Deus por intermédio da aflição (veja Sl 119.71). O povo de Israel também aprendeu por meio da providência adversa de Deus em suas vidas. Deuteronômio 8.3 ensina:

Sim, ele te humilhou, te deixou ter fome e te sustentou com o maná, que nem tu nem teus pais conhecíeis, para que entendesses que o homem não vive só de pão, mas de tudo o que sai da boca do SENHOR…

Deus ensinou a nação por meio de sua providência divina — colocando-os em uma situação em que não podiam simplesmente ir até a despensa para obter o pão diário —, de modo que fossem dependentes dele por completo. Ele estava conduzindo a nação para uma terra onde a provisão material seria "naturalmente" abundante (veja Dt 8.7,9). Sabia que seriam tentados pelo orgulho do próprio coração a dizer: "A minha força e a fortaleza da minha mão adquiriram para mim estas riquezas" (v. 17). Por isso, antes que entrassem na terra, Deus lhes ensinou sobre dependência por meio de sua divina providência.

A SABEDORIA DE DEUS EM ASSUNTOS DO MUNDO

Indo além de nossas circunstâncias pessoais, também podemos dizer que a sabedoria infinita de Deus, dirigindo seu poder soberano, governa o mundo. Ao olharmos à nossa volta, parece que grande parte do mundo está fora do controle de Deus e que muito do que acontece não faz o menor sentido. Por que 109 crianças tinham de ser asfixiadas debaixo de um deslizamento de lama no sul do País de Gales, ou milhares tinham de morrer em Ruanda ou Darfur? Por que governantes aparentemente mais "iníquos" tantas vezes prosperam nos circuitos dos negócios mundiais? Por que o rico fica mais rico e o pobre, mais pobre? Claro, vivemos em um mundo amaldiçoado pelo pecado e tudo isso poderia ser atribuído à pecaminosidade do homem.

Mas se aceitamos que Deus é soberano, como vimos em capítulos anteriores, então devemos concluir que ele está no controle até dessas circunstâncias terríveis e as está conduzindo com sua sabedoria infinita ao propósito estabelecido para elas. Não são apenas um conjunto de acontecimentos descontrolados e sem relação uns com os outros. Antes, todas essas circunstâncias são parte do modelo e do plano perfeito de Deus, que um dia se revelará ser tanto para sua glória quanto para o bem da igreja. O professor Berkouwer de novo nos auxilia quando escreve:

Todas as facetas da vida são abrangidas pelo governo de Deus. A pluralidade da vida é colocada debaixo de uma perspectiva única. Não que haja uma confusão de incontáveis eventos atomísticos em todos os quais a atividade divina é manifesta. Existe um eixo, um centro que unifica a diversidade da atividade de Deus. A unidade inclui o progresso de eventos da sua promessa na época da Queda até o término da formação de seu povo santo.[8]

Assim como deveríamos aprender a parar de perguntar "Por quê?", a deixar de buscar explicações racionais e a tentar descobrir que "bem" há em nossas próprias adversidades, da mesma forma devemos também aprender a aquietar nosso coração no que diz respeito ao governo do Universo por Deus. Precisamos chegar a um lugar em que possamos dizer, nas palavras de Davi, "… acalmo e sossego minha alma…" (Sl 131.2) em relação a todas as tragédias que sobrevêm à humanidade ao redor do mundo.

O puritano John Flavel escreveu:

Creia firmemente que a administração de todos os assuntos deste mundo, públicos ou pessoais, estão nas mãos do seu Deus de infinita sabedoria. […] Submeta-se à sabedoria de Deus, e não se apoie no seu próprio entendimento. […] não presuma ser o governador do mundo, mas deixe as rédeas do governo nas mãos que o fizeram e que sabem como controlá-lo.[9]

Isso não quer dizer que tenhamos de nos tornar indiferentes e insensíveis à tremenda quantidade de sofrimento que vai pelo mundo. Devemos orar pelas vítimas das tragédias e, onde a oportunidade permitir, reagir de maneira palpável a fim de aliviar-lhes o sofrimento. Mas podemos ser compassivos sem questionar Deus acerca do seu governo sobre o mundo. Uma confiança sem reservas em Deus — quando não compreendemos o que está acontecendo ou por que — é o único caminho para a paz, o consolo e a alegria. Deus quer que o honremos ao

confiarmos nele, mas também deseja que experimentemos a paz e alegria resultantes dessa confiança.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. O que é sabedoria?

2. Como Deus demonstra ter perfeita sabedoria?

3. O bem para o qual Deus opera em nossa vida não é necessariamente conforto ou felicidade, mas a semelhança de Cristo em medida sempre crescente.

a. Pense em algumas situações específicas. Qual o bem que você está almejando em cada uma delas?

b. Para cada situação, em que sentido suas intenções são iguais ou diferentes das de Deus?

4. Por que não podemos construir um caráter piedoso sem sofrimento?

5. Leia Isaías 55.8,9. Que situação ou situações lhe vêm à mente quando você pensa nos caminhos de Deus como diferentes dos seus?

6. Este capítulo o ajuda a confiar em Deus nas situações em que você não sabe por que ele permitiu determinada coisa? Se sim, como? Se não, o que lhe falta?

▪

[1] Brian H. Edwards, Not by chance (Hertfordshire: Evangelical Press, 1982), p. 14.

[2] J. L. Dagg, Manual of theology (Harrisonburg: Gano Books, edição de 1982 do original de 1857, publicada pela The Southern Baptist Publication Society), p. 86-7.

[3] John Piper, Desiring God (Portland: Multnomah, 1986), p. 23 [edição em português: Em busca de Deus (São Paulo: Shedd, 2008)].

[4] Citado de um artigo muito antigo de uma publicação inglesa, sem data ou assinatura, existente nos arquivos do autor, intitulado A witness and a testimony.

[5] Margaret Clarkson, Destined for glory (Grand Rapids: Eerdmans, 1983), p. 19.

[6] Edward J. Young, The book of Isaiah (Grand Rapids: Eerdmans, 1984), vol. 3, p. 383.

[7] C. H. Spurgeon, God's providence (Choteau: Gospel Mission, s.d.), p. 19.

[8] G. C. Berkouwer, The providence of God (Grand Rapids: Eerdmans, 1983), p. 88.

[9] John Flavel, The works of John Flavel (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1982), vol. 3, p. 361.

SETE

EXPERIMENTANDO O AMOR DE DEUS

Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação,

ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou privação,

ou perigo, ou espada? […] Mas em todas essas

coisas somos mais do que vencedores,

por meio daquele que nos amou.

ROMANOS 8.35,37

Um amigo meu que dedica boa quantidade de tempo a encorajar os outros se descobriu desolado com as lutas espirituais de um de seus filhos. Em desespero, clamou: “Deus, acho que faço um trabalho melhor cuidando dos seus filhos do que o Senhor dos meus”. Ele me disse: “Assim que disse isso, arrependi-me diante do Senhor”.

Mesmo assim, sua experiência frustrante ilustra uma questão. Muitos, de tempos em tempos, somos tentados a questionar o amor de Deus por seus filhos.

Posso me identificar com meu amigo. Certa vez, quando uma de nossas filhas atravessava uma série de experiências difíceis, orei: “Deus, eu não trataria minha filha como o Senhor a está tratando”. Também precisei me arrepender das palavras insolentes e trabalhar a garantia das Escrituras de que o amor de Deus é tão real em tempos de adversidade quanto em tempos de bênção.

Parece que, quanto mais cremos e aceitamos a soberania de Deus sobre cada acontecimento da nossa vida, mais somos tentados a questionar seu amor. Pensamos: “Se Deus está no controle dessa adversidade e pode fazer alguma coisa a respeito, por que não faz?”. O rabino Kushner escolheu crer em um Deus bom, mas não soberano. Às vezes somos tentados, mesmo que apenas por alguns instantes, a acreditar em um Deus soberano que não é bom. Satanás, cujo primeiríssimo ato voltado para o homem foi questionar a bondade de Deus, é capaz de colocar em nossa mente até mesmo a ideia de que Deus está lá no céu zombando de nossa angústia.

Mas não somos forçados a escolher entre a soberania e a bondade de Deus. A Bíblia declara, com semelhante ênfase, tanto sua soberania quanto sua bondade. Referências à bondade e à benevolência de Deus, bem como à sua soberania, aparecem em quase todas as páginas das Escrituras.

Disse o apóstolo João: “Deus é amor” (1Jo 4.8). Essa declaração sucinta, bem como sua paralela, “Deus é luz” (1Jo 1.5, ou seja, ele é santo), sintetizam o caráter essencial de Deus, revelado a nós nas Escrituras. Assim como é impossível, considerando a natureza dele, que Deus seja qualquer coisa menos que perfeito em santidade, assim também é impossível que ele seja qualquer coisa que não perfeitamente bom.[1]

Pelo fato de Deus ser amor, uma parte essencial da sua natureza é fazer o bem e demonstrar misericórdia para com suas criaturas. O Salmo 145 fala de sua “grande bondade” (v.7), de ele ser “grande em amor” (v.8), “bom para todos” (v.9) e de suas misericórdias, “que estão sobre todas as suas obras” (v.9). Mesmo em seu papel de juiz de homens rebeldes, declara: “não tenho prazer na morte do ímpio” (Ez 33.11).

Quando estamos em meio à adversidade e — como parece acontecer com frequência — temos a impressão de que calamidade após calamidade se abate sobre nós, somos tentados a duvidar do amor de Deus. Não apenas lutamos

contra nossas próprias dúvidas, mas também Satanás aproveita essas oportunidades para nos sussurrar acusações contra Deus, por exemplo: “Se ele o amasse, não permitiria que isso acontecesse”. Minha experiência sugere que Satanás nos ataca muito mais no que diz respeito ao amor de Deus do que sua soberania ou sabedoria.

Até o íntegro Jó, que no início de suas calamidades foi capaz de dizer “o SENHOR o deu, o SENHOR o tirou; bendito seja o nome do SENHOR” (Jó 1.21), chegou a um ponto em que também questionou a bondade divina. Disse: “Deus me nega justiça” (34.5, NIV) e “Nenhum benefício é concedido ao homem que tenta agradar a Deus” (34.9, NIV).

Se Deus é perfeito em amor e abundante em bondade, como podemos nos posicionar contra nossas dúvidas e contra as tentações de Satanás que nos fazem questionar a bondade divina? Que verdades acerca de Deus necessitamos armazenar em nosso coração a fim de usarmos como armas contra a tentação de duvidar do seu amor?

O AMOR DE DEUS NO CALVÁRIO

Não existe a menor dúvida de que a evidência mais convincente do amor de Deus em toda a Bíblia é ele ter dado seu Filho para morrer por nossos pecados.

O amor de Deus para conosco manifestou-se no fato de Deus ter enviado seu Filho unigênito ao mundo para que vivamos por meio dele. Nisto está o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele quem nos amou e enviou seu Filho como propiciação pelos nossos pecados (1Jo 4.9,10).

João disse que Deus é amor, e que manifestou seu amor enviando seu Filho para morrer por nós. Nossa maior necessidade não é libertação da adversidade. Todas as possíveis calamidades que podem acontecer nesta vida não se comparam de modo algum à calamidade absoluta da separação eterna de Deus. Jesus disse que nenhuma alegria terrena poderia ser comparada à alegria eterna de termos nosso nome escrito no céu (veja Lc 10.20). De semelhante modo, nenhuma adversidade terrena pode se comparar à terrível calamidade do juízo eterno de Deus no inferno.

Portanto, ao afirmar que Deus demonstrara seu amor enviando seu Filho, João estava dizendo que Deus manifestou seu amor satisfazendo nossa maior necessidade: uma necessidade tão grande que não há outra que lhe chegue perto em comparação. Se desejamos prova do amor de Deus por nós, temos primeiro de olhar para a cruz, onde ele ofereceu seu Filho como sacrifício por nossos pecados. O Calvário é prova objetiva, absoluta e irrefutável do amor de Deus por nós.

A extensão do amor de Deus no Calvário é percebida tanto no custo infinito de ele dar seu único Filho quanto na rebelião e condição de perdidos daqueles a quem ele amou. Deus não poderia remover nossos pecados sem um custo infinito tanto para si quanto para seu Filho. E por causa do grande amor deles por nós, os dois se prontificaram a pagar este grande custo: o Pai dando seu único Filho e o Filho entregando sua vida por nós. Uma das características essenciais do amor é o elemento do autossacrifício, e isso foi demonstrado em grau máximo, por nós, no amor de Deus no Calvário.

Considere também a condição miserável e odiosa daqueles a quem Deus amava. Paulo disse: “Mas Deus prova o seu amor para conosco ao ter Cristo morrido por nós quando ainda éramos pecadores” (Rm 5.8). Para aqueles dentre nós que cresceram em um lar moralmente correto ou cristão, às vezes é difícil dar valor à força da declaração de Paulo, “quando ainda éramos pecadores”. Como muitos de nós em geral temos sido pessoas corretas e moralmente decentes aos olhos da sociedade e aos nossos próprios olhos, é difícil vermos a nós mesmos como

Deus nos via: como seus inimigos, apartados dele (Cl 1.21).

Em Efésios 2, Paulo diz que seguíamos o caminho deste mundo (v. 2), ou seja, o da sociedade incrédula à nossa volta. Não apenas seguíamos o caminho da sociedade ímpia, como seguíamos o próprio Diabo, a quem Paulo chama de príncipe do poderio do ar. Talvez não fosse por uma escolha consciente e deliberada que seguíamos o Diabo, mas agíamos assim por estarmos debaixo do seu poder e domínio (veja At 26.18; Cl 1.13). Na verdade, éramos servos do arqui-inimigo de Deus. Mais ainda, Paulo diz que passávamos os dias satisfazendo os anseios da nossa natureza pecaminosa, seguindo seus desejos e pensamentos (Ef 2.3). Vivíamos para nós mesmos: para nossas ambições, desejos e prazeres. Então, depois de Paulo prosseguir com a descrição do nosso estado de não salvos, ele conclui com a declaração de que éramos por natureza objetos da ira de Deus. Foi enquanto estávamos nesse estado de total separação de Deus que Cristo morreu por nós.

Sempre que somos tentados a duvidar do amor de Deus por nós, temos de voltar para a cruz. Devemos raciocinar mais ou menos do seguinte modo: se Deus me amou o suficiente a ponto de dar seu Filho para morrer por mim quando eu era seu inimigo, com certeza me ama o suficiente para cuidar de mim agora que sou seu filho. Tendo me amado até as últimas consequências, a cruz, não é possível que deixe de me amar em meus momentos de adversidade. Tendo dado um presente tão precioso como seu Filho, não há dúvida de que também dará tudo o mais que for consistente com a sua glória e com o nosso bem.

Durante a angústia, dor e desapontamento, pode parecer falta de sensibilidade e até de espiritualidade buscar “raciocinar” em cima das verdades do amor de Deus. Mas Paulo nos ofereceu um modelo útil para essa forma de raciocínio — uma argumentação passando do maior para o menor — ao perguntar: “Aquele que não poupou nem o próprio Filho, mas, pelo contrário, o entregou por todos nós, como não nos dará também com ele todas as coisas?” (Rm 8.32). Sua lógica é que se Deus nos amou a ponto de nos dar o maior dom imaginável, então certamente não reterá de nós nenhuma bênção menor.

O AMOR DA FAMÍLIA DE DEUS

Pela graça de Deus, tendo confiado em Cristo como nosso Salvador, nós que somos crentes fomos trazidos para a própria família de Deus. Ele se comprometeu por meio de aliança conosco em ser nosso Deus e nós o seu povo (veja Hb 8.10). Por intermédio de Cristo, adotou-nos como filhos e enviou o Espírito Santo para viver em nós e testificar com nosso espírito que somos seus filhos. O Espírito Santo dá testemunho dentro de nós desse relacionamento filial que temos com Deus quando nos faz clamar em nosso coração: “Aba, Pai!” (Rm 8.15,16). O uso feito por Paulo dessa palavra tem a intenção de transmitir para nós quão profundamente o Espírito nos assegura que somos de fato filhos do Deus altíssimo, agora nosso Pai celestial.

Na condição de nosso Pai celestial, Deus ama seus filhos, todos nós, com um amor muito especial, um amor paternal. Chama-nos de “santos e amados eleitos de Deus” (Cl 3.12, grifo do autor). Por incrível que possa parecer, “ele se agradará de ti […] e se alegrará em ti com júbilo” (Sf. 3.17). Como Matthew Henry observou ao comentar a passagem de Sofonias 3.17: “O grande Deus não só ama seus santos, como ama amá-los”.

Em Salmos 103.11, Davi fala do amor paternal de Deus do seguinte modo: “Pois seu amor para com os que o temem é grande, tanto quanto o céu se eleva acima da terra”. No último capítulo, vimos que os caminhos de Deus são mais altos que os nossos, como os céus são mais altos que a terra. Aqui, vemos que o amor de Deus pelos seus é tão grande quanto o céu se eleva acima da terra. Da forma como a sabedoria de Deus e a altura do céu não podem ser medidos, igualmente não há como mensurar o amor de Deus por nós. Nenhuma calamidade que possa se abater sobre nós, por maior que seja, é capaz de nos levar para além da clareza do amor paternal de Deus por nós.

O AMOR DE DEUS EM CRISTO

Esse amor infinito e imensurável de Deus é derramado sobre nós não por quem ou o que sejamos, mas por causa da nossa união com Cristo. Em Romanos 8.39, Paulo diz que “[nada] poderá nos separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor”. O amor de Deus flui inteiro para nós em Jesus Cristo ou através dele. A expressão em Cristo é usada por Paulo com frequência para se referir à nossa união espiritualmente orgânica com Jesus Cristo. Jesus fala dessa mesma união na metáfora da videira e seus ramos em João 15. Como os ramos estão organicamente relacionados com a videira em uma união vivificante, assim os crentes, em sentido espiritual, estão organicamente unidos a Cristo.

É importante compreender esse conceito crucial de que o amor de Deus por nós está em Cristo. Como o amor de Deus por seu Filho não pode mudar, também seu amor por nós não pode, porque estamos em união com aquele a quem ele ama. O amor de Deus por nós não pode oscilar mais do que seu amor pelo Filho.

Somos o tempo todo tentados a olhar para dentro de nós mesmos, procurando encontrar alguma razão pela qual Deus deveria nos amar. Essa busca, claro, costuma ser desanimadora. Em geral, encontramos em nosso interior razões pelas quais achamos que Deus não deveria nos amar. Essa busca também é antibíblica. A Bíblia deixa muito claro que Deus não olha dentro de nós em busca de uma razão para nos amar. Ele nos ama porque estamos em Cristo Jesus. Quando olha para nós, ele não nos vê resplandecentes em nossas boas obras, mesmo considerando nossas boas obras como cristãos. Em vez disso, ele nos vê unidos a seu Filho amado, revestidos da justiça de Cristo.

O AMOR SOBERANO DE DEUS

Nos capítulos anteriores, debruçamo-nos sobre a soberania de Deus em todo o seu Universo. Soberania essa exercida primordialmente para sua glória. Mas pelo fato de você e eu estarmos em Cristo Jesus, a glória dele e o nosso bem estão interligados. Por causa de nossa união com Cristo, o que quer que seja para a sua glória também é para o nosso bem. E o que quer que seja para o nosso bem é para a sua glória.

Portanto, com a garantia das Escrituras, podemos dizer que Deus exerce sua soberania em nosso benefício. Paulo diz em Efésios 1.22,23: “Também sujeitou todas as coisas debaixo dos seus pés, para que [Cristo] seja cabeça sobre todas as coisas, e o deu à igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que preenche tudo em todas as coisas”. Ou seja, Cristo reina sobre o Universo inteiro para o bem do seu corpo, a igreja.

A união da soberania e do amor de Deus para o bem do seu povo é expressa em outro símbolo — o pastor com sua ovelha —, em Isaías 40. Nos versículos 10,11, o profeta diz:

O SENHOR Deus virá com poder; dominará com o seu braço; o seu galardão está com ele, e a sua recompensa o acompanha. Ele cuidará do seu rebanho como um pastor; recolherá nos braços os cordeirinhos e os levará no colo; guiará mansamente as que amamentam.

Não há símbolo mais pitoresco do amor de Deus por nós que o do pastor fiel e terno carregando suas ovelhas no colo, ou seja, junto ao coração. E somos carregados nos braços do poder soberano.

A GARANTIA DO AMOR DE DEUS

Muitas vezes não vemos ou não sentimos o amor soberano de Deus sendo exercido em nosso favor. Em vez disso, nós nos vemos afligidos por todos os tipos de calamidades, que passam por cima de nós feito um rolo compressor. Vemos a nós mesmos como vítimas do “destino cruel da natureza”, das injustiças de outras pessoas e de adversidades que ocorrem sem nenhuma causa racional.

É em tempos como esses que precisamos nos posicionar pela fé em relação às garantias do amor de Deus que nos são dadas pelas Escrituras. Não temos como fugir de um dos princípios básicos da vida cristã: “vivemos pela fé e não pelo que vemos” (2Co 5.7). Claro, nossa fé oscila com frequência, e se podemos questionar por alguns instantes a sabedoria divina, o mesmo acontece em relação à bondade e ao amor de Deus. Somos como Davi quando confessou: “Assustado, eu dizia: Estou eliminado de diante dos teus olhos” (Sl 31.22). Essa costuma ser nossa reação inicial quando a adversidade nos assalta. Sentimo-nos eliminados de diante da face de Deus, do seu amor e cuidado terno.

Porém, também precisamos aprender a dizer com Davi: “Tu, porém, ouviste minhas súplicas quando clamei a ti” (Sl 31.22). Deus não pode nos abandonar, porque somos seus filhos, em bendita união com o seu Filho. Não podemos ser eliminados de diante dos seus olhos. Mas nosso conhecimento da garantia do seu amor pode esmorecer quando permitimos que a dúvida e a descrença conquistem um ponto de apoio em nosso coração.

Qualquer um que já tenha se sentido eliminado da face do Senhor e abandonado por ele consegue ponderar com grande sentimento em relação a miséria da nação de Judá logo após sua destruição pelo exército babilônico. O autor de Lamentações (a tradição aponta para Jeremias) reflete: “Lembro-me da minha aflição e do meu delírio, da minha amargura e do meu pesar. Lembro-me bem disso tudo, e a minha alma desfalece dentro de mim” (Lm 3.19,20, NIV).

O escritor chegou ao fundo do poço, emocional e espiritualmente. Mas então o estado de ânimo muda por completo quando ele afirma no versículo 21: “Mas

quero lembrar do que pode me dar esperança". Segue-se então uma das maiores passagens de toda a Bíblia — a passagem que tem trazido esperança e encorajamento a incontáveis crentes através dos séculos: "A bondade do SENHOR é a razão de não sermos consumidos, as suas misericórdias não têm fim; renovam-se cada manhã. Grande é a tua fidelidade" (Lm 3.22,23).

O que causou essa mudança de humor tão dramática no coração do escritor? Ele se volta das circunstâncias ao redor para o Senhor. Ele não foi eliminado da presença de Deus. Nem a nação, no fundo do seu pecado, foi eliminada do amor de Deus. Deus a disciplinou com severidade, mas não deixou de amá-la. Nós, também, se formos falar da grande fidelidade do Senhor, precisamos nos voltar de nossas circunstâncias para o Senhor. Devemos ver nossas circunstâncias através do amor de Deus, e não como somos inclinados a fazer: buscar ver o amor de Deus através das nossas circunstâncias.

O AMOR INFALÍVEL DE DEUS

Uma expressão muito frequente no livro de Salmos é amor infalível. Por exemplo, Salmos 32.10 diz: "O amor infalível do SENHOR cerca o homem que nele confia" (NIV). Pense no que isso significa. O amor de Deus não pode falhar. É imutável, constante e fixo. Em todas as adversidades por que passamos, o amor de Deus é infalível. Como ele nos diz em Isaías 54.10: "Pois as montanhas se retirarão, e os montes serão removidos; mas o meu amor infalível não se afastará de ti, nem a minha aliança de paz será removida, diz o SENHOR, que se compadece de ti." (NIV). E como seu amor não pode falhar, ele só admitirá em nossa vida a dor e a angústia que, no final, sejam para o nosso bem.

Mesmo a aflição que ele próprio traz para nossa vida é aplacada por sua compaixão. "Embora ele traga tristeza, mostrará compaixão, tão grande é o seu amor infalível" (Lm 3.32, NIV). A segurança aqui é de que Deus mostrará compaixão. Não basta dizer que ele é compassivo, é preciso assegurar que ele

mostrará compaixão. Ou seja, até as chamas da aflição serão abrandadas por sua compaixão, que brota do seu amor infalível. Nossas aflições são sempre acompanhadas da compaixão e consolação de Deus.

Paulo experimentou a compaixão de Deus em meio à sua dor. Para evitar o orgulho em sua vida, Deus lhe deu um espinho na carne. O que era não sabemos, mas sabemos que era uma aflição severa para Paulo. Em três ocasiões ele suplicou ao Senhor que o tirasse, mas a resposta foi não. Em vez disso, Deus lhe disse: “A minha graça te é suficiente” (2Co 12.9). Deus trouxe aflição à vida de Paulo para o seu bem, mas também mostrou compaixão. Deu-lhe graça, nesse caso a força divina para suportar a dor. Não deixou Paulo suportando o espinho na carne sozinho. Com isso, Paulo chegou a se regozijar em sua aflição, pois por meio dela experimentou o poder de superação de Deus.

Deus não nos dá toda a força divina de que necessitamos para a vida cristã no dia em que confiamos em Cristo. Antes, Davi fala da bondade de Deus, guardada para aqueles que o temem (veja Sl 31.19). Do mesmo modo como devemos guardar (o significado de “esconder” no salmo 119.11, NIV) a Palavra de Deus no coração para o dia de tentação, assim Deus guarda bondade ou graça para nossos tempos de adversidade. Não a recebemos antes que precisemos dela, mas nunca a recebemos tarde demais.

Penso no médico cujo filho nasceu com um defeito de nascença incurável, deixando-o aleijado para a vida toda. Perguntei ao pai como se sentia quando ele, que dedicara a vida a tratar a enfermidade de outras pessoas, era confrontado com a condição incurável do próprio filho. Ele me respondeu dizendo que seu maior problema era a tendência de encapsular os próximos vinte anos da vida do filho naquele instante inicial em que soube daquela condição. Vista dessa forma, a adversidade era esmagadora. Deus não concede vinte anos de sua graça hoje. Em vez disso, ele a dá dia após dia.

A PRESENÇA DE DEUS EM NÓS

O amor de Deus é infalível; sua graça é sempre suficiente. Mas ainda existem mais boas notícias. Ele está conosco em nossos problemas. Deus não apenas envia sua graça do céu para vir de encontro às nossas provações. Ele nos diz: “Não temas […] eu te ajudo” (Is 41.14).

Em Isaías 43.2, Deus assegura:

Quando passares pelas águas, eu serei contigo; quando passares pelos rios, eles não te farão submergir; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti.

Deus faz a promessa específica de estar conosco em nossas dores e aflições. Não nos poupará das águas da dor e das chamas da adversidade, mas as atravessará conosco. Mesmo quando as águas e as chamas são aquelas que o próprio Deus introduz em nossa vida, ele ainda as atravessa conosco. A maior parte das promessas graciosas de Deus de estar conosco foram dadas primeiro à nação de Judá, durante tempos de declínio espiritual da nação. Por meio de seus profetas, ele advertia o povo continuamente do juízo vindouro; no meio desses alertas, encontramos essas promessas incríveis de que ele os acompanharia. Deus julgou seu povo, mas não o abandonou. Mesmo nos julgamentos, Deus estava com eles. Como disse Isaías: “Em toda a angústia deles, ele também ficou angustiado” (Is 63.9).

Portanto, não importa a natureza ou causa das nossas adversidades; Deus as atravessa conosco. Diz ele: “eu te fortaleço, ajudo e sustento com a minha mão direita fiel” (Is 41.10). Costuma ser bem no meio das nossas adversidades que experimentamos as manifestações mais deleitosas do seu amor. Como declarou Paulo em 2Coríntios 1.5: “Pois, assim como os sofrimentos de Cristo

transbordam sobre nós, assim também a nossa consolação transborda por meio de Cristo".

Por estarmos em união com Cristo, ele partilha das nossas adversidades. Nada pode nos separar do seu amor. Nas palavras de Paulo: "nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá nos separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Rm 8.39). O amor infalível de Deus por nós é um fato objetivo afirmado vezes e mais vezes nas Escrituras. É verdadeiro, não importa se acreditamos nele ou não. Nossas dúvidas não destroem o amor de Deus, nem nossa fé o cria. Ele se origina na própria natureza de Deus, que é amor, e flui sobre nós por meio da nossa união com seu Filho amado.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. Por que a cruz é a expressão máxima do amor de Deus por nós? Dê uma olhada em Romanos 5.6-8 e 1João 4.9,10.

2. Leia Marcos 15.16-39 devagar e em atitude de meditação. Onde você enxerga o amor de Deus por você nesse acontecimento, se é que consegue enxergá-lo?

3. Se a cruz não o fascina como prova do amor de Deus por você, por que você supõe que isso acontece? O que você pode fazer a esse respeito?

4. Que experiências em sua vida o tentaram a duvidar do amor de Deus?

5. Quando você duvidou do amor de Deus, o que o ajudou (se é que houve alguma coisa que o ajudou) a recuperar a confiança em seu amor?

6. Por que Deus não faz tudo que pode para nos tornar felizes e livres da dor? Afinal de contas, como pais humanos, é o que desejamos para nossos filhos.

7. Leia Lamentações 3.17-24. O que você pode aprender com Jeremias sobre lidar com os sentimentos de desapontamento e derrota?

▪

[1] Os teólogos, ao falarem da bondade de Deus, costumam distinguir entre sua bondade em excelência (por exemplo, em “ele é um bom engenheiro”) e sua bondade em benevolência (por exemplo, em “ele é bom para seus filhos”). Neste capítulo, uso a bondade de Deus como sua benevolência para com seu povo e uso-a de maneira intercambiável com seu amor.



OITO

CRESCENDO EM MEIO À ADVERSIDADE

Meus irmãos, considerai motivo de grande alegria

o fato de passardes por várias provações, sabendo que

a prova da vossa fé produz perseverança;

e a perseverança deve ter ação perfeita, para

que sejais aperfeiçoados e completos,

sem vos faltar coisa alguma.

TIAGO 1.2-4

Um dos muitos acontecimentos fascinantes da natureza é o surgimento da mariposa cecrópia de dentro do seu casulo, algo que só ocorre quando a mariposa faz muita força para se libertar. Costuma-se contar a história de alguém que assistia a uma mariposa passar por essa luta. Com a intenção de ajudar — e sem perceber a necessidade do grande esforço —, essa pessoa abriu um buraco na casca do casulo. Logo saiu a mariposa com as asas encolhidas e murchas. A pessoa continuou olhando, mas as asas permaneceram frágeis. A mariposa, que em poucos instantes as teria estendido para voar, estava agora fadada a viver sua breve vida rastejando, frustrada por jamais vir a ser a bela criatura que Deus a criara para ser.

O que a pessoa da história não percebeu foi que a luta para sair do casulo era parte essencial do desenvolvimento do sistema muscular do corpo da mariposa, empurrando os fluidos corporais para as asas de modo a expandi-las. Ao cometer a tolice de buscar um atalho que diminuísse o esforço da mariposa, a pessoa na verdade a aleijou e condenou sua existência.

As adversidades da vida são muito como o casulo da mariposa cecrópia. Deus as utiliza para desenvolver o “sistema muscular” espiritual da nossa vida. Como Tiago diz em nosso texto para este capítulo, “a prova da vossa fé [por intermédio de vários tipos de testes] produz perseverança”, e a perseverança leva à maturidade do nosso caráter.

Podemos ter certeza de que o desenvolvimento de um lindo caráter semelhante ao de Cristo não acontecerá em nossa vida sem adversidade. Pense nas adoráveis graças que Paulo chama de fruto do Espírito em Gálatas 5.22,23. As quatro primeiras características mencionadas por ele — amor, alegria, paz e paciência — só podem ser geradas no ventre da adversidade.

Podemos achar que temos o verdadeiro amor cristão — até alguém nos ofender ou nos tratar de maneira injusta. Então começamos a ver a raiva e o ressentimento brotarem do nosso interior. Podemos concluir que aprendemos o que é alegria cristã genuína — até nossa vida ser estilhaçada por uma calamidade inesperada ou um desapontamento grave. As adversidades estragam nossa paz e desafiam seriamente nossa paciência. Deus usa essas dificuldades para revelar nossa necessidade de crescimento, a fim de que estendamos a mão para ele nos transformar mais e mais à semelhança de seu Filho.

Todavia, recuamos diante das dificuldades e, para usar a ilustração da mariposa, queremos que Deus abra um buraco no casulo e nos liberte da adversidade em que muitas vezes nos encontramos. Mas se Deus tem mais sabedoria e amor para com a mariposa do que a pessoa que a encontrou, também para conosco ele tem mais sabedoria e amor do que nós mesmos. Ele não afastará a adversidade até que tenhamos aprendido com ela e nos desenvolvido não importa a maneira que ele pretendia ao trazer ou permitir a adversidade em nossa vida.

Paulo e Tiago falam de regozijo em nosso sofrimento (veja Rm 5.3,4; Tg 1.2-4).

A maioria de nós tem dificuldade com essa ideia, para sermos bem sinceros. Suportá-las é possível, mas… nos regozijar? É uma expectativa pouco razoável. Não somos masoquistas; não temos prazer na dor.

Entretanto, Paulo e Tiago dizem que deveríamos nos regozijar em nossas provações em virtude dos resultados benéficos delas. Não é a adversidade em si mesma que deve ser a base da nossa alegria. Em vez disso, é a expectativa pelos resultados, ou seja, o desenvolvimento do nosso caráter, que deveria nos levar a nos regozijar na adversidade. Deus não nos pede para nos regozijarmos porque perdemos o emprego, porque um ente querido foi acometido de câncer ou porque um filho nasceu com uma deficiência congênita incurável. Mas ele diz, sim, que devemos nos regozijar por crermos que ele está no controle dessas circunstâncias e que ele está operando através delas para o nosso bem final.

A vida cristã deve ser de crescimento contínuo. Todos nós queremos crescer, mas costumamos resistir a esse processo. Isso acontece porque temos a tendência de nos concentrar na adversidade em si, em vez de enxergar com os olhos da fé para além dela, para o que Deus está fazendo em nossa vida. Disseram de Jesus que ele, “por causa da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da vergonha que sofreu” (Hb 12.2). A morte de Cristo na cruz, com a agonia física intensa e o sofrimento espiritual infinito de suportar a ira de Deus por nossos pecados, foi a maior calamidade a já se abater sobre um ser humano. No entanto, Jesus conseguiu enxergar, além do sofrimento, a alegria que lhe estava proposta. E, como disse o autor de Hebreus, devemos fixar os olhos nele e seguir-lhe o exemplo. Devemos olhar além da nossa adversidade, olhar para o que Deus está fazendo em nossa vida, e regozijarmo-nos na certeza de que ele trabalha em nós para fazer com que cresçamos.

APRENDEMOS COM A ADVERSIDADE

Podemos fazer muita coisa para aprendermos com a adversidade e recebermos

os benefícios pretendidos por Deus. Primeiro, podemos nos submeter a ela — não com a relutância do general derrotado que se submete a seu conquistador, mas voluntariamente, como o paciente na mesa de cirurgia se submete à mão habilidosa do cirurgião que empunha o bisturi. Não tente frustrar o propósito gracioso de Deus resistindo à providência dele em sua vida. Em vez disso, à medida que for capaz de ver o que Deus está fazendo, faça do propósito dele o seu.

Isso não significa que não devemos usar todos os meios legítimos à nossa disposição para minimizar os efeitos da adversidade. E sim que devemos aceitar da mão de Deus o sucesso ou o fracasso desses meios, conforme a vontade dele, e a todo tempo buscar aprender, independentemente do que ele possa estar nos ensinando.

Às vezes perceberemos muito claramente o que Deus está fazendo, e nessas ocasiões devemos reagir ao ensinamento de Deus em humilde obediência. Outras vezes talvez não conseguimos ver tudo o que ele está fazendo em nossa vida. Nessas ocasiões, precisamos responder com humilde fé, confiando nele para operar em nossa vida aquilo que necessitamos aprender. As duas atitudes são importantes, e Deus quer uma em determinado momento e a outra em outro momento.

Segundo, para tirarmos o máximo de proveito da adversidade, temos de recorrer à Palavra de Deus naquilo que ela é relevante para a situação. Ao buscarmos relacionar as Escrituras às nossas adversidades, descobriremos que não só tiraremos proveito das circunstâncias em si, como adquiriremos nova percepção das Escrituras. Martinho Lutero teria dito: “Não fosse pela tribulação, eu não entenderia as Escrituras”. Embora possamos ir às Escrituras para aprender a reagir a nossas adversidades, descobrimos que essas adversidades, por sua vez, nos ajudam a entender as Escrituras. Não quer dizer que aprenderemos da adversidade algo diferente do que podemos aprender das Escrituras. Antes, a adversidade acentua o ensino da Palavra de Deus e a torna mais proveitosa para nós. Em alguns casos, os problemas esclarecem nosso entendimento ou fazem

com que enxerguemos verdades que antes deixamos passar despercebidas. Em outras ocasiões as adversidades transformam o “conhecimento mental” em “conhecimento emocional”, quando o conceito teológico se torna realidade para nós.

O puritano Daniel Dyke disse:

A palavra, então, é o depósito de toda instrução.

Não procure nova doutrina diferente a lhe ser ensinada

pela aflição que não esteja na palavra. Pois, na verdade,

aqui está nosso ensinamento pela aflição, que se enquadra e

nos prepara para a palavra, quebrando e subdividindo

a resistência do nosso coração, e tornando-o

flexível e capaz da impressão da palavra.[1]

Terceiro, a fim de tirar proveito das nossas adversidades, precisamos nos lembrar delas e das lições que nos ensinaram. Deus quer que façamos mais do que simplesmente suportar nossas provações, mais até do que apenas encontrar conforto nelas. Ele quer que nos lembremos delas, não só como provações ou sofrimentos, mas como suas disciplinas — os meios que ele utiliza para produzir crescimento em nossa vida. Ele disse para os israelitas: “Lembrem-se de como o SENHOR, o seu Deus, os conduziu por todo o caminho no deserto, durante estes quarenta anos, para humilhá-los e pô-los à prova. […] Assim, ele os humilhou e os deixou passa forme. Mas depois os sustentou com maná […] para mostrar a vocês que nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca do SENHOR” (Dt 8.2,3, NIV).

A “palavra que procede da boca do SENHOR” nesta passagem não é a das Escrituras, mas a palavra da providência de Deus (veja Sl 33.6,9 e 148.5 para uso similar). Deus queria ensinar os israelitas uma lição, a saber, que eles dependiam dele para receber o pão diário. Fez isso não incorporando essa verdade à lei de Moisés, mas introduzindo a adversidade sob forma de fome na vida deles. No entanto, para tirarem proveito dessa lição, eles devem se lembrar dela.[2]

PODA

Jesus disse que “todo [ramo] que dá fruto ele [Deus] poda, para que dê mais fruto ainda” (Jo 15.2, NIV). No campo da natureza, a poda é importante para a produção de fruto. Uma videira que não é podada apresentará grande crescimento, mas pouco fruto. Cortar as folhas indesejadas e inúteis força a planta a usar seu vigor na produção de fruto.

No campo espiritual, Deus precisa nos podar. Porque, mesmo sendo crentes, ainda temos uma natureza pecaminosa, tendemos a derramar nossas energias espirituais para aquilo que não é fruto de verdade. Somos propensos a buscar posição, sucesso e reputação, até mesmo no corpo de Cristo. Temos a tendência de depender de talentos naturais e da sabedoria humana.

Deus faz uso da adversidade para afrouxar nosso apego a essas coisas que não são frutos. Uma enfermidade grave ou a morte de alguém que nos é querido, a perda de bens materiais ou uma mancha na nossa reputação, o afastamento de amigos ou a colisão de nossos sonhos dourados contra as rochas do fracasso nos fazem pensar no que é de fato importante na vida. Posição ou bens ou até reputação deixam de parecer tão importantes. Começamos a entregar nossos desejos ou expectativas — inclusive os bons — à vontade soberana de Deus.

Passamos a depender mais e mais de Deus e a só desejar aquilo que valerá para a eternidade. Deus está nos podando, a fim de que sejamos mais frutíferos.

SANTIDADE

Quem de nós não lê essa lista de virtudes cristãs chamadas de fruto do Espírito — amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, amabilidade e domínio próprio — e não concorda que queremos todas essas características em nossa vida? Começamos até a pensar que estamos progredindo ao crescermos nelas.

Mas então vem a adversidade. Descobrimo-nos incapazes de amar, do fundo do coração, a pessoa que é instrumento da adversidade. Descobrimos que não queremos perdoá-la. Constatamos que não estamos dispostos a confiar em Deus. A descrença e o ressentimento de repente explodem dentro de nós. Ficamos assustados com nós mesmos. O crescimento no caráter cristão, que pensávamos estar ocorrendo em nossa vida, parece desaparecer como uma neblina. Sentimos como se voltássemos outra vez ao jardim da infância espiritual. Mas, por meio dessa experiência, Deus nos revela parte da corrupção remanescente em nosso interior.

Jesus disse: “Bem-aventurados os pobres em espírito […]. Bem-aventurados os que choram […]. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça…” (Mt 5.3,4,6). Todas essas descrições se referem ao crente que tem sido humilhado por sua condição de pecador, que chora por causa disso e anseia de todo o coração que Deus o transforme. Mas ninguém adota essa atitude sem ser exposto ao mal e à corrupção do próprio coração. Deus usa a adversidade para isso.

As Escrituras dizem: “Deus nos disciplina para o nosso bem, para sermos participantes da sua santidade” (Hb 12.10). Ao nos santificar, Deus vai muito

além do que apenas aos pecados específicos que possamos estar conscientes. Ele quer chegar à raiz do problema: a corrupção da nossa natureza pecaminosa, manifesta na rebelião da nossa vontade, na perversidade dos nossos afetos e na ignorância espiritual da nossa mente. Deus usa a adversidade para iluminar nossa mente a respeito das nossas necessidades, bem como dos ensinamentos das Escrituras. Ele usa a adversidade para reinar sobre nossos afetos que têm se revelado em forma de desejos profanos e para refrear nossa vontade obstinada e rebelde. Ao nos voltarmos para Deus a fim de que ele use sua disciplina em nossas vidas, podemos ter certeza de que no devido tempo ela produzirá “um fruto pacífico de justiça nos que por ela têm sido exercitados” (Hb 12.11).

DEPENDÊNCIA

Jesus disse: “sem mim nada podeis fazer” (Jo 15.5). Apartados da nossa união com Cristo e de uma dependência total dele, não podemos fazer nada que glorifique a Deus. No entanto, vivemos em um mundo que cultua a independência e a autossuficiência.

Deus precisa nos ensinar, pela adversidade, a confiar nele e não em nós mesmos. Até o apóstolo Paulo falou das próprias dificuldades, por ele descritas como “muito acima das nossas forças”, que elas aconteceram “para que não confiássemos em nós mesmos, mas em Deus, que ressuscita os mortos” (2Co 1.8,9). Deus permitiu que Paulo e seu grupo fossem colocados em uma situação tão desesperadora que eles chegaram a desanimar da própria vida. Não tinham para onde se voltar senão para Deus. Paulo precisou aprender a depender de Deus no campo espiritual bem como no físico. Qualquer que fosse seu espinho na carne (veja 2Co 12.7-10), era uma adversidade de que

Paulo estava desesperado para se livrar. Mas Deus a deixou ficar, não só para frear qualquer tendência de orgulho no coração de Paulo, mas também para lhe ensinar a depender da sua força divina. Paulo tinha de aprender que não era de

sua força, mas da graça de Deus — o poder capacitador de Deus — que ele devia depender.

Sou uma pessoa de muitos pontos fracos e poucos pontos fortes naturais. Minhas limitações físicas, embora não aparentes para a maioria das pessoas, impedem a amizade com outros homens por meio do golfe, do tênis ou de outros esportes recreativos. Sinto isso intensamente, e durante alguns anos lutei o tempo todo com Deus por causa disso. Mas, por fim, tive de concluir que meus pontos fracos eram na verdade canais para a força dele. Depois de muitos anos, penso que enfim estou no ponto em que posso dizer como Paulo: “eu me contento nas fraquezas […]. Pois, quando sou fraco, então é que sou forte” (2Co 12.10).

Não importa se, em nível natural, você possui predominantemente pontos fortes ou fracos. Você talvez seja a pessoa mais competente no seu campo de atuação, mas pode ter certeza de que, se Deus vai usá-lo, ele o fará sentir intensamente sua dependência dele. Ele costuma arruinar justo aquilo em que nos sentimos confiantes, de modo a aprendermos a depender dele, e não de nós mesmos.

PERSEVERANÇA

Aos destinatários da Carta aos Hebreus, que experimentavam perseguição e dificuldades por causa da fé em Cristo, o autor escreveu: “Porque necessitais de perseverança, para que alcanceis a promessa, depois de haverdes feito a vontade de Deus” (Hb 10.36). E: “corramos com perseverança a corrida que nos está proposta” (12.1).

Perseverança é o traço de caráter que torna possível a alguém perseguir um objetivo, apesar dos obstáculos e das dificuldades. Deus nos chama para fazermos mais do que apenas suportar o fardo da adversidade. Ele nos chama para perseverarmos (seguirmos em frente com firmeza) diante dela. Observe

como o escritor de Hebreus se concentra em atingir o objetivo: “… depois de haverdes feito a vontade de Deus…” e “… corramos […] a corrida que nos está proposta”. A vida cristã foi feita para ser ativa, e não passiva. O cristão é chamado para ir atrás da vontade de Deus com perseverança.

Cada um de nós recebeu uma corrida para disputar, uma vontade de Deus para cumprir. Todos nós encontramos inúmeros obstáculos e ocasiões desmotivadoras. Para disputarmos a prova e terminarmos bem, temos de desenvolver perseverança. Como fazemos isso?

Paulo e Tiago nos dão a mesma resposta. Paulo disse: “sabendo que a tribulação produz perseverança” (Rm 5.3). E Tiago registrou: “a prova da vossa fé produz perseverança” (Tg 1.3). Vemos aqui um efeito de mútuo aprimoramento. A adversidade produz perseverança, e a perseverança nos capacita a enfrentar a adversidade.

Embora a perseverança se desenvolva no crisol da adversidade, ela é estimulada pela fé. A força de Deus, não a nossa, é que nos capacita a perseverar. Mas nos apoderamos de sua força por meio da fé. Disse Jesus: “sem mim nada podeis fazer” (Jo 15.5). E Paulo disse: “Posso todas as coisas naquele que me fortalece” (Fp 4.13). Jesus e Paulo declaram dois lados da mesma verdade: sem a força divina não podemos fazer nada, mas com ela, podemos fazer tudo o que precisamos fazer.

SERVIÇO

Deus também traz a adversidade para nossa vida a fim de nos equipar para o serviço feito de forma mais efetiva. Tudo de que tratamos até agora — poda, santidade, dependência e perseverança — contribui para fazer de nós instrumentos úteis a serviço de Deus.

O apóstolo Paulo escreveu que “[Deus] nos consola em toda a nossa tribulação, para que também sejamos capazes de consolar os que passam por alguma tribulação, por meio da consolação com que nós mesmos somos consolados por Deus” (2Co 1.4). Todas as pessoas enfrentam tempos de adversidade, e todos necessitam de um amigo compassivo e atencioso que se coloque ao seu lado para consolar e encorajar nesses períodos. À medida que experimentamos o consolo e o encorajamento de Deus em nossas adversidades, somos preparados para nos tornar instrumentos em suas mãos, a fim de que sejamos capazes de consolar e encorajar outras pessoas. Na mesma proporção em que somos capazes de nos apoderar das grandes verdades da soberania, da sabedoria e do amor de Deus e de encontrar consolo e encorajamento nelas em nossas adversidades, seremos capazes de ministrar a outros em seus momentos de aflição. Encorajamos melhor outra pessoa apontando para a lealdade de Deus conforme revelada a nós nas Escrituras.

A COMUNHÃO DO SOFRIMENTO

O apóstolo João, escrevendo para os crentes perseguidos das sete igrejas da Ásia, identificou-se como “seu irmão e companheiro no sofrimento […] que [é] nosso em Jesus…” (Ap 1.9, NIV). O termo grego traduzido como companheiro significa “colega com quem se compartilha”. Trata-se de uma forma da palavra koinonia, da qual obtemos o termo comunhão.

Ou seja, João nos apresenta mais uma maneira de tirarmos proveito da adversidade: o privilégio de entrarmos em uma comunhão especial com outros crentes que também sofrem as dores da adversidade. Provações e aflições têm um efeito nivelador entre os crentes. Costuma-se dizer que “o chão é plano aos pés da cruz”. Isto é, não importa nossa riqueza, poder ou posição na vida: somos todos iguais na necessidade de um Salvador. Do mesmo modo, todos nós estamos sujeitos à adversidade. Ela atinge o rico e o pobre, o poderoso e o fraco, o superior e o subordinado, todos sem distinção.

Provações e aflições tendem a derrubar barreiras entre pessoas e dissolver qualquer aspecto de autossuficiência que possamos ter. Descobrimos nosso coração aquecido e atraído um pelo outro. Às vezes adoramos ao lado de outra pessoa, oramos juntos e até servimos juntos no ministério sem jamais sentirmos um laço de verdadeira comunhão. Mas de repente, de um estranho modo, a adversidade nos atinge. Na mesma hora percebemos um novo vínculo de comunhão em Cristo: a comunhão do sofrimento.

RELACIONAMENTO COM DEUS

Talvez o modo mais valioso de tirarmos proveito da adversidade seja no aprofundamento da nossa relação com Deus. Por meio da adversidade, aprendemos a nos curvar perante a sua soberania, a confiar em sua sabedoria e a experimentar as consolações do seu amor, até chegarmos ao ponto em que podemos dizer, como Jó: “Com os ouvidos eu tinha ouvido falar a teu respeito; mas agora os meus olhos te veem” (Jó 42.5). De conhecedores a respeito de Deus, passamos a conhecer o próprio Deus de uma maneira pessoal e íntima.

Acabamos de refletir sobre a comunhão do sofrimento entre crentes. Em Filipenses 3.10, Paulo fala da comunhão da participação nos sofrimentos de Jesus Cristo, ou seja, de crentes partilhando com nosso Senhor dos seus sofrimentos. A passagem diz o seguinte:

Quero conhecer Cristo, o poder da sua ressurreição e a participação nos seus sofrimentos, tornando-me como ele em sua morte (NIV).

Esse versículo tem dado vazão ao clamor mais profundo do coração dos crentes ao longo dos séculos: o desejo de conhecer a Cristo de um modo íntimo, pessoal

e sempre crescente. Se desejamos experimentar o poder da sua ressurreição, também podemos estar certos de que experimentaremos a comunhão dos seus sofrimentos.

Compreender que o sofrimento que Paulo vislumbra não se limita à perseguição por causa do evangelho, nos ajudará a valorizar a verdade ensinada por Paulo em Filipenses 3.10. O ensinamento do apóstolo inclui toda adversidade que alcança o crente e que tem como propósito final sua conformidade com Cristo, o que é descrito aqui por Paulo como “ tornando-me como ele em sua morte”.

Na Bíblia, repetidas vezes vemos homens e mulheres de Deus atraídos para um relacionamento mais profundo com Deus por meio da adversidade. Não há dúvida de que todas as circunstâncias na longa demora do nascimento de Isaque, e depois a experiência de levar o único filho até a montanha para oferecer como sacrifício, conduziram Abraão para um relacionamento bem mais profundo com Deus. Os salmos estão repletos de expressões de conhecimento cada vez mais profundo de Deus à medida que os salmistas o buscam em tempos de adversidade (veja, por exemplo, Sl 23, 42, 61 e 62).

Para o crente, toda dor tem sentido, e toda adversidade é proveitosa. Para nós, [meros mortais] ela sempre parece sem sentido e irracional, mas para Deus, nenhuma delas é sem sentido nem irracional. Ele tem um propósito para cada dor que traz ou permite que chegue à nossa vida. Podemos estar certos de que, de algum modo, Deus pretende que ela seja para nosso proveito e sua glória.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. Reflita sobre Gálatas 5.22,23. De que forma a adversidade nos ajuda a desenvolver:

amor;

alegria;

paz;

paciência (a capacidade de suportar o sofrimento por longos períodos sem desistir ou perder a cabeça);

amabilidade (uma resposta firme, mas de perdão aos transgressores);

domínio próprio.

2. Como a adversidade nos ajuda a crescer nestas áreas:

poda — abrindo mão dos nossos desejos e expectativas, mesmo dos positivos, de modo a abraçarmos a vontade de Deus;

santidade — expondo nossa rebeldia e desejos errados;

dependência — confiando em Deus e não em nós mesmos;

perseverança — perseguindo um objetivo a despeito dos obstáculos;

serviço — sendo o meio de Deus para consolar e encorajar outros na comunhão do sofrimento; unindo nosso coração à intimidade que outros crentes têm com Cristo; partilhando dos sofrimentos de Cristo.

3. Como Deus tem usado a adversidade para ajudá-lo a crescer?

4. Como Romanos 5.1-5 (ou alguma outra passagem que lhe venha à mente, talvez deste capítulo) pode ajudá-lo a crescer por meio da adversidade em vez de desmoronar debaixo dela?

5. Caso você esteja enfrentando uma adversidade neste exato momento, quais são alguns modos frutíferos de reagir a ela?

[1] Citado em C. H. Spurgeon, The treasury of David (Grand Rapids: Baker, 1984), vol. 4, p. 306.

[2] Um método que nos ajuda a lembrar das lições de Deus por meio da adversidade é manter um diário — um registro dessas lições — e revisá-lo periodicamente.

NOVE

ESCOLHENDO CONFIAR EM DEUS

Mas quando eu estiver com medo, confiarei em ti.

Em Deus, cuja palavra eu louvo, em Deus ponho

a minha confiança e não terei medo.

Que poderá fazer o mortal?

SALMOS 56.3,4

Há muitos anos, minha primeira esposa, que hoje está com o Senhor, foi diagnosticada com um grande tumor maligno na cavidade abdominal. Depois de oito semanas de radioterapia e mais um mês de espera, o médico pediu uma tomografia computadorizada para determinar se o tumor reduzira com sucesso. No dia anterior àquele em que conheceria os resultados da tomografia, minha esposa ficou bastante apreensiva e ansiosa com as notícias que ouviria no dia seguinte.

Havia alguns dias ela recorria a Salmos 42.11 em busca de segurança durante esse período difícil. O versículo diz: “Por que estás abatida, ó minha alma; por que te perturbas dentro de mim? Espera em Deus, pois ainda o louvarei, minha salvação e meu Deus”.

Voltando a Salmos 42.11 naquele dia, ela disse:

— Senhor, eu escolho não me sentir abatida; escolho não ficar perturbada;

escolho pôr minha esperança em ti.

Mais tarde ela me contou, ao relatar essa história, que seus sentimentos não mudaram de imediato, mas, depois de algum tempo, sim. Seu coração se acalmou quando ela escolheu deliberadamente confiar em Deus.

Davi, em tempos de aflição, também escolhia confiar em Deus. Em Salmos 56.3,4, nosso texto para este capítulo, ele admitiu sentir medo. Davi não foi petulante ou arrogante. Apesar do fato de ser um guerreiro de grande habilidade e coragem, havia momentos em que ele sentia medo. O título do salmo 56 [presente em algumas versões] indica a ocasião em que Davi o escreveu: "Quando os filisteus o prenderam em Gate". A narrativa histórica desse incidente diz que ele "teve muito medo de Áquis, rei de Gate" (1Sm 21.12).

Contudo, apesar do medo, Davi declarou para Deus: "confiarei em ti […] não terei medo". Repetidas vezes encontramos nos salmos a determinação de confiar em Deus — a opção de confiar nele, apesar de todas as aparências negativas. A declaração de Davi em Salmos 23.4, "não temerei mal algum", equivale a dizer: "confiarei em Deus diante do mal". Em Salmos 16.8, ele afirma: "Sempre tenho o SENHOR diante de mim; não serei abalado, porque ele está ao meu lado direito". Ter o Senhor sempre diante de mim é reconhecer sua presença e ajuda constantes, mas isso é uma coisa que precisamos escolher fazer.

Deus está sempre conosco. Como ele disse: "Nunca te deixarei, jamais te desampararei" (Hb 13.5). Não há dúvida da sua presença conosco. Mas temos de reconhecê-la; precisamos tê-lo sempre diante de nós. Devemos escolher se creremos ou não em suas promessas de constante proteção e cuidado.

Margaret Clarkson, ao discorrer sobre como podemos chegar a um lugar de aceitação da adversidade em nossas vidas, disse: "Começa sempre com um ato

de vontade da nossa parte; determinamo-nos a crer na bondade, providência e soberania prevalentes de Deus e recusamo-nos a nos desviar, não importa o que possa acontecer, não importa como nos sintamos”.[1]

Durante muitos anos, em minha peregrinação à procura de um lugar de confiança em Deus em todos os momentos — ainda estou longe do fim dessa jornada —, eu era um prisioneiro dos meus sentimentos. Acreditava equivocadamente que não podia confiar em Deus a menos que sentisse que confiava (um sentimento raro em momentos de adversidade). Agora estou aprendendo que confiar em Deus é, em primeiro lugar, uma questão da vontade, e não dependente dos meus sentimentos. Escolho confiar em Deus e meus sentimentos acabam indo na mesma direção.

Tendo dito que confiar em Deus é, em primeiro lugar, uma questão da vontade, deixe-me qualificar essa declaração para dizer que, acima de tudo, trata-se de uma questão de conhecimento. Precisamos saber que Deus é soberano, sábio e amoroso — de todas as formas que viemos a descobrir que esses termos significam nos capítulos anteriores. Mas tendo sido expostos ao conhecimento da verdade, cabe-nos então escolher se creremos na verdade sobre Deus, a qual ele nos tem revelado, ou se seguiremos nossos sentimentos. Se pretendemos confiar em Deus, devemos optar por crer em sua verdade. Temos de dizer: “Confiarei no Senhor, embora não sinta vontade de fazê-lo”.

ESTEJA DISPOSTO A ACREDITAR

Confiar em Deus em tempos de adversidade é reconhecidamente algo difícil. Nessa minha ênfase para que se opte por confiar em Deus, não tenho a intenção de sugerir que a escolha seja fácil como acontece quando penso em ir ou não à loja, ou mesmo se farei ou não algum ato sacrificial. Confiar em Deus é questão de fé, e esta é fruto do Espírito (Gl 5.22). Só o Espírito Santo pode fazer a Palavra de Deus ganhar vida em nosso coração e gerar fé, mas podemos escolher

depender dele para que faça isso, ou podemos escolher ser governados por nossos sentimentos de ansiedade, ressentimento ou dor.

John Newton, autor do hino “Amazing Grace” [Maravilhosa graça], viu o câncer matar lenta e dolorosamente sua esposa ao longo de um período de vários meses. Ao relatar esses dias, disse:

Creio que foi mais ou menos dois ou três meses antes de sua morte, quando eu andava de um lado para o outro no quarto, apresentando orações desconexas de um coração dilacerado pela angústia, que um pensamento de repente me assaltou, com força incomum, no seguinte sentido: “As promessas de Deus têm de ser verdadeiras; com certeza o Senhor me ajudará, se eu estiver disposto a ser ajudado!”. Ocorreu-me que muitas vezes somos levados […] [por darmos consideração excessiva aos nossos sentimentos] a ceder a essa dor inútil a que tanto nosso dever quanto nossa paz exigem que resistamos ao extremo da nossa força. No mesmo instante, disse em voz alta: “Senhor, sou de fato impotente em mim mesmo, mas espero estar disposto, sem reservas, a que tu me ajudes”.[2]

De que forma John Newton recebeu ajuda? Primeiro, ele escolheu ser ajudado. Constatou que era seu dever resistir “ao extremo da nossa força” a uma quantidade exorbitante de dor e distração. Entendeu que chafurdar-se na autopiedade era pecado. Então se voltou para o Senhor, sem pedir nada, mas só para indicar sua disposição de ser ajudado. Em seguida disse: “Não fui sustentado por consolações sensíveis e calorosas, mas pela capacidade de perceber em minha mente algumas das grandes e principais verdades da Palavra de Deus”.[3] O Espírito de Deus o ajudou dando vida a verdades bíblicas necessárias para ele. Newton escolheu confiar em Deus, para quem se voltou em atitude de dependência, e tornou-se capaz de compreender certas verdades excelentes das Escrituras. Escolha, oração e a Palavra de Deus foram os elementos cruciais para que ele recebesse ajuda a fim de confiar em Deus.

O mesmo Davi que disse em Salmos 56.4 “em Deus ponho a minha confiança e

não terei medo” declarou: “Busquei o SENHOR, e ele me respondeu, livrou-me de todos os meus temores” (Sl 34.4). Não há conflito algum entre dizer “não terei medo” e pedir a Deus para nos livrar dos nossos temores. Davi reconheceu que era responsabilidade sua escolher confiar em Deus, mas também que ele era dependente do Senhor para ter a capacidade de fazê-lo.

Mais uma vez, permita-me enfatizar que confiar em Deus não significa que não experimentamos dor. Significa crer que Deus está atuando por meio do nosso momento de dor para nosso bem supremo. Significa voltar às Escrituras no que diz respeito a sua soberania, sabedoria e bondade e lhe pedimos para usá-la com o intuito de trazer paz e consolo ao nosso coração. Significa, acima de tudo, não pecar contra Deus permitindo que pensamentos desconfiados e duros acerca dele dominem nossa mente. Significará talvez com frequência ter de dizer: “Deus, eu não compreendo, mas confio no Senhor”.

DEUS É DIGNO DE CONFIANÇA

Toda a ideia de confiar em Deus baseia-se, claro, no fato de que ele é absolutamente digno de confiança. Foi por isso que analisamos sua soberania, sabedoria e amor nos capítulos anteriores. Precisamos estar firmemente fundamentados nessas verdades das Escrituras.

Também temos de nos apropriar das grandes promessas do seu cuidado constante para conosco. Uma dessas promessas que faremos bem em guardar em nosso coração é Hebreus 13.5: “Nunca te deixarei, jamais te desampararei”. O pregador puritano Thomas Lye observou que nessa passagem no original o, grego, tem cinco negativas e por isso pode ser traduzido também como: “Eu nunca, não o deixarei; tampouco nunca, não o desampararei”.[4] Cinco vezes Deus enfatizou que não nos desamparará. Ele deseja que apreendamos com firmeza esta verdade: independentemente do que as circunstâncias indiquem, devemos acreditar, com base em sua promessa, que ele não nos desamparou nem nos

deixou à mercê dessas circunstâncias.

Às vezes podemos perder a percepção da presença e da ajuda divinas, mas nunca ficamos sem elas. Jó, em sua aflição, não conseguia encontrar Deus. Disse ele:

Mas, se eu vou para o oriente, lá ele não está; se vou para o ocidente, não o encontro. Quando ele está em ação no norte, não o enxergo; quando vai para o sul, nem sombra dele eu vejo! Mas ele conhece o caminho por onde ando; se me puser à prova, aparecerei como o ouro (Jó 23.8-10, NIV).

Jó, provavelmente, como acontece conosco, vacilava entre a confiança e a dúvida. Aqui vemos uma afirmação vigorosa de confiança. Ele não conseguia encontrar Deus em parte alguma. Deus retirara de Jó por completo a percepção reconfortante da sua presença. Mas Jó cria, embora não pudesse vê-lo, que Deus cuidava dele e o faria chegar ao fim daquela provação como ouro depurado.

Você e eu às vezes passamos pela mesma experiência de Jó — talvez não a do mesmo tipo ou na mesma intensidade de sofrimentos — mas na aparente incapacidade de encontrar Deus em algum lugar, qualquer que seja. Até o profeta Isaías disse a Deus certa ocasião: “Verdadeiramente, tu és um Deus que te escondes, ó Deus de Israel, o Salvador” (Is 45.15). Em tempos de angústia, devemos nos agarrar à promessa nua e crua: “Nunca te deixarei, jamais te desampararei”.

Somos convidados pelas palavras de Pedro a “[lançar] sobre ele toda [nossa] ansiedade, pois ele tem cuidado de [nós]” (1Pe 5.7). Deus cuida de você! Ele não só nunca o deixará — esse “nunca” é o lado negativo da promessa — como se importa com você. Ele não só está presente com você, como se preocupa com você. Seu cuidado é constante, não ocasional ou esporádico. Seu cuidado é total, até os cabelos da sua cabeça estão contados. Seu cuidado é soberano, nada pode

tocar em você sem que ele o permita.

Lançar nossas ansiedades sobre ele é, mais uma vez, uma questão de escolha. Devemos, por um ato de vontade, na dependência do Espírito Santo, dizer algo parecido com: “Senhor, eu escolho lançar essa ansiedade sobre ti, mas não consigo fazer isso sozinho. Confiarei em ti por meio da capacitação do teu Espírito para que, tendo lançado minha ansiedade sobre ti, não a tome de volta para mim”.

Confiança não é um estado passivo da mente. Trata-se, na verdade, de um ato vigoroso da alma, pelo qual escolhemos nos apoderar das promessas de Deus e nos agarrarmos a elas, apesar da adversidade que às vezes busca tomar conta de nós.

Há alguns anos e num período de poucos dias, enfrentei uma série de dificuldades relacionadas umas às outras. Não eram grandes calamidades, mas possuíam uma natureza tal que me causavam grande angústia. A princípio, o texto de Salmos 50.15 me veio à mente: “Invoca-me no dia da angústia; eu te livrarei, e tu me glorificarás”. Pus-me a invocar a Deus pedindo que me livrasse, mas parecia que quanto mais eu clamava, mais as dificuldades me sobrevinham.

Comecei a me perguntar se as promessas de Deus tinham algum sentido na realidade. Por fim, um dia, disse para Deus: “Levarei em consideração a tua Palavra. Vou crer que, no teu tempo e do teu modo, tu me livrarás”. As dificuldades não cessaram, mas a paz de Deus aquietou meus temores e ansiedades. E então, no devido tempo, Deus de fato me livrou daqueles problemas, e fez isso de maneira que eu soubesse que ele havia feito. Suas promessas são verdadeiras. Não podem falhar porque ele não pode mentir. Mas, para percebermos a paz que elas pretendem dar, temos de escolher crer nelas. Temos de lançar nossas ansiedades sobre ele.

ARMADILHAS PARA A CONFIANÇA

Por difícil que seja confiar em Deus em tempos de adversidade, há outros períodos da vida em que pode ser ainda mais difícil fazer isso. Seriam tempos em que as circunstâncias vão indo bem, quando, para usar a expressão de Davi, “As divisas caíram para mim em lugares agradáveis” (Sl 16.6, NIV). Em tempos de bênçãos e prosperidade temporárias, temos a tendência de depositar nossa confiança nessas bênçãos, ou, o que é pior, em nós mesmos como provedores dessas bênçãos.

Em tempos de prosperidade e circunstâncias favoráveis, demonstramos nossa confiança em Deus reconhecendo-o como o provedor de todas essas bênçãos. Deus fez a nação de Israel passar fome no deserto e depois a alimentou com o maná do céu, a fim de lhe ensinar “ que o homem não vive só de pão, mas de tudo o que sai da boca do SENHOR…” (Dt 8.3).

Então o que dizer de nós, com nossas despensas e geladeiras cheias de comida para as refeições de amanhã? Somos tão dependentes de Deus quanto eram os israelitas. Deus fez chover o maná para eles a cada dia. Para nós, ele pode prover um salário regular e muita comida no supermercado, pronta para comprarmos. Ele forneceu comida para os israelitas por meio de um milagre. Ele fornece nossa comida por meio de uma longa e complexa cadeia de acontecimentos naturais em que sua mão é visível apenas aos olhos da fé. Mas continua sendo sua provisão, tanto quanto foi o maná do céu.

Com que frequência nossas expressões de ação de graças à hora das refeições são pouco mais que um ritual rotineiro com pouco sentimento genuíno? Com que frequência paramos para reconhecer a mão provedora de Deus e lhe agradecemos por outras bênçãos temporais como as roupas que usamos, a casa em que moramos, o carro que dirigimos e a saúde de que gozamos? A dimensão em que agradecemos de verdade a Deus pelas bênçãos que nos proporciona é um

indicador da nossa confiança nele.

Salomão disse: “Alegra-te no dia da prosperidade, mas no dia da adversidade considera: Deus fez tanto um como o outro” (Ec 7.14). Deus faz os dias bons assim como faz os dias maus. Na adversidade, temos a tendência de duvidar do cuidado paternal de Deus, mas na prosperidade de nos esquecer dele. Se vamos confiar em Deus, devemos reconhecer nossa dependência dele em todos os momentos, tanto os bons quanto os maus.

Outra armadilha com que devemos tomar cuidado é a tendência de confiar nos instrumentos de provisão de Deus e não no próprio Deus. No curso usual dos acontecimentos em nossa vida, Deus provê nossas necessidades por meios humanos e não diretamente. Ele provê nossas necessidades financeiras por meio de nossa vocação e dá uma equipe médica para tratar de nós quando estamos doentes. Mas esses instrumentos humanos estão, em última análise, debaixo do controle da mão de Deus. São bem-sucedidos ou prosperam apenas até o ponto em que Deus os faz prosperar. Devemos ter o cuidado de olhar além dos meios e dos instrumentos humanos para o Deus que os utiliza.

Em Provérbios 18.10,11 há um contraste muito interessante e instrutivo estabelecido entre o justo e o rico. A passagem diz:

O nome do SENHOR é uma torre forte; o justo corre para ela e permanece seguro. Os bens do rico são sua cidade forte, como um muro alto em sua imaginação.

O contraste não é entre o justo e o rico em sentido absoluto, uma vez que há muita gente justa e rica ao mesmo tempo. Em vez disso, precisamos enxergar o contraste estabelecido entre os dois objetos principais da confiança do homem: Deus e o dinheiro. Quem confia no Senhor está seguro, ao passo que quem

confia em sua riqueza só se imagina seguro.

Há um princípio muito mais amplo para nós nessa passagem. Todos nós temos a tendência de manter nossas cidades muradas. Pode ser um diploma de pós-graduação com seu passaporte para um emprego garantido, nossas apólices de seguro ou nosso "pé-de-meia" para os anos de aposentadoria. Para uma nação, é sua prontidão militar. Qualquer coisa em que tenhamos a tendência de confiar que não seja o nosso Deus torna-se nossa "cidade murada", com seus imaginários muros impossíveis de serem escalados.

Isso não quer dizer que devamos desconsiderar os meios costumeiros de suprimento que Deus tem fornecido. Significa que não devemos confiar neles. O salmista disse "não confio no meu arco" (Sl 44.6), mas não declarou que o jogou fora. Temos de olhar com confiança para Deus, a fim de usar os meios que ele tem provido. Enquanto minha primeira esposa lutava contra o câncer, buscamos diagnóstico e tratamento de médicos especialistas. Voltamo-nos para Deus que, de acordo com sua vontade, daria sabedoria e orientação para os médicos. Embora respeitássemos a habilidade profissional dos médicos, sabíamos que Deus lhes dera essa habilidade e que só ele podia prosperá-la em qualquer situação que se apresentasse.

Também deveríamos ter em mente que Deus é capaz de operar com ou sem os meios humanos. Ele não depende dos meios que conseguimos antever. Na verdade, a experiência parece demonstrar que Deus se deleita em nos surpreender com seus modos de livramento para nos lembrar de que nossa confiança deve estar nele, e só nele.

Mais uma armadilha para a confiança em Deus em que somos propensos a cair consiste em nos voltarmos para Deus em confiança ao passarmos pelas grandes crises da vida, ao passo que procurarmos superar sozinhos as dificuldades menores. A disposição para confiarmos em nós mesmos faz parte da nossa natureza pecaminosa. Às vezes é preciso que haja uma grande crise, ou pelo

menos uma crise moderada, para nos voltarmos ao Senhor. Um sinal de maturidade cristã é confiar constantemente no Senhor nas minúcias da vida cotidiana. Se aprendermos a confiar em Deus nas adversidades menores, estaremos mais bem preparados para confiar nele nas maiores.

Philip Bennett Power, ministro anglicano do século 19, escreveu:

As circunstâncias diárias da vida nos proporcionarão oportunidades suficientes de glorificar a Deus em confiança, sem esperarmos quaisquer chamados extraordinários para nossa fé. Lembremo-nos de que são poucas as circunstâncias extraordinárias da vida; de que a maior parte da vida pode passar sem esse tipo de circunstância; e de que se não formos fiéis e não confiarmos no pouco, é pouco provável que o sejamos no muito. […] Que nossa confiança seja cultivada no berço humildade da nossa experiência diária, com suas pequenas carências, provações e pesares sempre recorrentes; e então, quando necessário, ela se apresentará para as grandes coisas que lhe forem exigidas.[5]

Contudo, seja a dificuldade grande ou pequena, devemos aprender a dizer com o salmista: “quando eu estiver com medo, confiarei em ti”.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. Que papel cada um destes itens desempenha na confiança em Deus?

•vontade (escolha, decisão)

•conhecimento

•sentimentos

2. a. Que sentimentos Davi expressa no salmo 56?

b. Onde você vê a opção de confiar em operação neste salmo como um ato da vontade?

3. Por que Deus merece sua confiança?

4. a. Quando nos sentimos ansiosos, às vezes há algo que podemos fazer e às vezes não. Relacione tudo que o deixa ansioso.

b. Que ação você precisa tomar?

c. O que precisa deixar nas mãos do Senhor?

5. Você se considera mais capaz de confiar em Deus do que quando começou este estudo? Se sim, o que ajudou? Se não, o que você acha que ainda falta?

[1] Margaret Clarkson, Grace grows best in Winter (Grand Rapids: Eerdmans,

1984), p. 21.

[2] John Newton, The works of John Newton, vol. 5, p. 621-2.

[3] John Newton, The works of John Newton, vol. 5, p. 623-4.

[4]Puritan sermons 1659-1689, vol. 1, p. 378.

[5] Philip Bennett Power, The “I wills” of the Psalms (Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1985, primeira publicação 1858), p. 63.

DEZ

SEMPRE DANDO GRAÇAS

Sede gratos por todas as coisas, pois essa é a vontade

de Deus em Cristo Jesus para convosco.

1 TESSALONICENSES 5.18

Aescritora Ellen Vaughn vivia apavorada com o dia em que sua mãe morreria. Nascida quando a mãe tinha 43 anos, Vaughn passou grande parte da vida com medo de perder a mãe que envelhecia. Quando o "dia temido" chegou — Vaughn já era uma mulher crescida e casada —, ela se surpreendeu ao encontrar, em meio a sua dor, algo com que não contava: "O dia que mais temi a vida inteira tornou-se a porta de entrada para uma verdadeira renovação". O sofrimento com a morte da mãe também "desencadeou uma torrente de gratidão que se precipitou como um rio sobre minha vida. […] A morte deixa claro que cada dia da vida é um presente suntuoso".[1]

Ellen Vaughn prossegue contando as histórias de indivíduos que aturaram sofrimento muito maior que o seu — como a de um piloto norte-americano, torturado na infame prisão vietnamita conhecida como "Hanoi Hilton", e a de um sacerdote católico, vítima de terríveis maus-tratos por seus sequestradores do Hezbollah, na Beirute devastada pela guerra. Vaughn explica que esses homens sobreviveram pela gratidão. Ela então indica a fonte da gratidão deles: a glória de Deus, conforme vista pelos profetas Ezequiel e Isaías.[2] Vaughn escreve:

Quando obtemos nosso ponto de referência para todas as coisas da majestade e da santidade de Deus — e não do nosso interior —, ele nos ajudará a perseverar. Voltar os olhos para a enormidade de Deus pode nos oferecer um lugar de descanso e a capacidade de dar graças, mesmo em meio a uma tragédia

indizível.[3]

Nosso Deus é glorioso, e neste livro analisamos três características dessa glória: sua soberania, sua sabedoria e sua bondade. Por causa delas, podemos confiar em Deus. E se pretendemos honrá-lo em nossos momentos de adversidade, temos de confiar nele. Pois, há mais em jogo do que experimentar paz em meio a dificuldades, ou mesmo o livramento delas. A honra a Deus deveria ser nossa principal preocupação. Assim, nossa resposta imediata à fidedignidade divina deveria ser: "Confiarei em Deus". Mas existem algumas respostas importantes que nos ajudam a progredir na confiança em Deus.

AÇÃO DE GRAÇAS

No texto que abre o capítulo, Paulo disse: "Sede gratos por todas as coisas". Devemos ser gratos em tempos maus e bons; pelas adversidades bem como pelas bênçãos. Todas as circunstâncias, favoráveis ou desfavoráveis segundo os nossos desejos, são ocasiões para dar graças.

A gratidão não é uma virtude natural; ela é fruto do Espírito, dado por ele. Por nós mesmos, não somos propensos a dar graças. Podemos acolher bem as circunstâncias que satisfazem nossos desejos e reclamar das que não o fazem, mas não é inato em nós dar graças. Uma das maiores acusações na Bíblia contra o homem foi feita por Paulo: "Mesmo tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças" (Rm 1.21).

A ação de graças é uma confissão de dependência. Por meio dela reconhecemos que, no mundo físico, Deus "dá a todos [nós] a vida, a respiração e todas as coisas" (At 17.25). E no mundo espiritual, foi Deus que nos vivificou em Cristo Jesus quando estávamos mortos em nossos delitos e pecados. Tudo o que somos

e temos, devemos à sua graça generosa. “Pois, quem te faz diferente dos demais? E o que tens que não tenhas recebido?” (1Co 4.7).

Como filhos de Deus, precisamos dar-lhe graças em todas as circunstâncias, tanto as boas quanto as más. Em seu Evangelho, Lucas conta a história de dez leprosos curados por Cristo (veja Lc 17.11-19). Todos os dez clamaram para ser curados, e todos os dez de fato experimentaram o poder de cura de Cristo, mas só um voltou para Jesus a fim de lhe agradecer. Como somos propensos a ser como os outros nove! Somos rápidos em pedir ajuda a Deus, mas muito esquecidos na hora de lhe dar graças. Na verdade, nosso problema é muito mais profundo do que o mero esquecimento. Assumimos um espírito de ingratidão por causa da nossa natureza pecaminosa. Assim, precisamos cultivar um espírito novo, o espírito da gratidão, o qual o Espírito Santo plantou dentro de nós no momento da nossa salvação.

Agora todos nós conseguimos enxergar a lógica na história dos dez leprosos: os dez deveriam ter retornado para dar graças a Jesus. Somos capazes até de reconhecer que muitas vezes somos como os nove homens esquecidos, quando deveríamos agir como o único que demonstrou gratidão. Não temos nenhum problema com a teologia da história, mesmo se falharmos em sua aplicação. Nesse sentido, não temos nenhum problema em aceitar a instrução de Paulo para darmos graças em todas as circunstâncias.

Encontramos dificuldade para aceitar a orientação de Paulo quando nossas circunstâncias são ruins. Suponha que uma pessoa seja curada de uma enfermidade terrível enquanto outra contrai uma doença. A teologia paulinas afirma que as duas, como crentes, deveriam dar graças a Deus.

Mais uma vez, qual o fundamento para dar graças? A soberania de Deus, sua sabedoria e seu amor, uma vez que mobilizam todas as mudanças e reviravoltas inesperadas e repentinas em nossa vida. Em suma, é a firme convicção de que Deus está em ação em todas as coisas para o nosso bem. É a disposição para

aceitar essa verdade da Palavra de Deus e confiar nela sem precisar saber exatamente como ele está operando para o nosso bem.

Podemos observar uma conexão muito íntima entre a promessa de Romanos 8.28 e a ordem de 1Tessalonicenses 5.18, quando compreendemos que a tradução literal das palavras em todas as circunstâncias (NIV) é “em tudo”. No grego, como na língua inglesa, as palavras e os sentidos são muito próximos. Devemos dar graças em tudo por sabermos que em todas as coisas Deus opera para o nosso bem.[4]

Além disso, temos de entender que Deus age de modo proativo, e não reativo. Ou seja, ele não apenas reage a uma adversidade em nossa vida para tirar o máximo de uma situação ruim. Ele sabe, antes de iniciar ou permitir a adversidade, a maneira exata como a usará para o nosso bem. Deus sabia exatamente o que estava fazendo antes de permitir aos irmãos de José vendê-lo como escravo. José reconheceu esse fato quando disse aos irmãos: “Assim, não fostes vós que me enviastes para cá, mas sim Deus… […] Certamente planejastes o mal contra mim. Porém Deus o transformou em bem” (Gn 45.8; 50.20).

ADORAÇÃO

Outra reação à fidedignidade de Deus consiste em adorá-lo em tempos de adversidade. Quando o desastre inicial se abateu sobre Jó, as Escrituras dizem que ele:

prostrou-se, rosto em terra, em adoração, e disse: “Saí nu do ventre da minha mãe, e nu partirei. O SENHOR o deu, o SENHOR o levou; louvado seja o nome do Senhor” (Jó 1.20,21, NIV).

Em vez de reagir contra Deus no momento da sua calamidade, Jó o adorou. Em vez de erguer o punho na face de Deus, prostrou-se diante dele. Em vez de rebeldia, houve um humilde reconhecimento da soberania divina: em sua soberania Deus lhe dera, e em sua soberania Deus tinha o direito de levar embora.

A adoração envolve uma visão bidirecional. Olhando para o alto, vemos Deus em toda sua majestade, poder, glória e soberania bem como em sua misericórdia, bondade e graça. Olhando para nós mesmos, reconhecemos nossa dependência de Deus e nossa condição de pecadores diante dele. Vemos Deus como o criador soberano, digno de ser adorado, servido e obedecido, e a nós como meras criaturas, pecadores indignos que falham, pois não o adoramos nem o servimos nem lhe obedecemos como deveríamos.

Somos devedores permanentes, não só pela misericórdia soberana de Deus em nos salvar, mas por todo o ar que respiramos, por todo bocado de alimento que comemos. Tudo provém da sua graça. Tudo no céu e na terra pertence a ele, e ele nos diz, nas palavras do proprietário de terras para os trabalhadores da sua vinha: “Não me é permitido fazer o que quero com o que é meu?” (Mt 20.15).

A adoração genuína em tempos de adversidade implica em uma atitude de humilde aceitação do direito divino de fazer o que lhe agrada em nossa vida. É um reconhecimento sincero, independentemente do que tenhamos em dado momento — saúde, posição, riqueza ou qualquer outra coisa a que possamos dar valor — é uma dádiva da graça soberana de Deus e pode ser tirada como lhe aprouver.

Mas Deus não age para conosco em soberania apenas, brandindo seu poder como um opressor ou tirano. Ele já agiu para conosco em amor, misericórdia e graça, e continua a fazê-lo ao trabalhar para nos conformar à semelhança de

Cristo.

Assim como nos prostramos em adoração diante do seu poder supremo, também podemos nos prostrar em confiança de que ele exerce esse poder em nosso favor, e não contra nós. Portanto, devemos nos curvar em atitude de humildade, aceitando sua atuação em nossa vida. Mas também podemos nos curvar em amor, sabendo que essa atuação, por severa e dolorosa que possa ser, provém de um Pai celestial sábio e amoroso.

HUMILDADE

A conexão imediata dos pensamentos de 1Pe 5.6,7 deveria ser encorajadora para nós em tempos de adversidade. Os dois versículos dizem:

Portanto, humilhai-vos sob a poderosa mão de Deus, para que ele a seu tempo vos exalte, lançando sobre ele toda vossa ansiedade, pois ele tem cuidado de vós.

Por um lado, temos de nos humilhar debaixo da poderosa mão de Deus — expressão equivalente à submissão, com um espírito de humildade, à atuação soberana de Deus para conosco.

E, por outro lado, devemos lançar nossas ansiedades sobre ele, sabendo que ele tem cuidado de nós. Ansiedades que, claro, surgem das adversidades que a mão poderosa de Deus introduz em nossa vida. Devemos aceitar as adversidades, mas não as ansiedades.

Nossa tendência é o oposto disso. Procuramos fugir das adversidades ou resistir a elas, mas o tempo todo agarrados às ansiedades que produzem. Lançamos nossas ansiedades sobre o Senhor quando nos humilhamos debaixo de sua soberania e depois confiamos nele em sua sabedoria e amor.

Humilharmo-nos deveria ser tanto uma resposta à adversidade quanto seu fruto. O apóstolo Paulo foi muito claro ao afirmar que o propósito principal de seu espinho na carne era refrear qualquer tendência de orgulho. Disse ele: “Portanto, para que eu não me tornasse arrogante, foi-me posto um espinho na carne, um mensageiro de Satanás para me atormentar” (2Co 12.7). Se Paulo tinha a tendência de se orgulhar, com certeza nós também temos. Portanto, podemos estabelecer como princípio o seguinte: sempre que Deus nos abençoa de alguma forma que possa gerar orgulho em nós, ele nos dará, com as bênçãos, um “espinho na carne” para se opor a esse orgulho e destruí-lo aos poucos. Seremos enfraquecidos de alguma maneira por meio de uma ou mais adversidades, a fim de que possamos reconhecer que nossa força está nele, e não em nós mesmos.

Podemos escolher como reagir a esse espinho na carne. Ou nos exasperamos debaixo dele, muitas vezes durante meses ou até anos, ou o aceitamos de Deus, humilhando-nos sob sua mão poderosa. Quando nos humilharmos de fato diante dele, no devido tempo experimentaremos a suficiência da sua graça, pois “Deus se opõe aos arrogantes, porém dá graça aos humildes” (Tg 4.6).

PERDÃO

A adversidade costuma nos sobrevir por meio das atitudes de outras pessoas. Às vezes essas ações prejudiciais são deliberadamente direcionadas a nós. Outras vezes, somos vítimas dos atos irres-ponsáveis de alguém e, embora não planejados com esse intuito, eles acabam nos afetando com gravidade. Como haveremos de reagir àqueles que são instrumentos da nossa adversidade? A resposta, sem dúvida, é: com amor e perdão.

Temos a tendência de culpar o outro, de guardar ressentimento e até de desejar vingança. Descobri que duas verdades me ajudam a perdoar. Primeiro, eu mesmo sou um pecador, perdoado pela graça de Deus e pelo sangue derramado do seu Filho. Tenho ferido pessoas, talvez nem sempre de maneira deliberada, mas inconscientemente, por um espírito desatento ou por atos egoístas.

Eclesiastes 7.21,22 diz: “Não escutes todas as palavras que se dizem, para que não venhas a ouvir o teu servo criticar-te; pois tu sabes também que muitas vezes criticaste outros”. Ainda que haja uma forte aplicação direta nessa passagem, há também um princípio mais amplo que fala ao tema do perdão. Podemos observar esse princípio reafirmando a ideia da passagem como segue: “Não se ressinta das pessoas que são instrumentos da adversidade na sua vida, pois em seu coração você sabe que às vezes tem sido o instrumento da adversidade na vida dos outros”.

Deus nos fala para perdoarmos uns aos outros, como ele nos perdoou em Cristo (Ef 4.32). Se quero que ele me perdoe quando prejudico os outros, então devo estar disposto a perdoar aqueles que são instrumentos da dor em minha vida.

Segundo, busco olhar além da pessoa usada como um instrumento para que eu enxergue Deus, que planejou essa adversidade para mim. “Quem poderia mandar e fazer acontecer as coisas, sem que o Senhor o tenha ordenado?” (Lm 3.37). Se Deus deu ordem para permitir essa provação em minha vida, é porque ele, em sua infinita sabedoria, a considera boa para mim. Por meio da adversidade, forjada pela outra pessoa, Deus está realizando sua obra em minha vida. Uma parte do humilhar-me debaixo de sua poderosa mão é resistir a qualquer tendência de amargura ou ressentimento no meu coração contra a outra pessoa. Embora seus atos possam ser pecaminosos em si mesmos, Deus os está usando em minha vida para o meu bem.

ORAÇÃO POR LIVRAMENTO

Um espírito de humilde aceitação em relação a Deus ou de perdão para com os outros não significa que não devemos orar por livramento das adversidades que nos sobrevêm. As Escrituras nos ensinam exatamente o contrário. Diversos salmos, por exemplo, contêm orações muito fervorosas por libertação de problemas de vários tipos. Sobretudo, temos o exemplo do próprio senhor Jesus, que orou: “Meu Pai, se possível, afasta de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres” (Mt 26.39).

Enquanto a consequência final de uma adversidade for duvidosa (por exemplo, no caso de uma enfermidade ou de um filho espiritualmente rebelde), precisamos continuar a orar, pedindo a Deus para mudar a situação. Mas devemos orar no mesmo espírito com que Jesus orou: não como eu quero, mas como Deus quer. Certamente nunca devemos exigir de Deus que ele mude a situação.

Também devemos orar por libertação dos ataques de Satanás. Como já vimos, esses ataques — como os danos causados por outras pessoas (por exemplo, o terrorismo ou o abuso sexual) ou os eventos calamitosos da natureza (por exemplo, terremotos ou furacões) — estão sob o controle soberano de Deus. Satanás não pode nos atacar sem a permissão divina ou ir além dos limites que Deus estabeleceu (veja Jó 1.12; 2.6; Lc 22.31). Não sabemos por que, em um caso específico, Deus permite que Satanás nos ataque. Mas às vezes isso acontece para que possamos nos envolver em uma guerra espiritual — para que possamos “… [resistir] ao Diabo…” (Tg 4.7).

Temos de orar por livramento e aprender a resistir aos ataques de Satanás no poder de Jesus Cristo. Mas devemos sempre orar em atitude de humilde aceitação daquilo que é a vontade de Deus. Às vezes a vontade de Deus é a libertação da adversidade; outras vezes, a provisão de graça para aceitarmos a adversidade. Confiar em Deus para ter a graça de aceitar a adversidade é um ato

de fé tanto quanto confiar nele para sermos libertos dela.

BUSCANDO A GLÓRIA DE DEUS

Acima de tudo, nossa reação à adversidade deve ser buscar a glória de Deus. Vemos essa atitude ilustrada na vida do apóstolo Paulo durante seu encarceramento em Roma. Ele não apenas estava preso, como havia homens — supostos colegas seus, ministros do evangelho — que tentavam aumentar-lhe os problemas com as pregações que faziam (Fp 1.14-17).

Qual a reação de Paulo? Ele disse: “Mas que importa? De qualquer forma, contanto que Cristo seja anunciado, quer por pretexto, quer não, alegro-me com isso e, sim, sempre me alegrarei.” (Fp 1.18). Em essência, ele afirmou: “Na verdade não importa o que acontece comigo ou como sou afetado por tudo isso, o importante é o que acontece com o evangelho”.

É provável que a maioria de nós não tenha progredido tanto na maturidade cristã. Não alcançamos o grau de espírito altruísta de Paulo. O que acontece conosco ainda importa. Mas esse deveria ser nosso objetivo, e se procurarmos oportunidades de crescer nessa direção, nós as encontraremos.

Talvez você ocupe certa posição de responsabilidade em sua igreja ou organização ministerial. E se chegar alguém mais talentoso que você, e lhe pedirem (talvez de maneira não muito graciosa) para dar seu lugar a essa pessoa? Como você reagirá? Aqui está sua oportunidade de crescer no sentido de se preocupar somente com a glória de Deus. Se considerar apenas Deus ao reagir e se humilhar debaixo da sua poderosa mão, você experimentará sua graça capacitando-o para se preocupar acima de tudo — se não totalmente — com sua glória. Você terá crescido mais na semelhança de Jesus, que se despiu da glória

que tinha para morrer em seu lugar.

Acima de tudo, você precisa ver a mão de Deus nesse acontecimento, sabendo que ele, que faz bem todas as coisas, planeja isso apenas para o seu benefício.

Uma última citação da pena de Alexander Carson nos ajudará a não só enxergar esse evento típico pela perspectiva devida, como também a reunir todas as verdades graciosas que temos aprendido nesses estudos:

Nada pode ser mais consolador para o homem [ou a mulher] de Deus que a convicção de que o Senhor que fez o mundo governa o mundo; e que cada acontecimento, grande ou pequeno, favorável ou adverso, está debaixo da absoluta disponibilidade dele que faz bem todas as coisas e que regula todas as coisas para o bem do seu povo. […] O cristão se mostrará confiante e corajoso no cumprimento do dever ao passo que enxergar Deus, em sua providência, governando em meio aos inimigos e agindo para o bem do seu povo, como também para sua própria glória, mesmo na perseguição do evangelho.[5]

VOCÊ CONSEGUE CONFIAR EM DEUS?

Vimos que Deus está no controle e que é digno de confiança. Ele é absolutamente soberano sobre cada evento no Universo, e exerce essa soberania de modo infinitamente sábio e amoroso para o nosso bem.

Então, permita-me perguntar: você consegue confiar em Deus? Seu completo relacionamento com Deus é tal que sobre ele você pode edificar um baluarte de confiança contra os ataques da adversidade? Você não pode confiar em Deus isolado de todas as demais áreas da sua vida. Para crescer na capacidade de

confiar em Deus em tempos de adversidade, você deve primeiro dispor da base sólida de um relacionamento pessoal diário com ele. Somente conforme o conhece na intimidade e busca obedecer-lhe por completo você será capaz de estabelecer um relacionamento de confiança com Deus.

E então, a essa base de uma vida vivida em comunhão com Deus, devemos acrescentar o que temos aprendido sobre ele neste livro — a respeito de sua soberania, sabedoria e amor. Precisamos nos apoderar dessas grandes verdades nas pequenas provações, bem como nas grandes calamidades da vida. Ao fazermos isso na dependência do poder capacitador do seu santo Espírito, estaremos mais e mais aptos a dizer: “Deus está no controle, e posso confiar nele”.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO E DEBATE

1. Por que devemos agradecer a Deus em todas as circunstâncias?

2. O texto de 1Tessalonicenses 5.18 quer dizer que devemos agradecer a Deus porque um filho morreu ou um divórcio aconteceu? Explique.

3. O que é adoração?

4. Por que devemos adorar a Deus particularmente em tempos de adversidade?

5. Por que humilhar-se é uma reação importante à adversidade?

6. Como entender a soberania de Deus nos ajuda a perdoar?

7. Em quais dessas reações à adversidade você mais precisa se concentrar em cultivar nesse estágio da sua vida? Justifique sua escolha.

•ação de graças

•adoração

•humildade

•perdão

•oração por livramento

•busca da glória de Deus

[1] Ellen Vaughn, Radical gratitude (Grand Rapids: Zondervan, 2005), p. 22.

[2] Veja especialmente Ezequiel 1 e Isaías 6.

[3] Vaughn, p. 144-5.

[4] Há uma discussão entre comentaristas se é preferível o fraseado da King James Version: “todas as coisas cooperam para o bem” (sendo todas as coisas o sujeito do verbo cooperar), ou o da tradução da New International Version, em que o sujeito é Deus — “em todas as coisas Deus age”. Seja qual for o nosso favorito, o resultado é o mesmo. Se todas as coisas cooperam para nosso bem é porque Deus ocasionou que assim fosse. Aliás, a New American Standard Bible traz: “Deus faz com que todas as coisas cooperem para o bem”.

[5] Alexander Carson, The history of providence (Grand Rapids: Baker, s.d.).

CONHEÇA OUTRAS OBRAS DO AUTOR

PECADOS INTOCÁVEIS



Jerry Bridges

14x21 cm – 176 páginas – brochura

Por que toleramos certos pecados?

Será que os cristãos vivem tão preocupados com os pecados considerados mais graves pela sociedade que se tornaram indiferentes à necessidade de tratar dos pecados mais sutis que todos cometemos?

Nessa obra Jerry Bridges aborda essa questão e escreve novamente sobre seu tema favorito: a santidade. Ele trata de um grupo específico de pecados em geral considerados "aceitáveis" ou "intocáveis", pecados que toleramos em nossa vida, tais como ciúme, raiva, orgulho, ingratidão e mania de criticar o próximo.

QUEM SOU EU?

NOSSA IDENTIDADE EM CRISTO

JERRY BRIDGES
AUTOR DO LIVRO PECADOS INTOCÁVEIS

VIDA NOVA

14x21 cm – 112 páginas – brochura

Jerry Bridges faz a pergunta mais fundamental e importante da existência humana: “Quem sou eu?”. Em seguida, busca na Palavra de Deus 8 respostas claras, inter-relacionadas e altamente iluminadoras:

•Sou uma criatura.

•Estou em Cristo.

•Sou justificado.

•Sou adotado por Deus.

•Sou nova criação.

•Sou santo.

•Sou servo de Jesus Cristo.

•Ainda não sou perfeito.

Uma apresentação honesta e sem rodeios da verdade bíblica, Quem sou eu?

demonstra para o crente que ele pode e deve, com todo o direito, lançar mão de um fundamento pessoal, inabalável e vitalício e confiar em somente uma verdade: o evangelho do nosso Salvador ressurreto e vitorioso.

Esta obra foi composta em Adobe Caslon Pro,

impressa em papel off-set 75 g/m², com capa em cartão 250 g/m²,

na Imprensa da Fé, em agosto de 2018.